VOZES INOCENTES NO MEU OUVIDO

DORIS STOKES

Tradução: Amadeu António

VOZES INOCENTES NO MEU OUVIDO

Doris Stokes com Linda Dearsley

Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha em 1983 pela Futura Publications, uma divisão da Macdonald & Co (Publishers) Ltd

Direitos de autor © Doris Fisher Stokes 1983

NOTA DA AUTORA

Doris Stokes gostaria de pedir desculpa aos pais de todas aquelas crianças que não são mencionadas neste livro. Fitas vitais com os detalhes de muitos casos históricos foram roubadas em trânsito, e ela não conseguiu recordá-los todos. Só pode esperar que a pessoa responsável se sinta profundamente envergonhada ao ouvir o desgosto e a tragédia registados. Dedico este livro a um dos cavalheiros da natureza, Dick Emery, que amava as crianças tanto quanto eu.

Gostaria de agradecer a todos aqueles que tão gentilmente me forneceram fotografias dos seus filhos – e só desejo que todas pudessem ter sido impressas neste livro. «A morte não é nada. Eu apenas me escapuli para o quarto ao lado. Eu sou eu e tu és tu. O que éramos um para o outro, ainda somos. Chama-me pelo meu antigo nome familiar; fala-me da maneira fácil que sempre usaste; não ponhas diferença no teu tom; não uses um ar forçado de solenidade ou tristeza; ri, como sempre rimos das pequenas piadas que desfrutávamos juntos; reza, sorri, pensa em mim, reza por mim; deixa que o meu nome seja sempre a palavra doméstica que sempre foi; deixa que seja falado sem efeito, sem o traço de uma sombra nele.

A vida significa tudo o que sempre significou; é a mesma que sempre foi; há continuidade ininterrupta. Porque é que eu deveria estar fora da mente porque estou fora da vista? Estou à tua espera, por um intervalo, algures muito perto – mesmo ao virar da esquina. Tudo está bem.» Com agradecimentos à mãe de Mandy, Jill, pelo conforto que as suas palavras deram a pais em todo o mundo.

CAPÍTULO 1

O rapaz apareceu quase imediatamente. Era uma criança pequena, asmada, talvez com quatro ou cinco anos, com cabelo castanho-escuro que

ondulava suavemente à volta da cabeça e um rosto pequeno e pontiagudo como o de um elfo. Ele sorriu-me e eu sorri de volta, mas então a minha atenção foi desviada por algo que os seus parentes estavam a dizer. Momentos depois, um flash de movimento chamou-me a atenção. Olhei à volta e lá estava ele – a tirar a roupa. Tirou o pulôver, tirou as calças de ganga, tirou as meias, tirou a roupa interior, e à medida que terminava com cada peça atirava-a ao chão.

Finalmente, quando estava nu como no dia em que nasceu, ficou em frente a mim, rosado, com covinhas e satisfeito consigo mesmo. Comecei a rir. «Qual é a graça?» perguntou o pai do rapaz porque, não sendo um médium, não conseguia ver o que tinha acontecido. «O malandrinho descarado!» ri-me eu. «Acabou de tirar toda a roupa e atirou-a ao chão. Está ali de pé nu em pelo!» Mas, para minha surpresa, o homem não riu. Começou a chorar. «Isso é a única prova de que preciso», disse ele. «O Paul era mentalmente retardado e costumávamos pedir desculpa aos convidados com antecedência porque, se ele achasse que estava a ser ignorado, tirava a roupa.»

O pequeno Paul tinha morrido ou, como eu diria, passado para o outro lado alguns meses antes, mas, embora a sua família já não o pudesse ver, ele não estava muito longe. Não tinha mudado. Já não era mentalmente deficiente, claro, mas a sua personalidade ainda era a mesma. Achou que estava a ser ignorado quando eu falei com outra pessoa, por isso tirou a roupa! Sempre fui louca por crianças e acho que é por isso que, mesmo hoje, as minhas comunicações com o outro lado são particularmente vivas se houver uma criança envolvida. Mesmo quando era criança, adorava as mais pequenas do que eu e pensava genuinamente que todos os bebés eram bonitos.

Desde a mais tenra idade, suplicava para os embalar e mudar as fraldas. As bonecas não me interessavam se houvesse um bebé verdadeiro por perto. «Pol», diziam as mães jovens (por alguma razão todos me chamavam Polly naqueles dias), «vem segurar a garrafa do nosso fulano». E eu ficava ali ao lado do carrinho, mal alta o suficiente para ver por cima da borda, orgulhosamente a segurar a garrafa até o bebé terminar. Depois, em bicos de pés, limpava-lhe cuidadosamente o rosto e a boca. Mesmo naqueles dias, recebia uma ajuda do mundo espiritual, embora fosse demasiado jovem para o perceber na altura. Lembro-me do dia em que

encontrei uma vizinha a empurrar o seu pesado carrinho antigo pelas ruas de Grantham, onde nasci.

A visão daquele carrinho era como um íman para mim e eu estava ao lado dela em segundos. O bebé estava sentado ali com o seu chapéu de sol com folhos, os punhos minúsculos a acenar, e juro que sorriu quando me viu. Saltei ao lado do carrinho por um bocado, a agitar o chocalho dele e a fazer caretas engraçadas para o fazer rir, mas no final não me consegui conter mais. «Oh, posso empurrar?» explodi, e a mulher riu. «Vai lá, Pol», disse ela, provavelmente contente por um descanso, «mas tem cuidado com o que fazes, é só isso».

Ela afastou-se e eu tomei o lugar dela no manípulo. Orgulhosamente, e com infinito cuidado, manobrei o carrinho por cima de cada fenda e solavanco e em breve estava a rolar como se tivesse nascido para aquilo. Estava tudo a correr bem – até tinha conseguido passar o lancil suavemente – quando de repente o bebé começou a tossir. Ao princípio, a mãe sorriu e deu-lhe palmadinhas indulgentes nas costas, mas à medida que a tosse piorava e ele ficava escarlate no rosto, ela ficou seriamente alarmada. «O que se passa?» gritou ela, soltando-o e lançando-me um olhar acusador como se suspeitasse que era culpa minha.

Assustada, olhei para a criança a soluçar. Eu só estava a empurrar o carrinho, mas poderia ter feito algo errado? O que se passa com ele, perguntei-me culpada. Instantaneamente, como se uma voz tivesse falado na minha cabeça, veio a resposta. Tem um amendoim preso na garganta. «Tem um amendoim preso na garganta», soltei em voz alta, sem parar para questionar como sabia. A mulher olhou para mim, depois meteu o dedo na boca do bebé. Um segundo depois saiu um amendoim não mastigado. Aparentemente, ela tinha estado a comer amendoins pouco antes e, pensando que o bebé era velho o suficiente para lidar com eles, tinha-lhe dado um par. Ele deve ter guardado um não mastigado na bochecha e esquecido até que foi pelo caminho errado.

De qualquer forma, a minha resposta estava certa. «Mas, Pol», disse a nossa vizinha enquanto assentava o bebé de volta no lugar, «como é que... ?» Depois parou, a expressão inquieta. «Sim, bem, acho que é melhor eu continuar a empurrar agora», terminou bruscamente e tristemente fui forçada a largar o carrinho. Ao longo da minha infância, vim a conhecer muito bem aquela expressão. Eu dizia algo bastante inocente, pretendendo ser útil, e um rosto adulto mudava de alívio para suspeita e depois cautela.

Quase se podia ouvi-los a pensar, «Mas como é que ela sabe estas coisas?» Se eu não fosse uma criança normal, terra-a-terra, a boa e velha filha do Sam e da Jenny Sutton, acho que poderiam ter tido medo de mim. Como era, ficavam inquietos, mas eu tinha algumas qualidades reconfortantes que me salvavam. Era uma pequena mãe em ponto pequeno e disso aprovavam, embora o meu envolvimento com os mais pequenos nem sempre me fizesse bem. Quando era um pouco mais velha, costumava levar o bebé Hazel Hudson, o mais novo dos filhos dos nossos vizinhos. Ia dar longos passeios com o carrinho, tagarelando com a Hazel que não entendia uma palavra mas que gorgolejava obrigatoriamente como se estivéssemos a ter uma conversa a sério.

Por isso, quando o irmão e a irmã da Hazel, o Kenny e a Joyce, apanharam escarlatina e foram enviados para o hospital de isolamento, foi natural que a senhora Hudson me pedisse para levar a Hazel a visitá-los quando ela não pudesse ir. Não me importei nada. O hospital ficava fora da cidade, e era um passeio agradável. Aconteceu que era um dia lindo no início da primavera, com as pontas dos crocus mesmo a despontar acima da terra. Era tão agradável, na verdade, que a minha irmã Edna e a amiga dela, Peggy, decidiram vir comigo. Foi um passeio divertido. A Hazel comportou-se bem como sempre e o resto de nós estava de bom humor.

Batemos à porta do hospital para entregar os doces e as revistas que a senhora Hudson tinha embalado, depois demos a volta até à janela da ala das crianças. Não podíamos entrar, claro, mas acenámos e gritámos para a Joyce e o Kenny através do vidro, e acho que os animámos. Isso devia ter sido o fim da minha boa ação. Mas na semana seguinte comecei a sentir-me mal. A cabeça doía-me, a temperatura subiu e, no fim de semana, estava a ser levada de volta ao hospital de isolamento de ambulância.

Enquanto me levavam pelo caminho numa maca, empurrei os cobertores da cara. «Não faças isso, amor», disse o homem da ambulância, empurrando-os de volta. «Só queria ver se os crocus já tinham florescido», murmurei. Mas era tarde demais. Estávamos pela porta adentro e a caminho da ala das crianças onde desta vez poderia animar a Joyce e o Kenny de dentro. Dos quatro que tínhamos saído naquela tarde de primavera para visitar as crianças Hudson, fui a única que apanhou escarlatina. Suponho que apanhei bastantes doenças infantis assim, mas isso não me dissuadiu. À medida que crescia, estava sempre rodeada de crianças e, quando

finalmente casei, não foi surpresa para ninguém que quisesse um bebé imediatamente. Bem, realizei o meu desejo.

Tive o meu bebé e esse bebé mudou a minha vida para sempre. Como expliquei no meu primeiro livro, Vozes no Meu Ouvido, o meu pequeno John Michael foi-me tirado quando tinha apenas cinco meses. Bloqueio do intestino, disseram. Operaram-no mas não adiantou. Morreu pouco depois. Foi a tragédia da minha vida. Quando se perde uma mãe ou um pai ou até um marido muito amado é suficientemente mau, mas quando se perde um filho é a pior coisa que pode acontecer. Essa criança é parte de nós e quando a criança morre parte de nós morre com ela. Infelizmente, não pude ter mais filhos, embora tivesse tido a sorte de adotar um menino chamado Terry que ainda está connosco.

No entanto, dessa tragédia aconteceu algo maravilhoso. Inconsolável com o desgosto, vagueei de igreja em igreja até acabar numa reunião espírita. Aí, finalmente, obtive prova da médium de que o meu filho não estava realmente morto, que era feliz e saudável e que estava a ser cuidado pelo avô do «outro lado». Naturalmente, quis saber mais. A minha mãe sempre fora muito contra «aqueles espíritas» e avisava-me continuamente sobre eles. Acabaria num manicómio se tivesse algo a ver com eles, calculava ela. Mas eram os únicos que me tinham conseguido oferecer algum conforto e eu estava determinada a descobrir do que se tratava a organização deles.

Foi assim que tudo começou. Gradualmente, percebi que era uma médium natural. Centenas de pequenos incidentes estranhos ao longo dos anos encaixaram e comecei a desenvolver os meus poderes. Se não tivesse perdido o John Michael, o meu dom poderia ter permanecido não usado e não desenvolvido. Embora trocasse de bom grado todos os meus poderes só para segurar o meu bebé nos braços outra vez, era bom pensar que a vida dele não fora em vão. Através do John Michael consegui ajudar centenas, e eventualmente milhares, de pessoas em todo o mundo. Hoje trabalho em todo o tipo de casos, de casas assombradas e assassinatos não resolvidos a reuniões públicas em vastos estádios e sessões privadas para parentes enlutados.

No entanto, notei que, sem exceção, ao longo dos anos as minhas sessões mais bem-sucedidas foram com mães que perderam filhos. Estou convencida de que isso é por causa do John Michael. A menos que se tenha perdido um filho, não se pode compreender verdadeiramente as emoções

complexas que nos dilaceram. Quando voltei do hospital naquele dia terrível, a primeira coisa que disse foi: «O que fiz para merecer isto? Devo ter sido muito má algures.» Sentimo-nos punidos. Sentimo-nos culpados. Pensamos, Foi culpa minha? Havia algo mais que pudesse ter feito?

Não importa como a criança morreu e por mais ilógico que pareça, culpamo-nos a nós próprios. Claro que toda a gente nos diz que o tempo é um grande curador, mas os meses passam e a culpa dá lugar à desolação e o desgosto fica como um bloco de gelo mesmo atravessado no plexo solar. Se fumamos, fumamos demais; se bebemos, bebemos demais; nada faz bem. Todas as manhãs acordava a pensar que era tudo um pesadelo, que olharia para o lado e veria o meu bebé a brincar alegremente no berço à espera que me levantasse. Depois lembrava-me e atingia-me tudo de novo. Não havia bebé, o berço estava frio e vazio, e o pesadelo era real. Na altura tudo parecia tão sem sentido e havia dias em que queria morrer.

Mas agora, anos depois, sei que fazia sentido, que havia um propósito no meu sofrimento. Agora, quando uma consulente entra pela minha porta, consigo dizer imediatamente se perdeu um filho e essa experiência comum fortalece o poder psíquico. Muitas vezes vejo a criança antes mesmo de a mãe tirar o casaco. Este sentido de afinidade foi particularmente forte quando conheci recentemente uma jovem chamada Denise. Sabia que ela tinha perdido um filho, mas havia algo mais do que isso e intrigava-me. A sensação persistia enquanto ia à cozinha ligar a chaleira para a nossa habitual chávena de chá antes da sessão.

Quando voltei à sala de estar, tive a sensação de um bebé ser colocado nos meus braços e percebi o que era esse algo. A Denise, como eu, tinha perdido um bebé menino, aos cinco meses. Além disso, sendo particularmente sensível, tivera uma premonição sobre a morte dele semanas antes, tal como eu sobre o John Michael. A Denise era divorciada e cuidava dos três filhos do novo marido bem como da filha do primeiro casamento, mas, à parte essa diferença nas nossas vidas, podia estar a encontrar-me a mim própria trinta anos antes.

Após a sessão, Denise explicou o que aconteceu antes de o seu bebé morrer. Tal como eu, mal ousava falar dos seus medos, não fossem as pessoas achar que estava louca. «O meu primeiro marido morreu inesperadamente poucas semanas antes de o Nathan nascer», disse ela. «Atingiu-me com força porque, embora estivéssemos divorciados, ainda gostava dele. De qualquer forma, o Nathan nasceu e esqueci o choque

porque havia muita preocupação com ele. Era um menino perfeito, mas prematuro e só pesava três libras. Foi um início difícil para ele, mas parecia estar a sair-se bem.

Trouxe-o para casa e ele estava a adaptar-se e as crianças estavam fascinadas com ele. Depois, um dia, poucas semanas mais tarde, estava sentada junto à lareira quando, do nada, o pensamento veio subitamente à minha cabeça: "O Len teve de ir para poder tomar conta do Nathan". Nem estava a pensar no meu ex-marido. Soa louco, mas instantaneamente soube que esta ideia estava certa. Estava tão certa que desatei a chorar, corri em pânico para verificar o Nathan e depois, quando tive a certeza de que ele estava bem, telefonei à minha irmã. "O Nathan vai morrer!", solucei.»

A irmã de Denise obviamente pensou que ela estava a sofrer com a tensão e a preocupação do nascimento prematuro. Fez sons reconfortantes, apontou como o Nathan se tinha tornado saudável e disse-lhe para se acalmar. «Senti que tinha sido tola», disse Denise, «mas não conseguia tirar a ideia da cabeça. No entanto, as semanas passaram e o Nathan estava bem. No final, pensei que devia ter imaginado coisas.» Tal como o John Michael, o Nathan era um bebé excecionalmente bom. Nunca chorava. Estava sempre feliz.

Deixava que qualquer um o pegasse ao colo. Parecia precisar de uma quantidade invulgar de sono e raramente acordava por si próprio. A maioria das manhãs, Denise tinha de o acordar para a mamada, mas quando mencionava isso a alguém, diziam apenas que se devia considerar sortuda. Com quatro outras crianças para cuidar também, depressa esqueceu a estranha premonição. Ou pelo menos a sua mente consciente esqueceu. «Nos meses seguintes, continuei a ter este sonho estranho», disse Denise. «Normalmente sonho a cores, mas este sonho era a preto e branco, como uma fotografia antiga.

Havia um grupo de pessoas de pé a conversar e a rir como se estivessem a divertir-se imenso. Mas ao olhar para elas, percebi que estavam todas mortas. Eram pessoas que eu conhecera no passado e que mais tarde morreram. Mas enquanto observava, tinha esta forte sensação de ser puxada para cima – como se me estivessem a puxar para cima para me juntar à festa. Gritei: "Não posso vir." Depois acordava. Por esta altura, estava a folhear um catálogo de compras e decidi comprar um fato preto. Ora, o preto é uma cor que nunca uso.

Fico mesmo horrível de preto e por isso não tenho nenhuma roupa preta. No entanto, embora não soubesse dizer porquê, estava convencida de que devia gastar bastante dinheiro neste fato que provavelmente ficaria horrível. A minha irmã não entendia. "Para que raio queres isso?", perguntou ela. E não sei o que me fez dizê-lo, mas respondi: "Oh, vai dar jeito para o funeral ocasional."» Três meses depois, Denise ia a conduzir para casa de uma ida às compras em Shrewsbury quando subitamente se alarmou e parou o carro. «Senti-me muito estranha», disse ela. «A sensação de ser puxada para cima que tivera no sonho voltou e muito forte e havia morte por todo o lado. Sei que soa louco.

Histérico, se quiserem. Não consigo explicar, mas, sem dúvida, a morte estava muito próxima. Olhei para o Nathan, mas ele dormia pacificamente e pensei que era eu que ia morrer. Tinha nevado e tudo estava muito branco e invulgarmente nítido como se estivesse a olhar através de binóculos, e o tempo todo estava a ser puxada para cima. A morte estava tão próxima que gritei em voz alta: "Oh não, eu não. Tenho todas as crianças para cuidar." Não sei se isso ajudou, mas gradualmente a sensação esvaiu-se e tudo voltou ao normal.

Fiquei ali sentada mais um bocado, a sentir-me trémula e a perguntar-me o que tinha acontecido. Depois lembrei-me de que as crianças viriam da escola, por isso voltei para casa. O Nathan parecia bem. Não havia nada de errado com ele. Fui eu que senti que o aviso era para mim. Nessa noite, pu-lo no berço como de costume e ele estava bastante feliz. Na manhã seguinte, fui buscá-lo e ele estava morto.» Os médicos disseram a Denise que o seu bebé fora vítima de morte no berço. Sabe-se muito pouco sobre a morte no berço para além do facto de ser um assassino silencioso que ataca bebés aparentemente saudáveis sem aviso.

É mais comum em bebés prematuros como o Nathan do que em crianças a termo, disseram, e pensavam que o facto de o Nathan dormir tanto era provavelmente significativo, mas era tudo o que lhe podiam dizer. Não era muito reconfortante e, à medida que os meses passavam, Denise não parecia melhorar. Não se importava com o que lhe acontecia, a vida não parecia valer a pena, e vagamente percebia que não estava a ser justa para o resto da família.

Em desespero, escreveu-me. Na altura da sessão, claro, não sabia nada sobre toda a história triste para além do facto de ela ter perdido um filho. Depois, ao voltar à sala de estar e sentir o bebé nos meus braços, olhei para

baixo e vi que era um lindo rapazinho, com cabelo loiro claro a formar caracóis por toda a cabeça. Parecia ter entre cinco meses e meio e seis meses e ria-se baixinho. Enquanto o admirava, uma voz disse-me que Denise tinha mais um filho seu e três do segundo marido e que este bebé, que era o primeiro filho conjunto deles, adormecera e acordara do outro lado. Denise confirmou que era certo. Depois, uma voz masculina forte com sotaque galês interrompeu.

Disse que era o marido de Denise e que passara para o outro lado muito depressa com um ataque cardíaco. «Ainda a amo», disse-me ele, «e pelo amor que tivemos, tomei o filho dela e fiz dele meu. Não podíamos viver juntos, mas ainda a amo.» Pensei que disse que se chamava Ken, mas ouvi mal. «Len», corrigiu Denise. O Len continuava a voltar ao casamento falhado. Obviamente preocupava-o não ter conseguido fazer Denise entender como se sentia por ela quando viviam juntos e queria corrigir isso agora. «Não foi desejo meu separarmo-nos», insistiu. «Teria dado a vida por ela, mas no final não conseguia comunicar com ela.

Ela parecia sempre fora do meu alcance. Pensei, o que quer que ela queira, concordarei, mas talvez estivesse errado. Talvez devesse ter-me esforçado mais. Não devia tê-la deixado ir.» Também estava preocupado com as outras crianças. Como muitas mães na mesma posição, Denise enviara todo o seu amor com o Nathan. Alimentava e cuidava das outras crianças de formas práticas, mas emocionalmente fechara-as fora. «Diz-lhe para ir para casa e dar um grande abraço à Emma Louise e aos outros três também», pediu o Len. Mas quando passei a mensagem a Denise, ela começou a chorar. «Não consigo, não consigo», soluçou ela. «Todo o meu amor foi com o Nathan.»

Isso acontece muitas vezes e é muito triste para as crianças que ficam, porque não entendem o que aconteceu. O irmãozinho ou a irmãzinha desapareceu misteriosamente e não volta e a mamã ralha com elas e já não sorri. Não se sabe o que passa pela cabeça das crianças pequenas. Muitas vezes pensam que a culpa é delas. Os pais parecem zangados com elas, por isso pensam que a morte deve de alguma forma ser culpa delas. «Denise, tens de tentar», supliquei-lhe. «Não é justo para as outras crianças. Tens de lhes dar mais atenção, particularmente à Emma Louise. Ela adorava o irmãozinho e sente terrivelmente a falta dele.»

Denise secou os olhos e prometeu que tentaria, embora não soubesse se seria bem-sucedida. A sessão continuou e a mãe dela, Hetty, voltou para

falar com ela e mencionou o nome Lilian. «É o meu nome verdadeiro», admitiu Denise com um sorriso, «mas nunca gostei dele e toda a gente me chama Denise.» Enquanto falava, uma luz quase como um feixe de lanterna apareceu subitamente e começou a dançar perto do ombro dela. Percebi que alguém mais se juntara a nós com uma mensagem. Era um homem. Estava do outro lado há três anos, disse, passara com cancro e pertencia à Margaret. «A Margaret é uma amiga», disse Denise devagar. «Oh, deve ser o marido dela, o Bill.

Morreu há três anos de cancro.» No entanto, ficou intrigada quanto ao motivo de o Bill aparecer durante a sessão, porque não o conhecera muito bem em vida. Porque se dera ao trabalho de vir? Foi só depois, quando encontrou a Margaret, que tudo encaixou. «A Margaret disse que não ficou nada surpreendida», escreveu-me Denise mais tarde, «porque, embora eu não me apercebesse na altura, o dia da sessão era o aniversário do dia em que ele morreu.» Nesse dia especial, o Bill estava obviamente a pensar na Margaret e, quando avistou as linhas de comunicação abertas com uma das amigas dela, não quis perder a oportunidade de lhe fazer saber que estava bem e que não se esquecera.

Muitas vezes ouve-se dizer que o desgosto une os casais, mas infelizmente descobri que nem sempre é verdade. Às vezes, os pais ficam isolados no seu sofrimento, afastados um do outro e incapazes de mostrar os seus sentimentos. Quanto mais tempo passa, mais alta cresce a barreira entre eles e mais difícil se torna derrubá-la. Lembrei-me disto pouco depois da visita de Denise, quando outra jovem mãe veio ver-me. Chamava-se Theresa e era uma rapariga bonita com cabelo escuro ondulado e um olhar de esperança nos olhos.

Foi só à medida que a sessão progredia que descobri a verdadeira tragédia que o seu aspeto desmentia. Tinham passado nove anos desde que perdera o filho e em todos esses anos ela e o marido nunca tinham falado dele, nem olhado para a fotografia dele. Era como se aquela criança nunca tivesse existido. Ora, isso é que eu chamo uma tragédia. A sessão começou de forma alegre. Duas vozes jovens vieram borbulhantes.

Pelo som, era um rapaz e ou uma rapariga ou um rapaz mais novo com uma voz infantil leve. Riam-se e tagarelavam um com o outro, bem como comigo, e estavam a brincar tanto que era difícil perceber o que diziam. «Tenho duas vozes aqui», expliquei à Theresa. «Duas crianças passaram para o outro lado?» «Sim, mas não eram ambas minhas», disse

ela. «Uma era da minha irmã.» Descobriu-se que eram ambos rapazes e, depois de enviarem o seu amor a vários membros da família, perguntei-lhes o que tinha acontecido. Houve muita interrupção excitada um do outro, mas finalmente esclarecemos. Um estivera doente e o outro tivera um acidente. Enquanto falávamos, uma dor aguda explodiu na parte de trás do meu pescoço. «Não tenho a certeza de qual é, Theresa», disse eu, «mas a parte de trás do meu pescoço dói.»

«É o meu filho», disse ela depressa. «Bem, foi ele que foi morto», disse eu enquanto a dor diminuía. Perguntei-lhe pelas suas últimas impressões. «Estou a cair», disse ele, «e depois há uma dor no pescoço e mais nada.» «Sim, é certo», sussurrou Theresa. «Ele caiu de um andaime e partiu o pescoço.» Enquanto ela falava, tive uma impressão fugaz de um rosto jovem vívido subitamente pressionado contra o dela e os braços do filho rodearam-lhe o pescoço num abraço rápido.

A Theresa era muito escura, mas o filho era loiro, quase louro, com olhos azuis invulgarmente brilhantes. Chamava-se Gary. Tinham passado nove anos desde que ele partira e queria dar o seu amor ao pai, Tony, e ao irmão Kevin. «A mamã podia olhar para mim, sabes, depois de acontecer», explicou ele, voltando ao acidente, «porque o meu rosto nem estava marcado.» O pai parecia estar particularmente na mente dele. «Estou muito orgulhoso do meu pai», disse ele, «mas ele acha difícil falar de mim.» A Theresa concordou que era verdade, mas o Gary continuava a voltar ao assunto. «A minha mãe e o meu pai não falaram um com o outro durante muito tempo.» Hesitei.

«Devias contar-me isto, Gary?», perguntei. Ele parecia achar que sim. «Bem, o que quer ele dizer, Theresa?», perguntei. «Quer dizer que não falavam dele um com o outro?» «Sim», disse Theresa. «Ainda não falamos.» Toda a história veio à tona. Desde o acidente do Gary, não tinham mencionado o nome dele, falado dele, olhado para a fotografia dele ou exibido uma fotografia em casa. Um estranho nunca saberia que alguma vez tiveram outro filho além do Kevin. Era uma das coisas mais tristes que já ouvira. Não sabia se sentia mais pena do Gary ou da Theresa e do marido dela. «Olha, amor, estás a magoar o Gary», expliquei gentilmente. «Ele ainda é o teu filho. Ainda vem a tua casa e pensa em si mesmo como um da família. Mas estás a excluí-lo.

Quando as crianças pequenas vão para o outro lado, são trazidas de volta pelos parentes para visitar os pais e ficam magoadas se parece que os

pais já não querem saber delas. Não podes simplesmente fechar a porta e pensar que se não falarmos dele será como se nunca tivesse acontecido. Não funciona assim. Suportaram o vosso desgosto individualmente, nunca tiveram um bom choro nos ombros um do outro, mas ajudaria tanto se pudessem partilhá-lo.» «Mas dói falar dele», soluçou Theresa. «Sim, mas estás a magoar o Gary também, e sei que não o magoarias por nada no mundo. Tira a fotografia dele, não importa o que o Tony diga.

Vai ajudar. O meu filho John Michael faria trinta e oito anos este ano, mas todas as noites antes de ir para a cama digo "Boa noite, que Deus te abençoe", e a primeira coisa de manhã quando saio do quarto vou à fotografia dele e digo "Bom dia, meu amor. Como está toda a gente?" Ainda sinto a falta dele, claro que sim, e há momentos em que digo "Se ao menos...", mas consigo desfrutar da minha vida porque sei que ele está bem e que o verei de novo um dia.» Não estava só a dizer isto para animar a Theresa. É bem verdade.

Até hoje, sempre que me sinto em baixo e entro num dos meus humores de "Se ao menos...", uma grande sensação de paz e amor inunda-me subitamente e sei que, embora não o veja, o John Michael veio para me assegurar que está lá. Não tinha a certeza de quanto desta conselho a Theresa conseguiria absorver de uma vez, mas sentia que era muito importante tentar. Não suportava a ideia do pobre Gary a ir e vir durante nove anos para ver os pais, só para descobrir que o tinham excluído.

Fico contente em dizer que obviamente impressionou Theresa da mesma forma. Pouco depois da sessão, recebi uma carta dela. «Quando cheguei a casa depois de te ver», escreveu ela, «pela primeira vez em nove anos, o Tony e eu conseguimos sentar-nos e falar sobre o Gary e tirar as fotografias dele...

Por isso, se não fizer mais nada este ano, sei que fiz algo que vale a pena...

Lembro-me tão bem do dia em que tive a prova de que o John Michael ainda vivia, um peso foi tirado das minhas costas. Se tivesse tido 10 000 libras para dar à médium que me disse, não teria sido suficiente. Simplesmente não há dinheiro suficiente no mundo para pagar essa alegria e verdade maravilhosas. É dado através do amor de Deus, por isso está para além de qualquer preço.

CAPÍTULO 2

Estava de pé numa casa que nunca vira antes. Havia uma sala de estar luminosa e bem mobilada com uma janela em arco numa extremidade e uma vista para o jardim na outra, mas era a lareira que me chamava a atenção.

Na parede ao lado da chaminé havia um grande quadro de uma jovem impressionante com cabelo castanho até aos ombros e olhos largos e expressivos com um toque de sorriso nas profundezas. Foram aqueles olhos que me prenderam. Havia algo estranhamente cativante neles. Era apenas um quadro, no entanto, para onde quer que se fosse na sala, quando se olhava para cima aqueles olhos pareciam estar a olhar diretamente para nós. Tínhamos a sensação mais estranha de que, quando virávamos as costas, a expressão no rosto da rapariga mudava e que, se nos virássemos suficientemente depressa, a apanharíamos antes de congelar no seu sorriso pintado mais uma vez.

«Sou eu, não é, Doris? Gostas?», disse uma voz ao lado do meu ouvido e percebi que a Gail Kinchin me estava a mostrar orgulhosamente o retrato que agora pendia na sala de estar dos pais dela. O retrato que fora pintado após a sua morte trágica.

Contemplei-o mais um momento, depois a cena mudou e desmoronou-se diante dos meus olhos, e eu estava de volta ao meu próprio apartamento com a mãe da Gail, Josie, sentada em frente a mim. Mas a Gail ainda lá estava.

«É verdade sobre os meus olhos», acrescentou ela. «A mãe diz que eles a seguem pela sala e seguem mesmo.»

Josie confirmou que desde que pendurara o quadro notara isso. Notara outras coisas estranhas também. Uma noite, quando afastou a fotografia da Gail da flor que estava numa jarra ao lado dela, a flor murchou imediatamente.

«Foi a coisa mais estranha», disse Josie. «Movi a foto para a cadeira ao meu lado e uns minutos depois o meu marido disse: "Olha para aquela flor!" E ela tinha tombado completamente. Apenas por curiosidade, movi a foto de volta e passados um ou dois minutos a flor recuperou.»

Era claro que a Gail ainda tinha um interesse vivo pela família e queria que soubessem que não estava longe. Até aparecera um par de vezes.

«Eu não a vi», disse Josie tristemente. «Gostava de ter visto, mas no dia antes do funeral a amiga dela disse-me: "A Gail veio ter comigo." E eu disse: "O quê?" Soava tão peculiar, mas ela insistiu que não estava a imaginar coisas. "Ela está a chorar imensas lágrimas", disse ela, "porque todos vocês se lembram dela mas não do bebé."

«E uma noite mais tarde a avó dela viu-a. Aparentemente perguntou: "Quem é esta mulher que vai ficar com os nossos cães? É melhor dizeres-lhe que é melhor ela tomar bem conta deles."»

Não fiquei surpreendida por a Gail estar tão preocupada com a família quando percebi quem era e as circunstâncias horríveis da sua morte. O nome soara-me vagamente familiar e, à medida que a sessão progredia, percebi que era a rapariga que fora acidentalmente alvejada pela polícia uns anos antes quando o namorado a usara como escudo humano durante uma rusga ao apartamento dele.

Muitas pessoas recordar-se-ão do caso mas saberão pouco dos eventos que levaram ao pesadelo. Foi só quando Josie me contou toda a história após a sessão que entendi porque é que a Gail queria tanto contactar a mãe.

«A Gail era uma verdadeira maria-rapaz», disse Josie. «Nunca se preocupou com os rapazes. Gostava de sair à noite com o padrasto e comigo, era louca por discos e adorava crianças. Ela e a amiga costumavam ir fazer baby-sitting e ao fim de algum tempo a Gail começou a fazer baby-sitting para um casal que morava do outro lado da rua. Tinham um menino de quem ela gostava muito.»

O acordo durara algumas semanas quando Josie começou a sentir-se inquieta. Descobriu que o casal não era casado e embora não tivesse nada contra o David Pagett no início o marido dela, Jim, nunca gostara dele e ela começou a sentir o mesmo.

«Ele era muito suave e bom conversador e no início, quando não havia razão para suspeitar do contrário, acreditava-se no que dizia», continuou Josie, «mas ao fim de algum tempo percebi que era tudo conversa. Não se podia confiar nele para dizer a verdade. O problema era que a Gail, sendo muito mais nova, só dezasseis anos, e mais impressionável, era muito vulnerável. Nunca tivera um namorado a sério antes, não tinha experiência com homens e suponho que, aos olhos dela, ele era maravilhoso.»

Quando Josie percebeu que saíam juntos em segredo, já era tarde demais. A Gail estava apaixonada.

«Ele tinha o dobro da idade dela e impressionou-a mesmo. Costumava levá-la a jantar em restaurantes simpáticos e comprava-lhe roupas. Mas também começaram a aparecer nódoas negras estranhas nos braços dela. Bem, claro, não gostei nada disso e confrontei a Gail sobre o assunto. Ambas podemos ser um bocado fogosas. Houve uma discussão e eu disse: "Se não parares de o ver podes fazer as malas e ir-te embora." Foi só uma daquelas coisas que se dizem. Nunca sonhei que ela se fosse embora mesmo – mas foi.»

A companheira de facto do David Pagett saíra indignada quando descobrira o caso, deixando o Pagett com o filho deles.

«Ele queria que a Gail se mudasse para lá e tomasse conta do menino e ela ficou bastante contente com isso. Gostava muito dos dois», disse Josie. «Não a pude impedir. Fui à polícia, fui aos serviços sociais, mas disseram que não podiam fazer nada. A Gail tinha mais do que a idade de consentimento e não precisava de voltar para casa a menos que quisesse.»

À medida que as semanas passavam tornava-se claro que a relação estava a correr mal. Os vizinhos contaram a Josie de discussões violentas entre o casal e quando via a Gail, a rapariga estava geralmente com nódoas negras.

Tentei persuadi-la a voltar para casa, mas ela nunca o fez. Um dia, quando eu ia sair, vi um carro parar do outro lado e a Gail saiu, a chorar e coberta de nódoas negras. "Porque não vens para casa, amor?", perguntei. "Que poder é esse que ele tem sobre ti?" E ela disse: "Não sabes como ele é, mãe." E aparentemente na noite em que aconteceu a Gail disse à amiga Marie que ele dissera: "Se fores para casa vou atrás da tua mãe." E ela acreditava mesmo que ele me mataria se ela o deixasse.»

Apesar das ameaças dele o Pagett obviamente ainda temia a influência de Josie sobre a filha porque subitamente mudou a pequena família para um apartamento do outro lado de Birmingham, bem longe da antiga casa da Gail. Mas o contacto não foi cortado. Quando o Pagett saía a Gail telefonava muitas vezes à mãe e Josie, que tinha o seu próprio carro, visitava a Gail sempre que a costa estava livre. Um dia, no entanto, para surpresa dela, encontrou o Pagett em casa e aparentemente de bom humor.

«Parecia mesmo satisfeito consigo mesmo», disse Josie. «"Acho que devias saber que ela está grávida", disse-me ele. Tenho a certeza de que a engravidou deliberadamente porque pensou que isso me faria renegá-la. Devo admitir que fiquei chocada mas estava determinada a não o deixar ver

isso. "Ótimo", respondi secamente, "porque não vai nascer neste buraco." Mais tarde disse à Gail que achava que ela tinha mais juízo mas não estava mesmo zangada. Como se pode estar zangado com um novo neto a caminho?

«Mas fiquei cada vez mais preocupada. A Gail não ia às consultas pré-natais porque o Pagett não queria que ninguém visse as nódoas negras dela. Um dia a irmã dele veio ter comigo e disse: "Tens de tirar aquela rapariga dele. Ele vai matá-la."

«Gail, esse bebé vai nascer com algum problema», suplicava eu, mas mesmo assim ela não se mexia, embora eu soubesse que não era feliz.

Então um dia telefonou-me e disse que não aguentava mais. "Certo", disse eu, "vou buscar-te agora."

«Mas não posso sair, deixaram-me a fazer baby-sitting», disse ela.

"O Timmy está bem, está a dormir, não está?", disse eu. "Vou vestir o casaco e já lá vou."

«Conduzi até ao apartamento o mais depressa que pude e quando a Gail abriu a porta estava a tremer. Correu para o carro e fiz o caminho de volta ainda mais depressa do que o de ida. Ainda estava a tremer quando chegámos a casa por isso preparei-lhe um banho e enquanto ela entrava fiquei chocada ao ver que não se podia meter um dedo entre as nódoas negras que lhe cobriam o corpo. Estava preta e azul por todo o lado.»

Josie esperava que agora que a Gail estava afastada do namorado o pior tivesse passado e no início parecia que tinha razão.

«Ele ficou furioso quando descobriu e telefonava todas as noites a discutir. Não o deixávamos falar com a Gail e o Jim, o meu marido, disse-lhe para se manter afastado da casa ou lhe partia o pescoço. Mas a Gail parecia assentar. Saímos e comprámos tudo para o bebé, um berço, uma banheira e um cesto de transporte, tudo. Ela ficou encantada.

«Então o Pagett começou a telefonar durante o dia enquanto estávamos no trabalho e eu chegava a casa e encontrava a Gail em lágrimas. Falei com a assistente social no hospital na esperança de um conselho mas ela só disse: "Porque não fazem um compromisso? Tenham-na em casa, mas deixem-na vê-lo."

«Sabia que isso seria um desastre mas certamente não queria manter a Gail trancada. Incentivei-a a sair com os outros amigos e ela saiu. Parecia divertir-se.

«Então uma noite em junho, o Jim e eu íamos a casa do filho do Jim e a Gail e a amiga iam ficar com a irmã da amiga. O Jim e eu deixámo-las no caminho e não pensámos mais nisso. Devemos ter chegado a casa pouco antes da meia-noite o que era bastante normal. Fui para a sala de estar fechar as cortinas, o Jim dirigiu-se para a cozinha para ligar a chaleira, quando a campainha tocou.

«"Eu vou, amor", chamou o Jim e saiu para atender.

Estava só a perguntar-me quem poderia ser àquela hora da noite, quando houve um grande estrondo. O Jim veio a correr de volta, agarrou-me e arrastou-me para o jardim.

«"Depressa, ele tem uma arma!", gritou ele.

«Mas o Pagett estava mesmo atrás de nós. Virei-me e vi uma espingarda de canos duplos apontada diretamente ao Jim. Sem pensar, atirei-me para a frente e arranquei o cano para cima mesmo quando o Pagett disparou. Houve um estalido alto e o tiro atravessou a janela do quarto da Gail. Furiosamente, o Pagett virou-se, derrubou-me com a coronha da arma e apontou ao Jim de novo, mas desta vez o Jim estava preparado. Saltou para a vedação do jardim que tem um metro e trinta e cinco de altura. Outro tiro soou e o Jim desapareceu por cima da vedação.

«Fez-se silêncio. Teria sido atingido? O Pagett parecia achar que sim. Estaria o meu Jim deitado morto no jardim do vizinho?

«Não houve tempo para descobrir. O sangue escorria-me da cabeça mas o Pagett arrastou-me pelo cabelo e marchou-me para o carro dele. "Certo, sua cabra!", gritou ele. "Onde é que a tua filha se está a esconder?"

«Não lhe disse. Não podia mesmo que quisesse. A minha boca estava seca como um deserto. Mas ele continuou a ameaçar disparar se eu não respondesse. Provavelmente já tinha matado o Jim por isso não duvidava que falava a sério. No final dei-lhe a morada de outra amiga da Gail. Pensei que ele poderia ir para lá o que me daria tempo para telefonar à polícia, mas não. Empurrou-me para o carro e levou-me com ele.

«"É melhor não ser o apartamento errado, é só isso", rosnou ele.

«Bem, claro que era, mas a rapariga que atendeu a porta disse-lhe a verdade. Não teve muita escolha. Levei outra pancada mas não me importei porque pensei que pelo menos a rapariga teria o juízo de telefonar à Gail e avisá-la de que íamos a caminho.

«Bem, ela telefonou, mas infelizmente a Gail teve um ataque de histeria quando ouviu. As amigas disseram-lhe para ir esconder-se mas ela não quis.

«"Ele tem a minha mãe! Ele tem a minha mãe! Vai matá-la", continuou a soluçar e recusou-se a mexer-se.

«Entretanto o Pagett conduzia como um maníaco e chegámos ao apartamento mesmo quando o namorado da outra rapariga chegava. O Pagett chamou "John!" todo amigável, e quando as raparigas abriram a porta ao John, que elas pensavam que seria capaz de tomar conta delas, estávamos mesmo atrás dele.

«Dentro do apartamento o Pagett cobriu-nos a todos com a arma.

«"Vem para aqui", ordenou à Gail, mas ela vira que a minha cabeça sangrava.

«"O que fizeste à minha mãe?"

«Ele bateu-lhe, deu-me uma pancada nas costelas com a arma para me impedir de ir em auxílio dela e atirou-a pelas escadas abaixo. Ela estava grávida de seis meses. Depois arrastou-me atrás dela e empurrou-nos às duas para o carro. Não havia muito espaço porque a Gail já estava bastante grande, mas sentou-se ao meu colo. O Pagett saltou para o lugar do condutor, virou o carro e era óbvio que se dirigia de volta ao apartamento dele. Conduzia como um lunático e o tempo todo batia na cara da Gail com a mão livre. Eu tentava protegê-la e perguntava-me o que raio podíamos fazer. Pensei que se agarrasse o volante ela iria direta pelo para-brisas.

Então olhei para trás e vi um carro da polícia ao longe. Não fazia ideia se era só coincidência ou se nos procuravam, mas o Pagett também o viu.

«"Vou parar e tu podes conduzir", disse ele.

Se ele pensou que eles poderiam estar à procura de um carro com um homem ao volante e ficariam despistados se eu estivesse a conduzir, ou se simplesmente queria as mãos livres para lhes disparar se se aproximassem demais, não sei, mas pensei que esta era a nossa oportunidade de fuga. Concordei e ele parou o carro. Obedientemente abri a porta depois empurrei a Gail para fora com toda a força que pude e ela correu para a rua a gritar por ajuda.

«"Ele tem uma arma! Vai matar-nos!"

«O Pagett foi apanhado de surpresa e, enquanto estava desprevenido, agarrei-lhe o cabelo e bati-lhe com a cabeça no para-brisas o mais forte que pude. Queria deixá-lo inconsciente mas nem pareceu magoá-lo. Virou-se

furioso, atirou-me para fora do carro e saltou atrás de mim com a arma na mão.

Eu tinha a certeza de que estava acabada. Ele estava de pé por cima de mim, com o cano da pistola a poucos centímetros da minha cabeça, o dedo no gatilho. Foi então que ouvi a voz da Gail.

«Não faças isso! Não dispares! Eu faço o que quiseres, o que quiseres, só peço que não dispares!»

Para minha surpresa, ele hesitou, baixou a arma e empurrou a Gail de volta para dentro do carro. O motor arrancou e desapareceram a toda a velocidade, deixando-me estendida no chão.

Fiquei completamente frenética. Tinha um pavor terrível do que ele pudesse fazer à Gail quando a levasse de volta para o apartamento dele. Levantei-me de um salto e, ao entrar na estrada, vi um rapaz numa mota a vir na minha direção. O pobre miúdo deve ter pensado que eu era louca. Fiz-lhe sinal para parar, disse «Segue aquele carro!», exatamente como nos filmes, e trepei para a garupa. Ele não gostou nada da ideia, mas acho que não se atreveu a desobedecer-me.

Passado um bocado, a Josie fez sinal a um carro que passava e levaram-na à esquadra da polícia e depois ao apartamento.

«O apartamento estava cercado pela polícia quando chegámos e havia uma ambulância à espera. "É melhor ires na ambulância", disse alguém, e eu pensei que estivessem preocupados com o ferimento que tinha na cabeça. Mas claramente não era nada disso. Trancaram-me lá dentro. Suponho que para eu não entrava em pânico nem atrapalhasse. Durante duas horas estive ali sentada a roer as unhas, consumida pelo medo e pela frustração. Depois ouvi movimento lá fora.

«Os atiradores de elite chegaram», disse o motorista da ambulância, todo alegre, pensando que eu ficaria mais tranquila com a atualização.

Fiquei horrorizada. «Meu Deus.»

«Está tudo bem, não vão disparar», tranquilizou-me ele, mas, ainda antes de terminar a frase, ouviram-se tiros.

As portas da ambulância abriram-se e eu saí a correr, a tempo de ver a Gail a ser transportada do apartamento numa maca.

«Dêem-me uma arma que eu mato o cabrão!», gritei enquanto corria para a Gail. Mas estava a chorar e a segurar-lhe a mão e sabia que não a podia deixar.

No hospital, disseram à Josie que o bebé tinha morrido, que as hipóteses de sobrevivência da Gail eram muito reduzidas e que o marido dela, o Jim, estava vivo, mas podia perder a perna. O Pagett tinha-lhe ferido a coxa.

A Gail morreu um mês depois. O Pagett foi condenado a doze anos de prisão.

Quando a Josie terminou aquela história terrível, fez-se um silêncio tão grande na sala que se poderia ouvir cair um alfinete. Como é que ela tinha conseguido manter a sanidade ao longo daqueles dois anos, eu não conseguia imaginar. Por vezes pergunto-me o que raio está a acontecer ao mundo, parece haver tanta violência. Mas pelo menos, agora que conhecia o contexto, conseguia enquadrar melhor a sessão. Uma coisa que sempre me intrigara era o facto de a Gail se recusar a falar do namorado.

«Ele!», dissera ela com veemência. «Nem quero pensar nele.» Nem sequer dizia o nome.

Na altura achei estranho, mas depois de ouvir a história da Josie, a razão tornou-se clara. A Gail amava muito a família e sentia-se angustiada com toda a infelicidade que o David Pagett lhes tinha causado.

Ela apareceu logo que eu entrei em sintonia e apercebi-me de que tinha uma personalidade muito marcada. Estava desejosa de comunicar e era extremamente direta.

«A minha mãe não é fantasticamente elegante?», perguntou-me, chamando a atenção para o fato de tailoring azul imaculado, os sapatos e a mala da Josie.

A Gail queria tranquilizar a mãe de que estava bem. Depois disse: «Fui tão estúpida, Doris. Consegues perdoar-me, mãe? Sou muito teimosa e quanto mais me falam mais faço o oposto. Esse foi o meu maior defeito. A minha mãe via que não estava certo e tentou tirar-me daquela situação, mas eu não ouvia. Em vez disso, a minha vida foi desperdiçada e ele nem sequer era livre. Já descobri isso agora. A minha mãe nem ficou zangada por causa do bebé. Ela queria o bebé. A mãe e o pai tinham-me comprado tudo para o meu bebé. Até o berço.»

A Gail mencionou alguns nomes da família e pediu especialmente que dessem lembranças a uma rapariga chamada Barbara que trabalhava com ela.

Depois suspirou e a energia começou a enfraquecer. «Isto é um trabalho dos diabos, não é, Doris?»

«É sim, querida», concordei, rindo-me. A Gail claramente não tinha mudado nada. Nunca fora uma santa em vida e não havia razão para se tornar santa do outro lado. Mas ela tinha razão. Comunicar é difícil para as pessoas do mundo espiritual, especialmente na primeira vez que tentam.

«Sabes, eu queria voltar para casa, mas ele não me deixava», continuou ela. «Era um canalha e eu era a única que não via, mas vi naquela noite e tudo o que queria era voltar para casa. Eu e o meu bebé. E se tinha de passar para o outro lado, porque não aconteceu logo? Mas pensavam que eu estava a melhorar, essa foi a parte horrível. Porque não pude passar para o outro lado com o bebé? Ele foi primeiro e eu aguentei-me quase um mês.»

A Josie confirmou que era verdade. Houve mais pormenores sobre a família e depois a Gail disse-me que a Josie tinha guardado um dos anéis dela.

A Josie confirmou e abriu as mãos. Usava vários anéis em cada mão e eu perguntei-me qual seria o da Gail.

«Não, não é nenhum desses», disse a voz da Gail bem alto no meu ouvido. «Ela não o está a usar. Há outro e ela não o trouxe posto.»

Acontece que a Josie tinha trazido consigo o anelzinho barato de «noivado» que o Pagett dera à Gail. Não conseguia suportar usá-lo e, a caminho de minha casa, quase o deitou ao lixo, mas no último instante pensou que poderia ajudar a comunicação e meteu-o na mala.

A Gail continuou a falar, descrevendo o local onde a mãe trabalhava e os problemas de saúde de uma das colegas. Depois disse: «Dá um abraço bem grande ao Eric da minha parte. Tenho saudades dele. Tenho saudades de todos vocês.»

Fiquei a pensar quem seria o Eric, uma vez que a Josie dissera que o marido se chamava Jim, mas afinal Eric e Jim eram a mesma pessoa.

«Era a única que lhe chamava Eric», explicou a Josie.

Também ouvia qualquer coisa sobre uma mota, mas não conseguia perceber o que a Gail estava a tentar dizer. Só mais tarde, quando a Josie mencionou que tinha feito sinal a uma mota para seguir o carro do Pagett, é que percebi que a Gail tentara falar-me daquele episódio da noite.

Ela estava muito preocupada em provar à mãe que ainda visitava a casa e se interessava pela família. Falou-me daquele quadro invulgar na parede, de um bebé que tinha nascido há pouco tempo e do aniversário do

sobrinho pequeno, o Adam. Tentou até dizer-me o nome da rua onde a mãe morava, mas eu não conseguia perceber. Era só um murmúrio.

«Vamos lá, Doris, pensa em árvores», disse ela, exasperada. Mas não adiantou. «Carvalho? Ulmeiro?», tentei eu. Ela riu-se e abanou a cabeça.

Mais tarde descobri que era «wood» – Brandwood.

Insistiu também que a Josie tinha posto qualquer coisa no caixão com ela, mas a Josie negou.

«Não seria uma flor ou assim, pois não?», sugeri, mas a Josie disse que não. Não havia nada. Só algumas semanas depois é que ela se lembrou da promessa que fizera enquanto a Gail agonizava.

«Ela estava inconsciente, cheia de tubos e soros», contou a Josie. «Disseram que não duraria muito mais. Trepei para a cama, peguei nela ao colo e, embora soubesse que ela já não me ouvia, prometi-lhe que não seria separada do bebé. E não foi. Quando ela morreu, mandaram pôr o bebé no caixão com ela.»

Já tinham passado dois anos desde que ela partira, mas a Gail ainda estava preocupada com a mãe. «Venho vê-la à noite», disse, «e sento-me na cama. Ela não consegue dormir. Quando fecha os olhos, vê aquela noite outra vez, como se fosse um filme.»

Isto deixou a Josie verdadeiramente espantada. «É mesmo assim. Quando tento dormir, já não consigo lembrar-me das coisas boas. É só aquela noite, repetidamente, todas as noites. Vejo todos os pormenores na minha cabeça como se estivesse a ver um filme no ecrã.»

A Gail estava a ficar cansada e a voz dela ia-se esvaindo, mas, antes de terminar, o rosto dela, rodeado por uma cortina de cabelo escuro ondulante, apareceu ao lado do da mãe e disse: «Diz à mãe que tenho o Daniel comigo», e no último lampejo de energia vi um menino lindo, de cabelo ruivo vivo.

«Ela diz que tem o Daniel com ela», transmiti à Josie, e nesse momento ela desfez-se em lágrimas.

Saiu a correr da sala para se recompor, mas quando voltou parecia muito mais calma.

«Era disso que eu estava à espera, Doris», disse ela. «Só a Gail e eu sabíamos que, se o bebé fosse menino, ela ia chamar-lhe Daniel.»

Pois claro que o bebé era um menino e, embora nunca tenha nascido na Terra, estava a crescer com a mãe no mundo espiritual e já era um

menino de dois anos. E a Gail, fiel à sua palavra, tinha-lhe posto o nome de Daniel.

CAPÍTULO 3

Toda a minha vida fui rodeada por crianças, crianças da Terra e crianças do mundo espiritual, para mim não faz diferença. A única coisa triste nas crianças do espírito é que, embora as veja, não as posso abraçar nem mimar com rebuçados. Fora isso, são crianças como as outras.

Há alguns anos, um ou dois pais começaram a deixar-me fotografias dos filhos depois das sessões. «Gostaria que ela ficasse aqui consigo e com o John Michael», diziam, e naturalmente eu punha as fotografias ao lado da única fotografia que alguma vez tirámos do nosso filho. Claro que, com o passar dos meses, outros pais viam as fotografias e isso levava a mais fotografias, até que hoje tenho tantas que tive de as montar num quadro de cortiça especial e, pelo andar da carruagem, em breve vou precisar de outro.

Conheço cada uma pelo nome, tento lembrar-me dos aniversários e, provavelmente porque não tenho netos meus, gosto de pensar nelas como meus netos espirituais. Chamem-me maluca se quiserem, não me importo. Para mim são indivíduos, vêm ao meu apartamento falar e, se têm uma mensagem para os pais, sabem que podem voltar e dizê-la quando quiserem que eu a transmito.

Tento oferecer-lhes flores frescas todas as semanas, no Natal ponho uma arvorezinha de Natal pequena com brilhantes na prateleira para eles e, quando vou viajar, digo-lhes: «Não vos vou ver durante uns dias. Vou a Manchester (ou onde for), por isso não vos vejo a menos que queiram vir comigo.»

E este livro é para eles, é por isso que se chama Vozes Inocentes no Meu Ouvido. Oh, eu sei que alguns deles se metem em sarilhos e fazem asneiras de que depois se arrependem, mas no fundo continuam a ser crianças inocentes. Há o pequeno Robert que tinha um tumor no cérebro, o Martin Vosper de dois anos que morreu com andaimes que caíram, o bebé Oliver Thomas que foi abanado com tanta violência que morreu com lesões cerebrais, há a Lilian que cometeu um erro ao tentar assustar os pais, há a Careen que se suicidou, a irmã dela Charmain que morreu num acidente de viação, há o Paul que morreu num acidente de mota, e o Sandy, o Mark, o

Jonathan e, bem, podia continuar indefinidamente. O importante é que são todos crianças inocentes a crescer fortes e felizes no mundo espiritual.

O que salta à vista quando olhamos para os meus meninos – e os visitantes comentam muitas vezes – é como são bonitos. Cada um deles é o tipo de criança que se destaca numa multidão.

«São sempre os melhores que morrem jovens», dizem frequentemente esses visitantes e, sem darem por isso, acho que acertam na verdade.

Uma e outra vez ouço pais enlutados dizerem o mesmo. Se perderam um bebé, não era um bebé qualquer. Nunca chorava, não dava trabalho, ia para o colo de qualquer pessoa, era invulgarmente avançado. As crianças mais velhas são sempre descritas como especialmente inteligentes, cheias de vida e de alguma forma extra amorosas. Os adolescentes são sempre os bondosos, altruístas, que conquistam amigos onde quer que vão. Ninguém finge que estas crianças eram anjos, todas tinham os seus maus momentos, mas todos os pais dirão que o filho que morreu era especial e de alguma forma diferente dos outros filhos da família.

Claro que nestas circunstâncias os pais são naturalmente parciais, mas muitas vezes a opinião deles é confirmada por pessoas de fora da família e é mais do que coincidência ouvir as mesmas características atribuídas a crianças que nada mais têm em comum além de uma morte precoce.

Sempre que olho para os meus meninos sou lembrada disto e cheguei à conclusão de que são as crianças especiais de Deus. São almas antigas que não precisam de passar muito tempo na Terra. Têm um propósito útil a cumprir e, quando terminam a sua missão, têm de regressar ao mundo espiritual. Gosto de pensar que os pais destas crianças, e eu sou uma delas, fomos especialmente escolhidos para a tarefa e que devemos estar gratos por nos terem sido confiados, mesmo que só por pouco tempo.

Não quero dar a impressão de que a minha sala de estar está aberta apenas a crianças do espírito. Há fotografias de crianças vivas espalhadas por todo o lado e, ao longo dos anos, conheci algumas crianças da Terra bastante especiais.

Quando era criança, sonhava com uma carreira de enfermagem, mas depois de o meu pai morrer a minha mãe não tinha posses para me deixar continuar na escola e a minha educação não era suficiente para medicina. Em vez disso, trabalhei durante algum tempo como ajudante de enfermaria num hospital grande, mas não era a mesma coisa. A mãe queria-me em casa e decidi que, se não podia ser enfermeira, queria ser ama de crianças.

Infelizmente, até isso parecia impossível. Era uma posição de responsabilidade e era preciso experiência. Como é que uma rapariga de catorze para quinze anos ganhava a experiência necessária, eu não fazia ideia. A mãe também não, mas, do seu modo prático, disse-me para tirar essas ideias da cabeça e dedicar-me ao trabalho que conseguia fazer. Eu era uma rapariga forte e saudável, por isso fui enviada para várias casas em Grantham para servir de criada para todo o serviço.

No fundo do coração, porém, a mãe devia achar que não era suficiente porque, passados apenas alguns meses, não só estava disposta a ouvir uma alternativa, como até a aceitou.

Um dia, uma parente de uma vizinha nossa, a Mrs. Anthony, veio visitá-la. A Mrs. Anthony acabava de aceitar o lugar de governanta numa casa em Bournemouth e procurava uma criada para levar consigo.

«Ora, a tua Doris é exatamente o tipo de rapariga que eu procuro», disse ela à mãe. «Está a desperdiçar-se aqui. Em Bournemouth trabalharia numa casa bem gerida, usaria uniforme e aprenderia a comportar-se. Tornar-se-ia uma criada devidamente formada. Com essa experiência, poderia ir para onde quisesse.»

A mãe ficou impressionada, mas Bournemouth! Parecia o outro lado do mundo. Não achava que me pudesse deixar ir tão longe. Afinal, eu tinha apenas quinze anos.

Aqui a Mrs. Anthony jogou o seu trunfo. «Mas a Doris é uma rapariga sensata, muito madura para a idade», disse ela. «E, além disso, eu estaria com ela. Tomaria conta dela.»

Num instante, lá estava eu a caminho de Bournemouth. Estava muito entusiasmada. Na mala levava dois uniformes novos: um vestido estampado para as manhãs e um vestido preto com aventalzinho branco e touca para as tardes. Não percebia muito bem porque era preciso mudar de roupa duas vezes por dia, mas a Mrs. Anthony garantiu-me que era o correto.

«Em Bournemouth faz-se tudo como deve ser», disse ela. «É um sítio muito refinado.»

Para mim, isso queria dizer chique, e fiquei ainda mais entusiasmada.

Enquanto o comboio a vapor engolia os quilómetros em direção à costa sul, esforçava-me por não me mexer demasiado no assento. A Mrs. Anthony dissera que eu era muito madura para a idade e estava decidida a não a desiludir.

«Agora, porta-te bem para a Mrs. Anthony, nossa Doris», dissera a mãe ao despedir-se, «senão ela manda-te de volta para casa.»

Eu não queria voltar para casa. Ia viver à beira-mar, em Bournemouth, numa casa grande de gente fina e, dentro de um ou dois anos, certamente subiria a ama de crianças. Essas coisas aconteciam, eu tinha a certeza.

Não sei bem o que esperava – talvez uma mansão imponente –, mas à primeira vista da casa as minhas esperanças desmoronaram-se. Era um lugar sombrio e lúgubre e o mar bem podia estar a oitenta quilómetros de distância, de tão pouco que se via.

Do outro lado da estrada havia uma floresta de pinheiros carregados de mau agouro e o cheiro forte parecia impregnar-se nas narinas onde quer que se fosse. À noite, deitada no meu quartinho minúsculo no sótão, ouvia o vento a rasgar os cimos das árvores e os ramos a ranger, e quando as tempestades chegavam do mar tinha a certeza de que acordaria com um pinheiro caído a barrar completamente a rua.

Um único dia no novo emprego bastou para me convencer de que os meus sonhos de subir a ama de crianças eram impossíveis. O senhor e a senhora da casa, um coronel e a mulher dele que tinham regressado da Índia, pareciam-me bastante velhos e, para além disso, a senhora passava o dia inteiro na cama. Era inválida, explicou a Mrs. Anthony. Não sei o que tinha, mas havia uma enfermeira particular a morar lá e era óbvio que não haveria bebés.

Tinha, no entanto, uma pequena criatura a meu cargo: o papagaio da família. Nunca vira um papagaio antes, a não ser em livros ilustrados, e quando me apresentaram o Christopher fiquei encantada. Era uma ave magnífica, com penas de um turquesa brilhante salpicadas de amarelo e verde. Passava o dia inteiro num poleiro no quarto da senhora, resmungando sozinho ou pavoneando-se para as visitas, e, só de olhar, era maravilhoso.

Foi quando me explicaram as minhas obrigações em relação ao Christopher que comecei a ficar apreensiva. O Christopher não passava a noite lá em cima. À hora de dormir, eu tinha de o levar para a estufa e dizer «Faz o teu dever, Christopher» antes de o deixar lá durante a noite entre as palmeiras em vasos. Na manhã seguinte, tinha de o trazer de volta para a senhora.

Parecia simples. Mas naquela primeira noite, quando me aproximei do poleiro, reparei no brilho malicioso que ele tinha nos olhitos duros e no

aspeto perverso e afiado daquele bico curvo e cruel. Com cuidado, estendi a mão e levantei o poleiro. Ouviu-se um guincho estridente e, num ápice, o Christopher virou-se para me bicar os dedos. Assustada, deixei cair o poleiro.

Ouviu-se um murmúrio suave do outro lado do quarto. «Está tudo bem, ele não te magoa. Sê firme com ele.»

Cerrei os dentes e tentei outra vez. Aconteceu exatamente o mesmo.

«Agora despacha-te, querida», disse a senhora, suspirando. «Ele não pode ficar aqui a noite toda.»

Fuzilei o papagaio com o olhar e o papagaio fuzilou-me de volta. Não havia remédio. Tinha de o levar para a estufa mesmo que fosse mordida até à morte no processo. Respirei fundo, agarrei o poleiro e corri para a porta antes que mudasse de ideias. Escada abaixo (os criados não podiam usar a da frente), ele não parava de guinchar, de bater as asas e de me tentar morder a mão em protesto, mas chegámos à estufa inteiros.

«Ora bem, faz o teu dever, Christopher!», sibilei de uma distância segura e bati com a porta.

Foi o início de uma batalha duas vezes por dia. Tinha um pavor mortal daquele papagaio e só posso presumir que o papagaio tivesse um pavor mortal de subir e descer escadas.

As outras tarefas eram mais fáceis, mas não muito divertidas. Levantava-me às seis da manhã e limpava todas as lareiras e acendia o fogo antes de o resto da casa acordar. Depois estava de serviço para limpezas, polimentos e para ajudar a cozinheira com os legumes, e à hora do chá levava uma bandeja à senhora.

Todo esse tempo estava a aprender a comportar-me corretamente e a tentar seguir as instruções da Mrs. Anthony.

Nem sempre conseguia. Uma tarde, ia a descer a toda a pressa a escada dos criados com a bandeja do chá quando o salto do sapato se soltou. Escorreguei, a bandeja voou-me das mãos e o serviço de chá de porcelana despenhou-se escada abaixo e escaqueirou-se no chão do corredor.

O silêncio que se seguiu foi impressionante, mas não durou muito. A Mrs. Anthony veio a correr pelo corredor.

«Doris, o que foi que fizeste?» Depois viu a loiça partida. «Oh, rapariga desastrada.»

Desci o resto da escada a coxear. «O salto do sapato soltou-se», expliquei, mostrando o culpado, mas a Mrs. Anthony já estava de joelhos a apanhar os bocados de porcelana.

«Vamos, despacha-te a limpar isto antes que a senhora queira saber o que se passa.»

Mas a Mrs. Anthony não estava realmente zangada e depressa descobri porquê. Pouco depois chamou-me.

«Bem, Doris, tenho de me despedir», disse ela com brusquidão.

Fiquei de boca aberta. «Porquê, vai sair?»

«Não, vou aceitar um novo lugar.»

«Um novo lugar?», exclamei. «E este? E eu?»

«Tu?» Pareceu surpreendida. «Ora, estás a dar-te muito bem, querida. Desde que não tenhas muitos acidentes como o desta tarde, tenho a certeza de que a senhora ficará muito satisfeita contigo. Tenta só lembrar-te do que te ensinei.» E com isto foi fazer as malas, deixando-me sem palavras.

Não ficou por aí. Pouco depois de a Mrs. Anthony partir, a cozinheira deixou de aparecer, por isso também tive de cozinhar o jantar. Felizmente, a enfermeira particular era compreensiva.

«Devias sair mais, Doris», disse ela, e quando expliquei que gostaria, mas não tinha onde ir, falou-me de um clube de raparigas ali perto.

A descoberta do clube transformou a minha estadia em Bournemouth. Era um sítio barulhento e acolhedor, cheio de raparigas da minha idade, e fazíamos o nosso próprio entretenimento com festas de disfarces, concertos e teatro amador.

Foi através do clube que passei para o emprego seguinte. A senhora que dirigia o clube ficou preocupada quando soube da minha vida. Sabia que eu trabalhava muito naquela casa com tão poucos criados e disse: «Não acho bom para a Doris estar ali. Não há ninguém novo com quem ela possa falar.» Ficou tão preocupada que me ajudou a encontrar outro lugar.

Os meus sonhos de subir a ama voltaram em força, mas, mais uma vez, não tive sorte. Havia menos trabalho no novo emprego, mas nenhuma hipótese de crianças. A senhora era uma velhinha completamente surda e a casa era gerida pela companheira dela, muito mais nova, uma mulher artística, alta e muito magra, com uma voz flautada e lenços de chiffon compridos e esvoaçantes.

A companheira era simpática, mas bastante excêntrica. Tocava piano e gostava de fingir que a casa era dela. À noite, depois de deitar a velhinha,

dizia-me: «Vai para a cama, Doris. Eu levo-te o jantar.» E trazia-me mesmo o jantar numa bandeja à cama, só para poder ficar com a casa só para ela.

Não me importava, porque, se não saísse, gostava de ler na cama, e se saísse a companheira também não se importava, pois ficava com a casa só para ela. Dávamo-nos bastante bem e, como era artística, interessava-se pelos projetos teatrais do clube. Até me ajudava a fazer os fatos de disfarce.

Depois desse início difícil, comecei a gostar muito de Bournemouth e estava bastante instalada quando chegou a carta da mãe. Pobre mãe, nunca se decidia sobre o que fazer comigo. Mandava-me para um emprego longe com o que considerava serem boas perspetivas e depois sentia a minha falta e queria-me de volta. Aconteceu várias vezes e aconteceu em Bournemouth. Precisavam de mim em casa, escreveu ela, juntava o dinheiro da viagem e eu devia voltar o mais rápido possível.

A contragosto, despedi-me das minhas novas amigas e regressei para norte. Não estava muito feliz. Parecia que voltava ao ponto de partida, quando a Sr.ª. Anthony fora falar com a mãe. Não estava mais perto de realizar as minhas ambições. Ou assim pensava.

Estranhamente, acabou por se revelar que estava mais perto do que nunca.

A mãe arranjara-me um emprego num sítio chamado Harrowby Hall. Não sei bem o que era, talvez uma espécie de centro de formação do governo, mas havia homens de todo o país alojados lá e isso significava uma quantidade enorme de comida para cozinhar. Eu ia ajudar a cozinheira como ajudante de cozinha. Descascar batatas, cortar legumes e lavar loiça parecia não ter fim, mas as pessoas apareciam muitas vezes para conversar e as horas passavam depressa.

Um homem da zona chamado Commander Pesani era visita frequente e um dia ouvi-o falar com a governanta.

«Estamos desesperados por alguém que goste muito de crianças para vir ajudar», dizia ele.

A governanta assentiu com simpatia e depois viu-me. «É uma pena não podermos dispensar a Doris», disse ela. «Ela adora crianças.»

«Sim, adoro», acrescentei com saudade e, ao afastar-me, senti os olhos do Commander cravados nas minhas costas.

Mais tarde, quando ia deitar o lixo fora, surpreendi-me ao ver que o Commander Pesani ainda não tinha ido embora. Atravessou o pátio a passos largos.

«Gostas mesmo de crianças?»

«Oh, sim, mais do que de qualquer coisa.»

«E achas que gostarias de ajudar no nosso infantário?»

Assenti com a cabeça.

«Olha, vem falar com a Mrs. Pesani na próxima semana e vemos o que se pode arranjar.» Rapidamente, entregou-me o cartão e afastou-se a correr, como se tivesse medo de que a governanta o apanhasse.

E foi assim que começaram os meus dias felizes na Casa Vermelha em Melton Mowbray. A Casa Vermelha era um grande edifício de tijolo vermelho situado em terrenos magníficos e, quando fui falar com a Mrs. Pesani, ela explicou que procuravam uma ajudante de ama para auxiliar a ama principal. Havia três crianças, a Vivienne (cinco anos), o John (quatro) e o bebé Patrick, e queriam alguém para morar lá, num quarto perto do quarto de dormir das crianças. Pareceu-me maravilhoso e tinha a certeza de que conseguia convencer a mãe. Afinal, comparado com Bournemouth, Melton Mowbray ficava mesmo ali ao lado.

Mais uma vez me equiparam com um uniforme elegante, um vestido castanho com debruns creme e um avental creme, e parti cheia de vontade para a minha nova vida.

A ama era um pouco intimidante no início: uma mulher magra e muito composta, com um uniforme impecável e um véu pendurado atrás do chapéu. Era muito severa, avisou-me, e não tolerava disparates.

«E não admito mimalhos no meu infantário», acrescentou com firmeza, claramente suspeitando de uma fraqueza nesse aspeto.

Com razão, como se veio a verificar.

As crianças eram adoráveis. A Vivienne era uma menina bonita de cabelo quase preto e olhos escuros, o John era magro e de aspeto sensível com cabelo ondulado e macio, enquanto o Patrick era um bebé gordo e bem-disposto, uma criança preguiçosa que preferia rir a chorar.

Os dois rapazes dormiam no quarto de dormir, a ama dormia no quarto ao lado, a Vivienne noutro quarto no mesmo patamar, e o meu ficava um pouco mais ao fundo do corredor. O quarto de brincar era no piso de baixo e tinha a sua própria cozinha pequena, e os brinquedos das

crianças – e tinham praticamente todos os brinquedos imagináveis – ficavam guardados num anexo nos terrenos.

As crianças visitavam os pais uma vez por semana ao domingo para o almoço e diziam boa noite a eles à hora de deitar. Também viam a mãe no dia de folga da ama, quando ela me ajudava a dar-lhes banho. Fora isso, passavam o tempo com a ama e comigo.

As minhas tarefas eram bastante simples. Depois do papagaio Christopher, achava que conseguia lidar com quase tudo. Limpava o infantário, fazia as camas e remendava roupa. Também cozinhava refeições leves. A comida no infantário era muito simples. As crianças tinham sempre de comer o pão com manteiga antes de poderem passar a coisas mais exóticas e só havia bolos especiais nos aniversários. Havia muita torrada com Marmite e ovos cozidos com dedos de pão, e às vezes, se tivessem tomado um chá leve, davam-lhes leite e uma bolacha simples, o que era um grande mimo. Como resultado desta dieta, tinham dentes perfeitos e uma pele lindíssima.

Tal como a ama pressentira, eu era uma mimadora. Se o bebé chorava, não resistia a ir ver o que se passava. «O que foi, meu amor?», perguntava, apesar dos avisos da ama de que ele só fazia aquilo para chamar a atenção. E às vezes, quando as crianças saíam do banho todas quentinhas e rosadas, deixava-as descer para o quarto de brincar de roupão e dava-lhes uma bolacha. Claro que, se a ama descobrisse, levava uma descompostura.

«Doris, não faças isso», dizia ela, franzindo os lábios numa linha fina.

Todos me chamavam Dose. Conseguia despachar as minhas tarefas diárias de modo a sobrar-me muito tempo para brincar com as crianças. Andava de gatas pelo chão com eles como se fosse uma criança grande. Punha-me de quatro para eles montarem nas minhas costas ou brincávamos aos hospitais e eles enfaixavam-me até eu parecer o Homem Invisível. Também adoravam brincar às lojas e eu deixava-os tirar comida da despensa e arrumá-la na mesa em frente de quem fosse o lojista. Depois montávamos um sininho para o cliente tocar quando entrasse pela «porta» para fazer as compras.

O John levava este jogo muito a sério, como descobri mais tarde quando o levei ao serviço do festival da colheita das crianças na igreja.

O John nunca tinha estado num serviço religioso a sério e observava fascinado enquanto o vigário, seguido pelos rapazes do coro, avançava em

procissão em direção ao altar. Os olhos dele iam-se arregalando cada vez mais e, quando o vigário subiu ao púlpito, a boca abriu-se-lhe de espanto.

Fez-se silêncio na assembleia. O vigário respirou fundo e estava prestes a começar o serviço quando uma vozinha aguda e cristalina, que ecoou lindamente pelo velho edifício de pedra, disse:

«Ó Dosey, o senhor vigário não é muito mal-educado? Subiu para aí com o alimentador posto!»

As cabeças viraram-se, houve risinhos abafados e o vigário não pareceu nada divertido. Corada de vergonha, mandei o John calar-se e, com um sorrisinho azedo, o vigário abriu o serviço.

Mas o John ainda não tinha acabado com o vigário.

O festival da colheita das crianças era uma cerimónia muito bonita. A igreja estava cheia de flores e as crianças pequenas, de cestos de fruta e legumes na mão, enchiam os corredores. O ponto alto do serviço era quando as crianças desfilavam até ao altar para oferecerem as suas dádivas ao vigário.

Expliquei tudo isto à Vivienne e ao John, acrescentando: «E depois as ofertas são levadas para o hospital para as pessoas doentes disfrutarem.»

Pareceram entender e, quando chegou o momento, a Vivienne, por ser a mais velha, foi primeiro. Ela andava em aulas de dança e, inspirada na última lição, entregou o cesto com uma graciosa reverência. Toda a gente sorriu e ouviu-se: «Que menina querida!» Enchi-me de orgulho. Era da minha menina que estavam a falar. Depois veio o John. Avançou decidido para o vigário, estendeu o cesto e ficou ali plantado, de pernas abertas, mãos atrás das costas, uma versão em miniatura do pai. O vigário pareceu algo perplexo e disse-lhe qualquer coisa, mas o John não se mexeu.

«John!», chamei baixinho. «John!»

Nem um movimento.

«John. Volta para junto da Dose, John!»

«Mas ele ainda não me deu os xelins por isto», lamentou-se o John para toda a gente ouvir.

Tal como sabia muito bem das nossas brincadeiras às lojas, quando um cliente recebia um cesto de comida, o lojista recebia em troca um punhado de «xelins».

Eram crianças bem-comportadas no geral, mas, como todas as crianças, adoravam uma boa partida. A ama era um pouco severa e eles não

tinham a certeza de como ela reagiria às travessuras, mas bastava ela virar as costas para começarem as asneiras comigo.

Havia uma mesinha pequena com cadeiras a condizer na cozinha do infantário e os assentos das cadeiras saíam para facilitar a limpeza. Uma das partidas favoritas das crianças era tirar o assento da minha cadeira e depois chamarem-me para o «chá».

«Dose, o chá está pronto!», gritavam, e eu entrava e dizia:

«Onde é que me sento?»

A rebentar de riso, puxavam uma cadeira, entre gargalhadas: «Senta-te aqui, Dose, senta-te aqui!»

E eu, claro, fingindo que não via o assento em falta, sentava-me e o rabo ia direitinho ao chão.

Acharam isto tão engraçado que rolavam pelo chão de tanto rir. Mas um dia esta brincadeira inofensiva quase nos meteu em sarilhos. Fui direitinha ao fundo da cadeira como de costume, mas desta vez, sendo um pouco gordinha e talvez me tendo deixado cair com mais força do que o normal, fiquei entalada. Por mais que tentasse, não conseguia sair e, quando me levantei, a cadeira veio comigo.

As crianças acharam isto histérico.

«Vamos, têm de me ajudar», disse-lhes. «Empurrem, empurrem o rabo da Dose.»

Bem, eles tentaram, mas riam tanto que não faziam força nenhuma e eu também comecei a rir. Parecia cada vez mais engraçado e acabámos por fazer tanto barulho que a Mrs. Pesani veio ver o que se passava.

Parou à porta, olhando das crianças histéricas que rolavam no chão para mim com o traseiro preso na cadeira, e por um momento terrível pensei que ia explodir de raiva.

Depois os lábios dela começaram a tremer e desatou a rir.

«Parece que precisas de ajuda, Dose.»

Suspirei de alívio. Estava tudo bem, não ia contar à ama. Se contasse, eu estava metida em trabalhos.

Não, as crianças raramente eram desobedientes, mas muitas vezes se metiam em sarilhos com a ama por comportamentos irrefletidos, especialmente se implicassem sujar-se.

Uma tarde iam a uma festa e nós tínhamos-os lavado, mudado de roupa e preparado para sair; a ama mandou-os esperar no jardim enquanto se arranjava.

Eu corria de um lado para o outro a apanhar a roupa espalhada e a arrumar o infantário antes de sairmos, porque a ama não suportava deixar o infantário desarrumado, quando algo me fez ir à janela. Estava demasiado silêncio, suponho, e perguntei-me o que estariam a tramar.

Não sei o que esperava ver: a Vivienne sentada na relva com o vestido de festa, talvez, ou o John a fazer bolos de lama. Mas a realidade foi pior do que imaginara.

Lá estava o John com um bule velho e enferrujado na mão, que obviamente enchera com pedrinhas do caminho de acesso, em bicos dos pés a despejar um fio de pedrinhas na cabeça do bebé Patrick.

O Patrick, sempre alegre, não parecia importar-se. Sentado no carrinho, sorria feliz enquanto as pedrinhas se acumulavam no seu toucado novo e limpo, que a essa hora já estaria imundo, para não falar do estado das mãos e das calças do John.

Horrorizada, escancarei a janela.

«John, o que é que pensas que estás a fazer?»

Assustado, olhou para cima para mim e depois para baixo para o irmão, como se o visse pela primeira vez. Depois deu-lhe uma palmadinha na cabeça, espalhando pedrinhas por todo o carrinho.

«Desculpa, mas pensei que eras o bule do chá, querido!», disse ele.

Como podia zangar-me? Desci a correr com um toucado novo para o Patrick e um pano húmido para limpar as mãos do John, mas não consegui ralhar com ele.

O John era provavelmente o mais imaginativo dos três e por vezes era difícil acompanhá-lo. Tinha uma maneira muito própria de ver as coisas, que era bastante lógica, desde que se entendesse a lógica dele.

Os Pesani alugavam uma casa à beira-mar em Clacton durante um mês no verão e, um ano, depois de umas férias maravilhosas na praia, o John, a Vivienne e eu voltávamos para casa com as bagagens. Já era bastante tarde, o céu estava escuro e a lua enevoada, como acontece quando vai chover.

As crianças estavam caladas no banco de trás e eu pensava que deviam estar a dormir quando o John falou.

«Olha, Viv», disse ele, «o Deus está na cama.»

A Vivienne espreitou pela janela.

«Não sejas parvo», respondeu com desdém. «Não vejo o Deus na cama.»

«Dosey, tu vês o Deus na cama, não vês?», apelou para mim.

Olhei, mas, por mais que quisesse, não via nada que de alguma forma se parecesse com Deus na cama.

«Não, receio bem que não, John», admiti.

Impaciente, o John debruçou-se da janela e olhou para a lua.

«Vocês são mesmo parvos», disse, desgostoso. «Não veem a luz de presença dele?»

A maior parte das crianças é psíquica até aos onze ou doze anos, quando o mundo começa a intrometer-se, e eu procurava sinais disso nas minhas pequenas criaturas. Na altura, claro, não sabia a palavra para descrever a qualidade que procurava e não fazia ideia de quão comum era. Só me lembrava de que, quando tinha mais ou menos a idade da Vivienne e do John, tinha vários amigos de brincadeira que mais ninguém via e meio esperava que a Vivienne e o John também tivessem.

Se tinham, nunca me falaram deles nem deram qualquer sinal de que se passava mais alguma coisa no infantário do que a ama e eu sabíamos. Na altura decidi que isso era mais uma prova da minha própria «esquisitice». Só anos mais tarde percebi que a Vivienne e o John não precisavam de amigos espirituais porque tinham um ao outro e nunca se sentiam sós. Os amigos invisíveis costumam aparecer para brincar com crianças solitárias, especialmente crianças que perderam um irmão ou irmã.

Eu passava muito tempo sozinha quando era criança e a minha mãe quase morrera devido a uma gravidez nas trompas, por isso eu tinha de facto um irmão ou irmã espiritual a crescer do outro lado. O nosso filho adotivo, o Terry, estava numa situação semelhante.

Para nós ele era filho único porque tínhamos perdido o John Michael e todas as gravidezes seguintes acabaram em aborto espontâneo. Quando era pequeno, o Terry passava muito tempo sozinho, só que não estava sozinho. Muitas vezes, quando brincava no quarto, eu ouvia todo o tipo de estrondos e pancadas através da parede, parecendo exatamente dois rapazes irrequietos a jogar. Por cima de tudo isso ouvia-se a voz do Terry:

«Dá-me isso, John Michael. Brincaste com isso ontem.»

No verão passava horas no relvado com a espada de brincar que o John tinha feito para as suas «lutas de espada». Estava completamente sozinho, mas se o observássemos um bocadinho percebíamos que não estava. Desferia golpes e recebia golpes e concentrava-se num ponto fixo,

exatamente como se estivesse a lutar com outro rapaz que nós não conseguíamos ver.

Tive sempre muito cuidado para não fazer alarido com isso nem agir como se achasse que era de alguma forma estranho. Sabia o que tinha passado quando era criança, sempre repreendida e perseguida por ser «esquisita», e estava decidida a que o Terry não sofresse do mesmo modo. Afinal, não tem nada de estranho, é perfeitamente natural.

Lembrei-me disto quando uma vizinha em Grantham mencionou que estava a ter problemas semelhantes com a filha pequena.

«A minha sogra diz que tenho de fazer alguma coisa com a Claire», suspirou ela. «Diz que não é natural.»

«O que é que a Claire tem? Parece-me perfeitamente saudável», disse eu, pois a Claire era a imagem da saúde radiante, uma menina aparentemente feliz e bem equilibrada.

«Sim, mas tem este amigo chamado Roger», disse a mãe.

«Ah, e onde é que o Roger mora?»

«É exatamente esse o problema. O Roger não mora em lado nenhum. É um Roger invisível.»

Tudo ficou claro. «Ah, um desses.»

Ela pareceu ofendida. «O que queres dizer com "um desses"?»

«Uma das crianças do espírito», expliquei. «Alguma vez perdeste um bebé?»

«Não», respondeu ela. «Nunca.»

«Bom, tiveste algum aborto espontâneo?»

Pensou um momento. «Sim, tive, às quatro meses.»

«Não achas possível que este seja o irmão dela e que ela o consiga ver e tu não?», perguntei.

Ela olhou para mim um instante, como se não conseguisse decidir se eu estava a falar a sério ou não.

«Bom, tens de admitir que é um bocado rebuscado.» Depois parou. «Mas sabes, ele parece tão real para a Claire que quase acho que ela o vê mesmo.»

«Seja como for, a criança está feliz», disse eu. «Está obviamente de boa saúde. Não lhe está a fazer mal nenhum, por isso importa assim tanto?»

«Tens toda a razão», disse ela. «Vou dizer à minha sogra que trate da sua vida.»

E disse. Em pouco tempo já aceitavam o Roger como parte da família embora não o conseguissem ver. Quando saíam de carro, a Claire era colocada no cadeirinho e depois dizia: «Deixem espaço para o Roger», e até o pai recuava para deixar o Roger subir e sentar-se ao lado dela. Havia vantagens práticas também. Antes de o Roger aparecer, a Claire tinha medo de subir as escadas sozinha no escuro, mas agora o Roger dava-lhe a mão e ela subia perfeitamente feliz.

Uma noite, na hora de deitar, estava lá quando isto aconteceu.

«É melhor eu subir contigo, Claire», disse a mãe.

«Não», respondeu a Claire, «já sou uma menina grande, consigo subir sozinha.»

«Mas tenho de apagar a luz quando estiveres na cama», disse a mãe. «Tu não chegas ao interruptor.»

«Não faz mal, o Roger apaga», disse a Claire com toda a confiança.

A mãe virou-se para mim, exasperada.

«Vês o que eu quero dizer?»

«Bom, não faz mal, deixa-a», disse eu. «Podes ir lá acima apagá-la quando ela estiver a dormir.»

Ficámos ao pé das escadas a ver a Claire subir. Entrou no quarto, a conversar com o Roger. Subiu para a cama e deitou-se. E enquanto observávamos do fundo das escadas, ouviu-se um clique bem alto e a luz apagou-se.

O desfecho desta história veio anos mais tarde. Numa visita de regresso a Grantham, encontrei por acaso a Claire, já adulta e com filhos seus.

Conversámos um bocado e depois eu disse:

«Claire, lembras-te de alguma coisa de quando eras pequena?»

Ela pareceu perceber aonde eu queria chegar.

«Do Roger, queres dizer?»

«Ah, lembras-te do Roger?», perguntei.

«Oh, sim», disse a Claire. «Ele era real, sabias? Não o estava a inventar como toda a gente pensava. Era maravilhoso tê-lo por perto. Sempre que tinha medo, dizia “Dá-me a mão, Roger” e ele pegava-me na mão e eu ficava logo melhor.»

«Quando paraste de o ver?»

«Deve ter sido quando tinha uns onze ou doze anos», disse a Claire. «Não foi de repente. A minha vida tornou-se mais cheia e depois um dia

dei por mim a pensar que já não via o Roger há algum tempo. Não o vi mais desde então.»

Portanto, o mundo intrometeu-se na vida da Claire e do Roger quando ela tinha doze anos. Mas ela voltará a vê-lo um dia. Quando finalmente fizer a viagem para o outro lado, o Roger estará à espera dela, juntamente com os outros amigos e familiares.

CAPÍTULO 4

Era um dia miserável. Lá fora, pela janela, as nuvens acumulavam-se, cinzentas sobre cinzentas até onde a vista alcançava, e o vento assobiava entre os prédios altos. Havia flores alegres no parapeito da janela e uma fila de cartões de melhoras cheios de cor na mesa, mas hoje nem isso conseguia levantar-me o ânimo.

Estava outra vez no hospital e a coisa já passava dos limites.

«Com certeza já tive mais do que a minha quota-parte de problemas de saúde», resmunguei para o mundo espiritual. «Isto é ridículo. Ou estou a trabalhar ou estou doente.»

Não houve resposta. Nem sequer se dignam responder, pensei, irritada.

Foram aderências, ou assim disseram, que me tinham levado ao hospital desta vez. Precisava de uma operação por causa de todas as outras operações que já tinha feito. Parece loucura, eu sei, mas garantiram-me que era verdade. O tecido cicatricial acumulara-se dentro do meu corpo devido às cirurgias anteriores e colara-se ao fígado, causando dores intensas. Numa operação delicada e demorada, o cirurgião teria de cortar tudo isso com muita paciência, e eu não estava nada entusiasmada com a ideia.

«Às vezes», disse em voz alta para o mundo espiritual, «acho que vocês se esqueceram de mim.»

Silêncio total do outro lado, mas uma pancada bem terrena na porta assustou-me e trouxe-me de volta aos meus pensamentos.

«Entre», suspirei.

«Olá, Doris», disse a minha jovem enfermeira adorável. «Mais correio para si.»

E deixou cair um envelope grande na cama. Se o mundo espiritual se tinha esquecido de mim, era evidente que os meus muitos amigos deste lado não. Fiquei comovida com o fluxo constante de cartões, flores e

mensagens telefónicas que chegavam ao hospital; até o Michael Aspel mandou votos de melhoras no seu programa de rádio.

Hoje, porém, no meu estado de autocomiseração, nem toda esta gentileza conseguia animar-me. Não tinha vontade de abrir mais um envelope. Não tenho energia, dizia a mim mesma de forma dramática, quando reparei que o endereço estava escrito com a letra grande e redonda de uma criança.

Derreti-me imediatamente. Não tinha afundado tanto que fosse capaz de desiludir uma criança, pois não?

Rasguei o envelope e tirei um grande cartaz vermelho, cheio de cartões de melhoras feitos em casa e poemas ilustrados por Katy Beckinsale, a filha de oito anos do falecido ator Richard Beckinsale, e pela amiga dela, Amber.

Para a querida Doris, Esperamos que fiques boa, Não há muito a dizer, Sabemos que consegues melhorar, Amanhã ou hoje. Com amor, Katy.

Esse era o cartão principal, lindamente colorido de vermelho e verde. Ao lado, numa folha de bordos recortados com tesoura pequena e decorada com corações vermelhos, a Amber escrevera o seu poema.

Ó querida Doris, POR FAVOR Chama a minha Nanny tão bela, com os seus olhos azuis lindos e o cabelo branco fofinho, o meu avô tão corajoso, espero que no Céu não pareça tão sério, POR FAVOR chama os meus cavalos tão belos, as crinas e caudas deles são macias como cabelo humano, a minha tia Lidia que nunca vi, Mas ouvi dizer que o rosto dela é como um raio de lua, E o teu também. Com amor, Amber
XXXXXXXXXX

Ao lado, a Katy, que obviamente lera o meu primeiro livro, colara o seu poema, ricamente ilustrado em cor-de-rosa, lilás e roxo.

O teu bebé jaz no Céu, os seus olhos violeta olham para baixo todos os dias, E na tua cabeça cheia de amor e ternura, a sua voz celestial parece dizer, Mãe, desejo-te o melhor, e ao pai e ao Terry também, Mãe, por favor não estejas triste, eu apenas recebi a minha PROMOÇÃO;

Ao ler estas palavras, as lágrimas correram-me pelo rosto abaixo. O mundo espiritual não se tinha esquecido de mim, mas foi preciso uma criança de oito anos para me lembrar da verdade.

Conheci a Katy pela primeira vez quando a mãe dela, Judy, veio ter uma sessão comigo. Tinha-me visto no Russell Harty Show e escreveu ao Russell a pedir que a pusesse em contacto comigo. Eu era grande fã do

pobre Richard. Ria-me imenso com os programas dele na televisão, mas não sabia nada da vida privada dele e fiquei muito surpreendida ao descobrir que tinha uma filha da idade da Katy. Com certeza não era assim tão velho?

Ele garantiu-me que era e houve mais surpresas. Longe de ser o tipo alegre e brincalhão, era na verdade muito sensível e preocupado. Durante a vida disse que sempre pensara que era um pessimista nato. Estava muito triste por ter deixado a mulher, a atriz Judy Loe, e percebia-se porquê. A Judy era uma rapariga linda e muito corajosa. Sorria e ria, mas no fundo dos olhos via-se a perda, mesmo passados vários anos desde que o Richard partira.

O Richard era um excelente comunicador e apareceu com facilidade, mas no início estava muito triste.

«Tive tanto medo», disse ele. «Havia sempre este grande medo, não só na noite em que parti, mas antes. Pensava que era um rapaz do fim do mundo, um verdadeiro pessimista, mas agora percebo que devia saber.»

Na noite em que adoeceu, a Judy estava no hospital. Queriam outro filho e ela precisava de uma operação para que fosse possível.

«Tive muito medo naquela noite», disse o Richard. Depois comecei a sentir dores no braço esquerdo e no peito. Liguei a uns amigos e eles disseram-me para sentir o pulso, mas eu não sabia como deveria ser.

Mais tarde, naquela noite, teve um ataque cardíaco. Estava muito triste ao falar daquelas últimas horas e a Judy confirmou que os factos estavam corretos. Além disso, mais tarde, quando estava a arrumar as coisas dele, encontrou vários poemas e textos que pareciam indicar que ele sabia que não viveria muito tempo. Ficou tão emocionada ao lê-los que os reuniu e publicou. Um trecho curto dizia tudo:

Menina-viúva, por favor cuida dos meus filhos. Menina-viúva fará os meus sonhos tornar-se realidade.

Quando escreveu essas palavras, ninguém suspeitava, muito menos o Richard, que havia algo errado com o coração dele.

À medida que a sessão avançava, porém, o Richard animou-se. Mandou o seu amor à Judy Sunshine, como lhe chamava.

«A Judy era a minha vida», disse. «A Judy e a Kate. O meu único arrependimento é não ter podido falar com a Judy sobre o meu medo. Não consegui fazer com que ela entendesse.»

Depois mencionou uma rapariga chamada Sammy, a filha do primeiro casamento.

«Mas, meu querido, tu não és assim tão velho!», disse eu, surpreendida, e ele riu-se.

«Oh, sou sim. Mas casei-me muito novo e não resultou.»

Queria agradecer especialmente à Judy.

«A Judy, abençoado seja o coração dela, acolheu a minha filha no coração e em nossa casa», disse, «e a Katy é irmã dela. Lamento só ter tido dois anos para conhecer bem a minha filha Samantha.»

Enquanto falava, de repente vi-o claramente ao lado da Judy. Sempre tivera uma imagem mental do Richard como ele era em Rising Damp, mas agora parecia diferente. O rosto estava mais cheio, o cabelo escuro muito mais curto e as olheiras profundas tinham desaparecido.

Mandou o seu amor ao Ronnie Barker, a quem chamou «o meu amigo mais querido». Mencionou o aniversário da Katy e queria que a Judy fosse feliz.

«Anda à luz do sol, tu e a Katy», disse-lhe. «Espero que um dia encontres alguém que possa ser um companheiro amoroso para ti e um pai para a Katy. Eu serei sempre o pai da Katy, mas não gostaria que passassem o resto das vossas vidas sozinhas.»

Falou também da mãe dele, Margaret, e, quando chegou a casa, a Judy deve ter-lhe contado, porque pouco depois a Margaret telefonou-me. Apresentou-se e estávamos a conversar quando, de repente, o Richard interrompeu.

«Não se diz Margaret, diz-se "'Ow's our Maggie then?"», ensinou-me ele e, quando transmiti isto, a Margaret começou a chorar.

«É isso mesmo», disse ela. «Sempre que vinha a casa gritava "'Ow's our Maggie then?". Nunca me chamou outra coisa.»

O Richard manteve-se muito próximo da família, especialmente da Katy, que adorava. Ela era muito parecida com ele, com os mesmos olhos castanho-escuros que nos atravessam e a mesma perceção.

Já tinha reparado antes que, quando há crianças pequenas envolvidas, os pais que partiram voltam com frequência para as ver e dar-lhes uma ajuda quando necessário. Os filhos desses pais muitas vezes comentam, anos mais tarde, que sempre sentiram que a mãe ou o pai estavam por perto quando estavam em apuros, que, embora não os vissem, sentiam a presença deles. Isto não é fruto de uma imaginação fértil. É uma experiência real. Os

pais voltam mesmo quando os filhos precisam deles e não faz diferença se esse pai ou mãe era humilde ou famoso na Terra. Antes de mais, é um progenitor.

Lembrei-me disto há pouco tempo, numa sessão com uma jovem chamada Annie que tomou um rumo completamente inesperado. Tinha sido apresentada a Lee Everett, a curandeira mulher do comediante Kenny Everett, e uma tarde, quando ela veio visitar-me, trouxe uma amiga chamada Annie.

Depois, quando já se iam embora, olhei para a Annie e de repente vi-a de maneira diferente. Em vez da rapariga bonita e moderna que vira antes, vi grande turbulência e confusão.

«Minha nossa, tu precisas mesmo de ser arrumada», não consegui evitar dizer em voz alta.

Ela ficou de queixo caído e olhou para mim surpreendida, mas a Lee disse: «Podes dizê-lo outra vez, Doris. Precisa mesmo.»

A pobre Annie estava numa confusão dos diabos. Envolvera-se num projeto empresarial, desistira do apartamento, do emprego e de praticamente tudo o que possuía para o levar avante, mas nada parecia avançar e ela andava à deriva de dia para dia sem saber o que fazer.

Era uma rapariga simpática e de bom coração e eu detestava vê-la naquele estado.

«Olha, querida, não sei se ajuda, mas queres uma sessão?», perguntei. «Talvez as pessoas do espírito consigam sugerir alguma coisa.»

Como já disse antes, não sou adivinha, mas por vezes as pessoas do espírito conseguem ver para além das esquinas e, quando alguém que amam chega ao fundo do poço, muitas vezes deixam escapar um bocadinho do futuro para animar essa pessoa infeliz e ajudá-la a atravessar o presente. Não podia prometer que o fariam pela Annie, mas valia a pena tentar.

A sessão começou de forma normal. O irmão da Annie apareceu e vários membros da família, mas ao fundo eu continuava a ouvir uma voz que dizia:

«Pergunta à Yoko, pergunta à Yoko.»

Yoko, pensei, que estranho. Só conheço uma Yoko, a Yoko Ono, a japonesa que foi casada com o John Lennon. Obviamente era um nome mais comum do que eu imaginava.

Depois veio o nome John Lennard.

«Ah, esse é o advogado que está envolvido no projeto empresarial», disse a Annie.

Então outra voz interrompeu. «O meu nome é John Lennon.»

Pensei que me estava a confundir com o John Lennard, que estava vivo e trabalhava com a Annie, mas a nova voz era muito firme.

«Não, sou o John Lennon, estou deste lado», insistiu. «Ela não me conhece, mas o meu melhor amigo falou com ela ao telefone ontem à noite. O Elton John, de Nova Iorque.»

Repeti isto e a Annie disse: «Sim. Falei com o Elton ontem à noite.»

Acontece que ela trabalhara na indústria musical e conhecia muito bem o Elton John, embora nunca tivesse conhecido o John Lennon.

Apesar disso, o John Lennon parecia saber tudo sobre o projeto da Annie.

«Porque é que não pedem apoio à Yoko?», perguntou ele. «Afinal, deram ao projeto o meu nome.»

A Annie concordou que era verdade. Mencionou mais alguns detalhes confidenciais sobre o negócio e depois voltou ao Elton.

«Adorava aquele rapaz», disse. «Ele escreveu uma canção sobre mim, sabias? Chama-se Johnny. Tocou a minha canção pelo mundo inteiro.»

Não percebo muito de música pop, mas a Annie pareceu achar que era bastante exato. Ainda assim, continuava sem ter a certeza de que estava a falar com o John Lennon. Para começar, não me parecia a voz dele. Este homem tinha sotaque americano e eu esperava que o John Lennon soasse a Liverpool.

«Podes dar-me alguma prova de que és tu?», perguntei.

«A Yoko e eu tínhamos cuecas iguais com as nossas iniciais», disse ele, «e ela guardou quatro pares dos meus óculos de ouro maciço.»

Depois começou a falar de uma fotografia com flores à volta e muitas velas, mas nem a Annie nem eu conseguíamos perceber o que queria dizer. Não fazia sentido para nós.

«Queres dizer que a Yoko tem uma fotografia tua com flores e velas à volta?», perguntei.

Não, disse ele, não era nada disso. Tentou explicar outra vez, mas eu não conseguia perceber.

«Não adianta. Desculpa, querido, limpa a vibração e vamos tentar outra coisa.»

Só mais tarde resolvemos o enigma. Aparentemente, no aniversário da morte dele, os fãs dão a volta ao Central Park com um retrato do John Lennon decorado com flores e acendem velas.

A seguir, mostrou-me o local onde foi morto. Imediatamente surgiu na minha mente uma cena típica de Nova Iorque. Prédios altos e as árvores do Central Park ali perto. Ele era dono de todo o quarteirão, explicou.

«E tu estiveste lá», disse ele.

«Oh, não, acho que não», garanti-lhe.

«Sim, estiveste», insistiu. «Fizeste um programa de rádio lá.»

E de repente a imagem mudou e vi o John e eu de pé num hall magnífico cheio de plantas, à espera do elevador que nos levaria ao apartamento onde Lord Fitzgerald e a mulher, Peggy, apresentavam o seu programa de rádio tardio para os nova-iorquinos que ainda estavam acordados.

«Ah, sim», disse eu devagar. «Foi da última vez que estivemos na América. Então aquele prédio era teu?»

Mas o John Lennon já seguia em frente. Parecia um rapaz estranho. Soava convencido e até um pouco arrogante, receio bem, mas também estava preocupado em ajudar as pessoas. Voltou ao projeto da Annie.

«Há muito dinheiro. Gostaria que a Yoko vos apoiasse, desde que dediquem parte do vosso tempo à paz.»

Perguntei-lhe o que andava a fazer do outro lado.

«Continuo a compor», respondeu. «E conheci dois Brians: um que se matou com drogas e outro que se afogou numa piscina.»

A Annie disse que devia estar a referir-se a Brian Epstein, o primeiro manager dos Beatles que morreu de overdose, e a Brian Jones dos Rolling Stones, que foi encontrado morto na sua piscina.

«E o homem que te matou?», perguntei. «Guardas-lhe alguma mágoa?»

O John disse que não. «Afinal, ele não estava bem da cabeça, pois não?» Depois riu-se. «E se tinha de vir para este lado, fizemo-lo da maneira certa, não foi? Com grande alarido!»

Tinha um sentido de humor negro, mas por baixo era uma pessoa carinhosa.

«Ficaram muitas coisas por fazer que eu devia ter feito», disse, e os dois filhos preocupavam-no especialmente.

«Deixei a Yoko, sabias?», contou. «Mas percebi que a minha verdadeira felicidade estava com a família e voltei.»

Preocupava-o que o filho mais velho, o Julian, se sentisse injustiçado.

«Agora está loiro», disse, «mas o problema é que ele acha que devia receber muito mais e a Yoko pensa que faz bem em esperar que ele seja mais velho.»

Por fim falou do Sean, o filho mais novo. Era evidente que o Sean tinha um lugar especial no seu coração e ele ainda passava muito tempo perto dele.

«Mostrei-me ao Sean», disse. «O Sean viu-me.»

As crianças pequenas são psíquicas, por isso é muito provável que o Sean tenha visto o pai e certamente continuará a sentir a presença dele à medida que crescer.

É muito estranho como tantos músicos pop partem tão jovens. Sei que há muito álcool e drogas nessa profissão, o que explica algumas das mortes, mas um número surpreendente destes jovens vai embora sem culpa nenhuma. O John Lennon foi assassinado, outros cantores morreram em acidentes de avião, eletrocutados pelas próprias guitarras ou, como o Marc Bolan, em acidentes de carro fatais.

Já fiz várias sessões para esposas, namoradas e mães enlutadas que ficaram depois destes casos trágicos e, ao falar com as mães, percebo que, por mais selvagem que fosse a imagem que o jovem apresentava ao mundo, por mais maus hábitos que tivesse adquirido, para a mãe ele continua a ser o seu menino inocente. Por baixo da fachada permissiva está sempre o menino que ela conheceu.

Percebi isto quando a mãe do Marc Bolan, Mrs. Phyllis Feld, veio ter uma sessão comigo. Já tinham passado vários anos desde que o Marc morrera, mas eu ainda tinha uma vaga recordação dele. Não era o rapaz dos caracóis compridos e maquilhagem nos olhos? Como fã do Jim Reeves, o Marc Bolan nunca foi bem a minha praia, por isso nunca acompanhei a carreira dele, mas se me perguntassem como ele era, provavelmente diria que, pelo aspeto, era um daqueles tipos rebeldes que se estão nas tintas para tudo.

O que só prova como nos podemos enganar. Quando voltou para falar com a mãe, descobri que era um jovem gentil e de bom coração. Cometera erros, sabia-o e estava disposto a admiti-los.

A Mrs. Feld escrevera-me a pedir uma sessão e marquei-a para o único dia que tinha livre, mas acabou por ser uma escolha feliz.

Mal comecei a trabalhar, o Marc apareceu a cantar Parabéns a Você.

«Porque está ele a cantar isso?», perguntei à mãe.

«É o aniversário dele hoje», explicou ela.

«Vinte e nove», disse o Marc.

«Ele faz vinte e nove hoje?», perguntei.

«Não», respondeu a Phyllis, «mas tinha vinte e nove quando morreu.»

Depois falou do filho pequeno, o Rolan, deu a idade dele e depois falou da Gloria.

«É a mãe do Rolan», disse a Phyllis.

«A minha mãe é fantástica», continuou o Marc. «Nunca culpou a Gloria pelo que aconteceu.»

Aparentemente, a Gloria conduzia o carro na noite do acidente. O Mini perdeu o controlo, bateu numa árvore e o Marc morreu.

«A Gloria ficou bem», explicou o Marc. «Não ficou inconsciente nem nada. Não parava de dizer "Acorda! Acorda, Marc!" Mas eu já tinha partido. Acho que um pneu rebentou.»

Depois, por algum motivo, começou a cantar outra vez. Desta vez era uma canção alegre chamada Tie a Yellow Ribbon Round the Old Oak Tree, que me pareceu uma escolha estranha. Gosto da canção, mas pelo pouco que sabia da obra do Marc, não me parecia nada o estilo dele. Quando acabou o refrão, murmurou qualquer coisa sobre uma rapariga que vinha da América no dia do aniversário dele e que atava uma fita amarela a uma árvore.

Para a Phyllis e para mim era grego. Não percebíamos nada.

«Não sabemos o que queres dizer, querido.»

Repetiu a mensagem várias vezes, mas não adiantou.

«Voltamos a isso mais tarde», sugeri. «Agora não estamos a chegar a lado nenhum.»

Mas poucos dias depois o significado tornou-se mais claro. Saiu uma notícia nos jornais sobre o Marc Bolan que mencionava que os fãs ainda fazem uma peregrinação todos os anos à árvore onde ele morreu. Não falava especificamente da rapariga americana, mas como ele tinha muitos fãs americanos, é bem possível que uma rapariga americana estivesse entre eles.

O Marc continuou a falar de outro Mark. «Mas é o nome verdadeiro dele», disse, «escrito M-A-R-K.» Só aí percebi que o Marc não escrevia o próprio nome da mesma maneira.

«Ele tem um primo chamado Mark», disse a Phyllis.

Mencionou outros nomes de família e aniversários. Depois deu o nome Grace.

A Phyllis abanou a cabeça. «Não conheço ninguém chamado Grace.»

«Não, a mãe não a conhece», disse o Marc, «mas diz-lhe que conheci o Elvis Presley e a mãe dele, Grace, aqui deste lado.»

A Phyllis não achou improvável. «Ah, sim, ele adorava o Elvis Presley», disse. «Teria adorado conhecê-lo.»

O Marc acrescentou que a mãe ia em breve a Los Angeles (o que era verdade) e que o Elvis queria que ela telefonasse a uma certa Prissy e mandasse lembranças à Lisa.

«A mulher do Elvis chamava-se Priscilla», disse a Phyllis, «e a filha é a Lisa.»

Depois o Marc falou da carreira dele. Mencionou vários pormenores financeiros pessoais que a mãe confirmou e disse que estava preocupado com ela.

«A minha mãe não devia estar a trabalhar», disse. «Eu trabalhei muito e ganhei muito dinheiro, mas fui enganado. Pensava muito na minha música, mas como homem de negócios não valia nada.

A fama e o dinheiro vieram demasiado depressa. Não soube lidar com isso. Não ouvia o meu pai. Achava-me uma grande estrela, mas o pai dizia sempre “tem cuidado”.»

A Phyllis assentiu tristemente. «Sim, é bem verdade. O pai preocupava-se com ele.»

E, por fim, tal como o John Lennon, os pensamentos do Marc voltaram ao filho. Tinha muito orgulho no pequeno Rolan.

«Estava a escrever uma canção para o Rolan mesmo antes de acontecer, sabias?», disse-me. «Uma canção nova.»

Talvez um dia o Rolan escreva uma canção para o pai. O Marc ia gostar disso.

CAPÍTULO 5

Era a noite de Halloween na América. Por todo o país, crianças entusiasmadas corriam de porta em porta a gritar «Travessura ou Gostosura!», adultos vestidos de bruxas e fantasmas apressavam-se para festas de disfarces e o John e eu, algo perplexos com as celebrações sinistras, íamos a caminho de casa de amigos em Connecticut.

Era uma noite fria, daquelas em que o vento suspira nas árvores, as folhas secas farfalham na sarjeta e os objetos comuns projetam sombras estranhas e sobrenaturais. Uma noite em que até os adultos se apressam a acender as luzes.

Normalmente, estas coisas fazem-me sorrir. Compreendo o arrepio agradável que as pessoas sentem ao ouvir histórias de fantasmas ou a jogar jogos assustadores, mas eu não consigo partilhar. Fantasmas, monstros e coisas que fazem barulhos na noite não me metem medo nenhum. Se vejo um fantasma, simplesmente desejo-lhe bom dia e pergunto como está. Mas naquela Halloween em particular comecei a achar que a atmosfera me estava a afetar. Quanto mais nos aproximávamos da bela casa antiga que fora um moinho onde viviam os nossos amigos Wiehl, mais estranha me sentia.

O carro entrou numa entrada luxuriante ladeada de arbustos, agora uma massa de formas negras agitadas, e comecei a sentir-me decididamente esquisita. Havia uma sensação oca e esgotada no meu estômago que piorava à medida que nos aproximávamos da casa e, quando o carro parou, já me sentia francamente mal.

Saltei do carro, pensando que o ar fresco me faria bem, e depois parei de repente. Fosse o que fosse, eu entrara mesmo no meio dele. Estava de pé por baixo de um candeeiro de estilo vitoriano do qual pendia uma abóbora macabra de Halloween e as vibrações negativas estavam por todo o lado. Tinha vontade de gritar, berrar e atirar coisas, mas por algum motivo não conseguia mexer-me.

«Doris, o que foi? Aconteceu alguma coisa?»

Era a Pam Wiehl, que viera dar-nos as boas-vindas.

«Oh, não, não», gaguejei, reprimindo o impulso de gritar. «Vamos para dentro. Sinto-me só um bocadinho… esquisita.»

Que lugar tão lindo, pensei, olhando para trás para o candeeiro que brilhava sobre uma piscina deslumbrante. O que raio se está a passar?

Mais tarde descobri. A filha de dezanove anos da Pam, a Sandy, levantara-se da mesa do pequeno-almoço numa manhã, correra para o telhado e atirara-se para a piscina, que na altura estava vazia. A Pam, ao ouvir o estrondo, correra para fora e vira a filha partida e morta no fundo da piscina.

Contou-me depois que ficara parada debaixo do candeeiro, dilacerada, paralisada de indecisão. Não sabia se corria para a filha ou se corria a telefonar para uma ambulância e, puxada em duas direções ao mesmo tempo, não conseguia mexer-se. Ficou ali em agonia e, quando abriu a boca para gritar, não saiu som nenhum.

Por mais estranho que pareça, o horror absoluto daquele momento continuava vivo. Tão poderosa fora a emoção que a Pam sentira naquela manhã que o ar ainda estava carregado dela e qualquer pessoa sensível a captaria.

Há muito que queríamos visitar os Estados Unidos e os nossos simpáticos amigos americanos marcaram-nos o outono de 1982. É impressionante como as coisas se encadeiam. Na nossa última viagem a Nova Iorque conhecêramos um casal que perdera o filho, Greg, num acidente de carro. Vieram ter uma sessão comigo e, mal entrei em sintonia, quatro jovens, todos de dezanove anos, entraram a falar connosco. Um deles era o Greg, e os outros chamavam-se Sandy, Jamie e Chris.

Tinham-se conhecido na Terra, explicaram, e continuavam amigos do outro lado.

Acontece que os pais enlutados, mas empreendedores, tinham formado um círculo de apoio ao luto para trocar ajuda e conforto. Depois de os pais do Greg terem vindo à sessão, estavam ansiosos por me convencer a visitar o resto do círculo e fazer o mesmo por eles.

«Da próxima vez que vierem aos Estados Unidos, fiquem em nossa casa e apresentamo-lhes a toda a gente», disseram. «Ficariam tão felizes por a conhecer.»

Parecia-me que já conhecia a casa da família do Greg. Durante a sessão ele mostrara-me uma sala que eu tomei como a sala de estar dos pais. Vi uma janela grande e, na parede ao lado, um quadro do Greg com roupa descontraída. Os pais, Pat e John, abanaram a cabeça sem entender.

«Não, essa não é a nossa sala de estar.»

«Eles não reconhecem, Greg», disse-lhe eu.

«Reconhecem, sim.» Mostrou-me a cena outra vez, mas desta vez de mais longe, para eu ver um sofá vermelho virado para mim. Descrevi-o aos pais.

«É onde veem televisão», acrescentei.

«Ah, o nosso cantinho de família!», exclamaram. «Sim, é exatamente assim.»

O Greg continuou a falar da partida dele. Era de madrugada, pouco antes do amanhecer, e caía uma chuva fina. Tive a impressão de uma área ampla e aberta, uma curva na estrada, depois uma confusão de luzes e um estrondo. O Greg disse que morreu instantaneamente, com as costas e o pescoço partidos e o peito esmagado. Estava chateado porque os pais não receberam todos os seus pertences.

«Levaram-me o relógio e eu queria que o pai o tivesse. Tinha acabado de levantar o ordenado, mas esse também desapareceu.»

«Sim, só havia um dólar na carteira dele quando a recebemos», disse a Pat.

Acima de tudo, o Greg estava arrependido da maneira como por vezes tratara os pais. «Fui mesmo duro com eles quando estava a crescer. Mas agora percebo quanto me amavam. O pai ficou desapontado por eu não ter ido para a universidade, mas eu precisava de tempo para me encontrar. Acho que estava quase lá, mas depois aconteceu aquele acidente estúpido.»

Algumas semanas depois, a mãe do Greg telefonou-me outra vez a perguntar se o John e eu poderíamos visitá-los. Mal ouvi a voz da Pat, o Greg estava ao meu lado.

«Houve um casamento lindíssimo», disse-me ele, «e eu fui. Foi fantástico!»

A mãe dele ficou sem fôlego. «Isso é incrível», exclamou. «A irmã do Greg, a Debra, casou-se na semana passada.»

«Ela casou com o Jean Marc?», perguntei, lembrando-me de que na sessão original o Greg mencionara a Debra e um jovem chamado Jean Marc. «Eles são mais do que amigos!», dissera ele.

«Sim, exatamente», disse a Pat. «Foi com ele.»

Esta informação deixou-a ainda mais decidida a que fôssemos visitá-los.

«Os pais da Sandy estão especialmente ansiosos por a conhecer. Afinal, mencionou a Sandy durante a sessão.»

Pois claro, o John e eu teríamos adorado ir, mas com compromissos antigos e internamentos no hospital, só no final de 1982 conseguimos. Ainda assim, quando lá chegámos, ficámos contentes com o timing.

O outono em Connecticut era de cortar a respiração. Nunca tínhamos visto cores assim. O ar era fresco e cintilante e seguíamos por estradas largas e abertas, em chamas com árvores flamejantes. Milha após milha, só víamos árvores brilhantes, cada uma a tentar superar a do lado. Escarlates e cobres, amarelos ácidos e verdes-limão, cada uma realçando a seguinte até os olhos doerem de tanto olhar.

O John e eu conduzimos quilómetros sem dizer uma palavra, tão encantados estávamos com a paisagem.

«Que pena não o verem no seu melhor», diziam-nos as pessoas sem parar, e ficávamos de queixo caído. Como poderia estar mais bonito do que já estava?

«Porque são as cores tão mais vivas do que em casa?», perguntei ao John.

«Talvez seja o solo», sugeriu ele.

Fosse qual fosse a razão, estávamos muito gratos por o termos visto.

Como acontece com todas as minhas viagens ao estrangeiro, a notícia espalhou-se rapidamente e foram acrescentados à agenda programas de televisão, reuniões públicas e serviços religiosos. Acabei por visitar Nova Iorque e Baltimore além de Connecticut, mas, infelizmente, nestas tournées as mensagens tendem a misturar-se na minha memória e depois só me lembro de algumas das mais marcantes.

Lembro-me especialmente do serviço religioso em Connecticut. Várias crianças voltaram para falar com os pais, mas ao fim de um bocado comecei a ouvir insistentemente uma voz masculina. Queria falar com a mulher.

Procurei pela sala cheia à procura dela e acabei por ver uma luz a pairar em volta de uma senhora de aspeto intimidante e claramente abastada. Percebi logo que ela não estava nada entusiasmada com aquilo. Aliás, depois contou-me que não queria ter vindo e, depois do que aconteceu, não a culpo.

«Tenho uma mensagem para aquela senhora ali», disse eu, apontando na direção dela.

«Eu!», exclamou a senhora, horrorizada.

«Sim, tenho aqui um homem e acho que é o seu marido.»

A senhora ficou pálida.

«Diz-lhe para parar de ser tão egoísta», disse a voz masculina ríspida. «Diz-lhe para parar de se agarrar às coisas.»

Transmiti isto com o maior tato possível. Tento sempre censurar ou pelo menos suavizar certas mensagens, especialmente em público, onde podem causar embaraço. Mas desta vez ele não desistiu enquanto não disse o que queria.

«Ela tem duas casas grandes», continuou, «e agora comprou um apartamento. Para que quer três casas na idade dela? Agarra-se à minha roupa quando podia dá-la para ser aproveitada por quem precisa, e agarra-se a mim. Diz-lhe para parar.»

Esta tirada deixou-me sem fôlego.

«Ele diz que está a agarrar-se à roupa dele e a agarrar-se a ele», expliquei com suavidade. «Não gosta. Quer que se livre do que não precisa e comece a viver.»

A mulher parecia que ia sufocar. Devo tê-la assustado de morte, mas felizmente o marido já tinha dito o que queria e deixou os outros terem a vez, por isso consegui passar adiante.

Fiquei preocupada que a senhora se sentisse ofendida, mas depois de ter tempo para pensar creio que se sentiu mais calma. Veio falar comigo no fim.

«Bem, não sei o que hei de dizer.»

«Lamento, o seu marido foi bastante direto, querida», desculpei-me, «mas achou importante que entendesse estas coisas.»

«Ah, sim, era mesmo típico dele», respondeu ela.

No fundo, creio que foi um alívio para ela poder finalmente relaxar e deixar ir. Estava a agarrar-se às coisas do marido numa tentativa desesperada de se agarrar ao marido. Agora que sabia que não o tinha perdido de facto, que ele ainda estava perto, podia relaxar.

Em Baltimore, o que mais me ficou na memória foi o programa de televisão chamado People Are Talking.

Trabalhava com uma mistura de público ao vivo e telespectadores invisíveis que telefonavam para o estúdio. Havia dois apresentadores, um homem e uma mulher, e pareciam algo nervosos comigo. Não sabiam o que esperar e, quando os destinatários das mensagens por vezes desatavam a chorar, dominados pela emoção, ficavam bastante alarmados.

Expliquei, como faço sempre, que as lágrimas são uma libertação e que muito raramente me pedem para parar de transmitir a mensagem, mas os apresentadores estavam céticos no início, embora no fim do programa acho que mudaram de ideias.

«Está tudo bem?», perguntavam constantemente ao público. «Quer que ela pare?»

E uma e outra vez recebiam a mesma resposta: «Não, não, estou a chorar porque estou feliz.»

Passados alguns minutos do programa, ouvi a voz de um rapaz novo. Chamava-se Mitchell e tinha morrido num acidente de mota.

«Fui muito rápido», disse ele. «Parti o pescoço.»

«Sim», soluçou a mãe, que estava no meio do público. Um dos apresentadores correu para ela e pôs-lhe o braço aos ombros, mas a mulher parecia nem dar por isso.

«A mãe disse para eu não ir», continuou o Mitchell, «mas eu fui. Lamento tanto. Não teria acontecido se a tivesse ouvido.»

«É tão verdade», disse a mãe. «Ele não me ouvia. Eu não queria que ele fosse.»

Mas o Mitchell não queria que ela ficasse triste. Era um rapaz inteligente e estava decidido a provar à mãe que ainda passava muito tempo com ela.

«Ela saiu com a Betty», disse ele.

«É a minha amiga», explicou a mãe.

«E diz-lhe que eu estava com ela quando foram à loja e a mãe comprou uma blusa. Pagou-a e chegou à porta, depois disse "Não, acho que não é para mim" e voltou para trás com ela. Típico da mãe. Está sempre a mudar de ideias!»

A essa altura, as lágrimas da mãe tinham secado completamente e os olhos estavam como pratos. Olhava para mim como se suspeitasse que eu a tinha seguido pela loja.

«Foi exatamente o que aconteceu», sussurrou ela.

A luz passou adiante pouco depois e eu saltitava de pessoa em pessoa quando de repente ouvi o nome Jamie, seguido do nome Griffin, e o programa parou. Nada. Ninguém reconhecia nenhum dos nomes. Silêncio total.

Agora, sou a primeira a admitir que cometo erros e que às vezes ouço mal, mas estes dois nomes eram bastante claros, não o borrão confuso que às vezes se ouve quando várias vozes tentam comunicar ao mesmo tempo.

«Ninguém conhece um Jamie ou um Griffin?», perguntei outra vez.

Nada.

«Eles não te conhecem, querido», disse ao rapaz, mas estava intrigada. Era tão claro que tinha de haver uma ligação com o programa algures. Talvez o nome fosse para alguém que estava ao telefone.

Afinal, tinha razão, só que a pessoa em causa nem sequer tinha ligado na altura em que a mensagem chegou.

Sem eu saber, a mãe de um rapaz de dezoito anos chamado Jamie Griffin estava a ver televisão quando de repente me ouviu mencionar o nome do filho. O Jamie tinha desaparecido e a polícia suspeitava do pior, mas a Mrs. Griffin recusava-se a acreditar. O filho ainda estava vivo, tinha a certeza. Acreditava que provavelmente perdera a memória e andava por aí perdido, confuso e sem saber quem era.

Quando me ouviu na televisão, ocorreu-lhe que eu talvez pudesse dizer-lhe onde encontrar o filho e telefonou imediatamente ao agente responsável pelo caso para perguntar se eu poderia ajudar. A polícia não se opôs, por isso contactaram a estação de televisão e, quase antes de eu perceber o que estava a acontecer, ficou combinado que eu faria uma sessão diante das câmaras para o Mr e a Mrs. Griffin.

Acabou por ser um projeto muito difícil. Mal os Griffin chegaram, percebi que, tal como a polícia, temia o pior. Ouvia constantemente uma voz jovem, de rapaz. Não podia jurar que era o Jamie, e não quereria fazê-lo, porque, como já disse, posso enganar-me, mas fosse quem fosse, estava a receber pormenores de um crime que tinha ocorrido.

A sessão começou e imediatamente aproximei-me de uma margem de rio. Depois parei de repente. Não parecia conseguir avançar mais. Ao meu ouvido sussurravam-me um nome, mas parecia demasiado improvável. Questionei-o, mas deram-me o mesmo nome outra vez.

«O nome do rio começa por P», disse eu, «e soa como Powder River, mas isso é ridículo. Há também uma queda de água perto e essa chama-se Powder Falls. Sei que parece ridículo, mas é o que dizem.»

«Acho que deve querer dizer Gunpowder River e Gunpowder Falls», disse o Mr Griffin.

Aparentemente, a polícia pensava que esses locais estavam ligados ao caso. Depois tive a impressão de um corpo que fora mudado de lugar duas vezes e descrevi uma localização. Subia por um trilho estreito em terreno selvagem.

«Cheguei a um sítio onde o caminho se divide e posso ir para a direita ou para a esquerda», disse-lhes. «Vou para a esquerda e vejo uma rocha saliente e um desfiladeiro abaixo de mim.»

Os pais abanaram a cabeça, mas a Mrs. Griffin pareceu alarmada.

«Não quero saber o que dizem, o meu filho está vivo», insistiu ela. «Se me disserem o contrário, não acredito.»

A pobre mulher estava obviamente num estado terrível.

«Não lhe posso dizer nada com certeza, querida», expliquei com suavidade. «Tudo o que posso fazer é transmitir o que me dizem do outro lado. Agora, seja quem for com quem estou a falar, está a dar-me um apelido.» Mencionei-o.

Mais uma vez os pais pareceram não reconhecer, mas depois descobri que a informação estava correta. O agente responsável pelo caso telefonou-me mais tarde.

«O nome que deu era o meu nome de cobertura. Ninguém além do meu chefe e de mim sabe esse nome. Nem sequer a minha mulher.»

Disse ainda que também ele acreditava que o corpo tinha sido mudado de lugar e que tinham encontrado uma sepultura rasa no local que eu descrevera, mas estava vazia. Também conhecia o sítio onde o caminho se dividia.

A essa altura, a Mrs. Griffin já tinha tido o suficiente. Devia saber instintivamente que já não havia hipótese de eu lhe dizer que o filho sofria de amnésia. A pessoa que me falava do outro lado deu-me os apelidos do avô e da avó do Jamie.

«Adivinha. Adivinha com sorte», disse a Mrs. Griffin, fora de si.

Mencionou também Atlantic City.

«Foi onde encontraram o meu carro», disse o Mr Griffin. «O Jamie pediu-o emprestado para ir a uma reunião da igreja Unity e nunca mais voltou. Encontraram o carro abandonado depois.»

Depois veio o nome Michael.

«É o rapaz que estava com ele», disse a Mrs. Griffin.

«Estão a dizer-me que houve uma discussão», expliquei. «Os rapazes iam encontrar-se com um homem, mas houve uma discussão.»

«Sim, mas eu não paro de lhe dizer que ele tem amnésia», sibilou a Mrs. Griffin.

Parei. Não era justo continuar. Esta senhora só me tinha procurado porque queria que eu provasse a teoria dela. Não queria saber a verdade. Se eu não pudesse apoiar a teoria dela, não ouviria. Ainda não estava preparada para ter a mente aberta e não era correto forçar-lhe coisas que ainda não estava pronta a aceitar.

Claro que, se a polícia encontrasse o corpo do filho, seria diferente. Teria de enfrentar a realidade brutal, mas eu não podia oferecer-lhe nenhuma prova tangível desse tipo e seria errado angustiá-la desnecessariamente. Lembrei-me da altura, anos antes, em que o John estava desaparecido, presumivelmente morto depois de saltar de paraquedas em Arnhem, e uma médium me disse que ele estava definitivamente no mundo espiritual. Fiquei devastada. E, para mais, a mulher acabou por estar errada.

«Lamento, mas a energia está a esgotar-se», disse eu. «Estou muito cansada. Acho que temos de parar por hoje.»

As câmaras pararam, recomeçou o burburinho no plateau e as pessoas voltaram a andar de um lado para o outro. Era como se um feitiço se tivesse quebrado.

O Mr Griffin olhou para mim longo tempo, depois veio chorar no meu ombro. A Mrs. Griffin estava bastante composta. Ajeitou o cabelo para o caso de se ter despenteado, alisou a roupa e levantou-se.

«O meu filho está vivo», disse a toda a gente que se aproximava para lhe dar os pêsames. «Não quero saber o que dizem. Eu sei que ele está vivo.»

Dos dois, achei que era a Mrs. Griffin quem mais precisava de ajuda.

Eu estava disposta a deixar o caso por ali, mas depois, quando o agente responsável ligou, convenceu-me a mudar de ideias. Eu tinha dado informação correta suficiente para os convencer de que poderia ser útil de forma prática.

Em particular, interessava-lhe o local que eu descrevera onde o caminho se dividia e uma rocha enorme sobressaía sobre o desfiladeiro.

«Sei exatamente onde é», disse ele. «Se a levássemos lá, acha que conseguiria mais alguma informação? Achamos que pode ser muito importante.»

«Bom, talvez», respondi. «Mas não posso prometer. Às vezes resulta, outras não.»

No fim convenceu-me a tentar e combinámos encontrar-nos com a família e irmos juntos.

Mas não chegou a acontecer. De alguma forma a imprensa soube do plano e contactou a polícia para ver se podiam ir também. A polícia disse que não, mas isso não os demoveu.

«Doris, a polícia não nos pode impedir. É um país livre, podemos ir onde quisermos. Mas depende de si. Se disser que não se importa que estejamos lá, eles não podem fazer nada.»

Era um dilema terrível. Se dissesse não, suspeitava que escreveriam coisas desagradáveis sobre mim, mas se dissesse sim, a polícia ficaria chateada e, muito provavelmente, a família também.

Lembrei-me da última vez em Nova Iorque em que jornalistas me fizeram acreditar que a família de um rapaz desaparecido tinha concordado com a cobertura mediática das minhas investigações no local do desaparecimento. Tudo se transformou num circo e a mãe, que afinal não tinha sido consultada, ficou quase histérica. Fora uma lição amarga, mas aprendi-a bem. Estava decidida a que nunca mais acontecesse.

O que raio podia fazer? O problema dava voltas e voltas na minha cabeça. No fim foi o John quem encontrou a solução óbvia.

«Não vás», disse ele. «É tão simples quanto isso. Se não fores, a imprensa não pode acusar-te de seres difícil e os pais não podem acusar-te de transformar o caso num circo.»

Por isso não fui. Às pessoas diretamente envolvidas expliquei a verdade. A todos os outros tive um ataque de saúde diplomática.

Ainda assim, ainda não terminei com o caso. A polícia estava tão convencida de que eu os podia ajudar que mandou mapas detalhados da zona para minha casa em Londres para eu trabalhar neles quando regressasse.

E devo dizer que um olhar rápido àqueles mapas bastou para me deixar muito contente por não ter feito a viagem. O terreno é tão íngreme e acidentado que acho que a caminhada me teria matado!

Como sempre, porém, o meu trabalho mais importante durante essa visita foi o que fiz em privado. Entre as bonitas casas brancas de tábuas daquela zona nordeste da América havia muito luto e tragédia e tantas crianças perturbadas. Não conseguia entender por que razão estas crianças

de casas lindas com pais que claramente as adoravam estavam tão confusas. As que não tinham partido em circunstâncias trágicas estavam a receber ajuda psiquiátrica. Qual era a causa de toda esta confusão?

Perguntei ao Ramanov uma noite e ele disse que achava que a culpa era em parte da abastança. Os pais trabalhavam terrivelmente, alguns começando às cinco e meia da manhã e acabando tarde da noite. O resultado era que podiam dar-se a uma vida luxuosa, mas esperavam que os filhos alcançassem o mesmo sucesso. Algumas crianças conseguiam lidar com isso, mas outras não e sentiam-se pressionadas.

Ao mesmo tempo, muitos pais pareciam protetores de mais com os filhos. Um homem não parava de me dizer que tentava convencer o filho a voltar para a escola porque seria muito melhor para ele. Só que esse filho tinha vinte e cinco anos, idade para ser marido e pai.

«Quando crescem, têm de os deixar ir», disse o Ramanov. «Têm de os deixar ser responsáveis por si próprios porque é para isso que aqui estão. Como poderiam fazer o trabalho para que foram enviados?»

Gostámos da visita, mas ficar em casas de pais enlutados era uma experiência de partir o coração. As crianças estavam tão perto que eu tropeçava constantemente nelas, e vê-las no seu ambiente familiar fazia-nos perceber o quão grande era a perda que os pais tinham sofrido.

Na casa do Mark Ernst em Nova Iorque, por exemplo, fui à casa de banho do rés do chão e encontrei o Mark à minha espera no corredor.

«Vem cá abaixo ver isto, Doris», disse ele e levou-me por uma porta que eu não tinha reparado, descendo outra escada até à cave.

«Era aqui que guardavam muitas das minhas coisas», explicou, apontando para o típico caos familiar, «mas ficou inundado um ano.»

Tinha conhecido os pais do Mark meses antes, quando vieram ter uma sessão ao meu apartamento em Londres. Foram educados, mas bastante cautelosos comigo no início e decididos a não revelar nada, por isso, quando entraram, eu disse:

«Oh, meus queridos, perderam um filho.»

Negaram. Eu tinha a certeza de que sim e de que era um rapaz, mas, como não queriam falar no assunto, decidi deixar a sessão correr e ver o que acontecia.

A avó do Mark, o tio-avô e várias outras pessoas voltaram, mas eventualmente o Mark não aguentou mais ficar calado.

Fora encontrado morto na cama, contou-me.

«Pai, perdoa-me», disse ele. «Não fui eu. Fui assassinado. Não fiz isso. Juro por Deus, não fiz isso.»

Tinha vinte e um anos e já estava do outro lado quando o encontraram, explicou. Mas estava muito preocupado porque as pessoas diziam que se tinha suicidado.

«Disseram que tomei uma overdose, mas não tomei», insistiu. «Fui assassinado. Fui para a cama, mas para dormir.» Havia álcool e medicamentos receitados envolvidos, mas o Mark garantiu-me que o suicídio não lhe passava pela cabeça. Inadvertidamente ingerira uma combinação que se revelara letal. Mas não fora suicídio. Amava a família e não teria querido que sofressem.

«Eu sei o que eles estão a fazer», disse. «O meu irmão Etan tem um conjunto novo de rodas. Diz-lhe para ter cuidado.»

«Etan tem um carro novo?», perguntei.

«Não, uma mota nova», respondeu o pai.

«Ah, é isso que ele quer dizer», ri-me e expliquei o que o Mark dissera.

No fim da sessão, os Ernsts já não estavam cautelosos.

«Quando vierem a Nova Iorque, têm de prometer que ficam connosco.» Insistiram e nós prometemos.

Pois claro, aceitámos e passámos um tempo maravilhoso. Trataram-nos como se fôssemos VIPs. Tinham uma casa linda e mal lá chegámos cinco minutos, o Mark apareceu.

Um dia reparei que a mãe dele estava a folhear uma pasta grande e, imediatamente, o Mark estava ao meu lado.

«É minha», disse. «É especial.»

De facto, quando mencionei o que ele dissera, a mãe abriu a pasta para me mostrar uma coleção de redações escolares antigas do Mark que guardava com carinho desde que ele era pequeno.

Em casa da pobre Sandy Wiehl, em Connecticut, as vibrações eram ainda mais fortes, mas, como já disse, era no jardim junto à piscina que mais se sentiam. Os pobres pais estavam num estado terrível com a tragédia, mas quando fiz uma sessão e falei com a Sandy percebi que, tal como o Mark, ela não tinha intenção de se matar.

Mostrou-me o que acontecera e tive uma impressão rápida de queda e, a meio do caminho até ao chão, surgiu o pensamento: «Oh não, não há água na piscina.»

«Esqueci-me de que a piscina tinha sido esvaziada», disse-me a Sandy.

Fora um gesto desesperado, para mostrar o quanto estava infeliz, mas correra terrivelmente mal. A pobre rapariga estava doente, doente mental.

«Se estivesse no meu juízo perfeito, não o teria feito», explicou. «Tinha todas as oportunidades, mas entrava em depressões. Num minuto estava nas nuvens, no seguinte no chão, num piscar de olhos.

Ninguém conseguia fazer nada. E eu era estúpida, Doris. Fazia coisas estúpidas, coisas que sabia que não devia fazer, só para ser como os outros miúdos. Mas depois sentia-me culpada e isso deprimia-me ainda mais. Estava tão confusa.»

Agora estava muito melhor, disse, e queria que o pai e a mãe soubessem que lamentava profundamente o que acontecera.

«O que fiz aos meus pais!», suspirou, sem palavras para descrever o comportamento dela. «Sabem, eu achava-me adulta, mas não era nada adulta. Devo ter sido um peso terrível. Andava pela casa a lamentar-me e às vezes perdia as estribeiras. Gritava com as pessoas. Agora percebo, mas na altura estava fora de mim.»

Mandou o seu amor à família e falou muito do Flip. Pensei que fosse um peixe qualquer, mas os pais desataram a rir.

«Não, é o irmão dela, o Flip. Uma alcunha para Philip.»

Tive de rir. «Pensei que fosse abreviatura de Flipper. Estava a imaginar se ela tinha um golfinho de estimação ou assim!»

Aparentemente, o Flip tinha visto a Sandy desde que ela partira, mas pensava que fora um sonho. A Sandy queria que ele soubesse que fora real. Também andara por perto quando a irmã Kim e a amiga Jenny May estavam a falar dela no quarto da Kim.

«Estavam a experimentar a minha roupa e a falar de mim e eu gritei "Estou aqui, malditas sejam! Estou aqui!", mas elas não me ouviam. Era tão frustrante.»

Depois começou a falar em francês. Era bastante fluente e eu não percebia uma palavra.

«Não estou a exibir-me, Doris», disse ela em inglês, depois de eu ficar devidamente baralhada. «Só queria mostrar-te do que era capaz e o quanto poderia ter conseguido se não tivesse estado doente.»

«Sim, ela era muito boa a francês», concordou a mãe.

Por fim, a Sandy descreveu uma tábua de madeira grande para cortar que estava na bancada da cozinha, ou balcão, como os Wiehl lhe chamavam.

«Um dia vou bater nessa tábua e aí a mãe vai saber que estou lá», disse. «Estão a ensinar-me como fazer.»

Acho que a Pam e o John acharam isto um bocadinho difícil de acreditar, mas quando fomos à cozinha vi a tábua exatamente na posição que a Sandy descrevera.

Tudo estava silencioso, porém, e não havia sinal da Sandy. Pode levar-lhe anos a aprender a bater, pensei eu. Nem conseguia imaginar quanto tempo levaria a adquirir essa habilidade.

Mas a Sandy era claramente uma aluna rápida. Um dia, quando estávamos todos reunidos na cozinha, mas bem longe da bancada, ouvimos um som forte de pancadas.

A Pam abriu a porta da cozinha. O corredor estava vazio. Foi à janela. Não havia ninguém.

As pancadas soaram outra vez, ocas e insistentes, e desta vez vinham inconfundivelmente da tábua de cortar.

«Sou eu», gritou a Sandy. «Já se esqueceram?»

A Pam olhou para a tábua, espantada. «Bem, nunca pensaria que fosse possível», murmurou.

«É melhor irem-se habituando», ri-me eu. «Agora que aprendeu a fazer isso, vai andar a bater em tudo o que for sítio, suponho.»

O tranquilo e belo Connecticut depressa se tornou o centro de uma explosão de atividade – pelo menos foi essa a sensação que tivemos.

O círculo de apoio ao luto era grande e visitámos casa após casa.

Os Wiehl queriam especialmente que conhecêssemos o Dave e a Skip Warren porque a filha deles, tal como a Sandy, se tinha suicidado e não havia dúvidas de que o fizera de propósito. A Betsy, que tinha vinte e um anos, trabalhava numa clínica veterinária e um dia injetara-se com uma dose maciça de veneno para animais, normalmente usado para sacrificar bichos.

«Não se pode estar bem da cabeça para fazer uma coisa dessas», disse a Betsy quando começámos a sessão. «Foi uma estupidez, mas agora estou feliz. Estou melhor assim.»

O casamento dela falhara e estava muito deprimida.

«Não conseguia criar relações», disse. «Tentava e esforçava-me, mas as coisas corriam sempre mal. Também bebia vodka. Comecei a beber no liceu e foi piorando.»

Tinha inveja da irmã Susanne porque ela tinha um bebé, mas hoje em dia sentia-se sobretudo triste pela mãe. A Skip fizera várias operações a cancro e estava a lidar com isso com muita coragem, mas a Betsy sentia que não lhe dera o apoio que deveria.

«Estava tão embrenhada na minha própria infelicidade, Doris, que não tinha tempo para mais ninguém. Se ao menos tivesse sido mais bondosa para a minha mãe.»

A Skip concordou que era verdade. «Sim, é isso mesmo. Não tinha tempo para os meus problemas.»

Por fim, a Betsy estava preocupada com o pai.

«Ele sente-se culpado, Doris», disse. «Quando comecei a beber, ele bebia comigo e agora culpa-se. Mas não foi culpa dele. Por favor, diz-lhe para parar de beber tanto. Não é solução nenhuma.»

O David estava bastante cético quando a sessão começou e, embora parecesse impressionado depois, não tinha a certeza se as palavras da filha o afetariam. Mas umas semanas mais tarde a Skip telefonou-me.

«E como está o David?», perguntei.

«Oh, está a portar-se tão bem, Doris», disse ela, feliz. «Diminuiu a bebida e está mesmo a tentar. Tenho tanto orgulho dele.»

Como já disse antes, a culpa é uma das emoções que atormenta os pais enlutados e é extraordinário como eles repassam vezes sem conta a causa da morte até encontrarem algo de que se culpar. Não adianta pessoas de fora ficarem impacientes e acusá-los de ridículos ou de procurarem algo que os faça infelizes. Não conseguem evitar e parece ser uma reação normal, embora triste. Eu própria passei por isso quando perdi o John Michael e vi-o em praticamente todos os pais enlutados que conheci. É cruel dizer-lhes para «agarrarem-se à vida». Precisam de compreensão, amor e uma garantia suave.

Não se pensaria, por exemplo, que os pais se culpabilizassem pelo cancro do filho, mas os Kreeger culpavam-se. Também eles faziam parte do círculo de apoio ao luto.

O filho deles, Scott, desenvolveu um cancro num sinal aos vinte e um anos. Foi uma tragédia sem sentido pela qual ninguém tinha culpa. Ainda assim, a mãe do Scott culpava-se por lhe ter dado uma alimentação errada

quando era pequeno, e o pai culpava-se por lhe ter transmitido genes claramente defeituosos.

O Scott, claro, não culpava nenhum deles.

Mal entrei na sala para a sessão, percebi que o pai não acreditava nada nesta treta toda; só aceitara para agradar à mulher. Ondas de descrença e dúvida saíam dele para a sala, tornando muito difícil concentrar-me.

Ai, pensei, temos de resolver isto primeiro ou não vamos a lado nenhum. «Podem dizer-me alguma coisa sobre ele?», perguntei ao mundo espiritual.

«É advogado», foi a resposta.

Sorri ao Mr Kreeger.

«Mr Kreeger, sei que não acha grande coisa disto tudo», disse-lhe eu. «Mas estou a receber a mensagem de que é advogado. É verdade?»

O rosto dele mudou e vi que ficou abalado.

«Bom, sim, sim, sou», balbuciou. «Mas os Wiehl podem ter-lhe dito.»

Não me lembrava de eles terem dito, mas ele tinha razão. Podiam ter dito.

Ainda assim, as ondas céticas hesitaram e recuaram e senti que conseguiria trabalhar mais à vontade.

«Bom, não faz mal», disse eu. «Vamos ver se encontramos o Scott e se ele te convence.»

Entrei em sintonia outra vez e o Scott não demorou a aparecer. Surgiu na sala, entre os pais, um rapaz muito bonito com uma coloração marcante. Cabelo escuro, quase preto, pele clara e olhos azul-escuros profundos.

«Que rapaz tão bonito!», não consegui evitar dizer em voz alta.

«Sim», fungou a mãe, «era.»

«Não», corrigi. «É.»

O Scott mandou o seu amor aos pais, à irmã Lisa e à namorada April. Gostara muito da April, contou-me. Era um rapaz gentil e artístico e estava profundamente envolvido num projeto artístico qualquer.

«Era um passatempo, querido?», perguntei-lhe.

«Não. Era o meu trabalho.»

Tentou explicar-me o que fazia, mas eu não percebia nada.

«Fazia com a Lisa», disse. «Eu desenhava e recortava e íamos alternando na pintura.»

O que poderia ser?

«Isto faz algum sentido para vocês?», perguntei aos pais.

«Oh, sim», disseram. «Está absolutamente certo.»

Bom, isso era o principal. Desde que eles ficassem satisfeitos, não importava que eu não entendesse a prova.

«Há uma rosa vermelha única», continuou o Scott.

Os pais abanaram a cabeça. «Não, ele não fazia rosas.»

«Bom, deram-lhe uma rosa vermelha única, quando estava doente ou no funeral?», sugeri.

Mais uma vez abanaram a cabeça.

«Desculpa, Scott», disse eu. «Eles não conseguem situar a rosa.»

Ele insistiu que a rosa era importante.

«Sim, mas eles não a aceitam, querido», expliquei. «Talvez se lembrem depois.»

Mas o Scott não queria mudar de assunto. Estava absorvido pelo trabalho dele.

«Pede-lhes para te darem uma peça do meu trabalho como recordação de hoje.»

«Oh não, isso não posso fazer.»

«Podes, sim», disse ele. «Quero que tenhas qualquer coisa.»

«Mas eu não posso dizer isso», protestei. Pareceria que estava a aproveitar-me dos pais dele da pior maneira possível.

«O que é que não podes dizer, Doris?», perguntou a mãe do Scott.

«Bom», hesitei. «Parece uma ousadia terrível, mas…» e contei-lhes o que o Scott dissera. Para meu alívio, não pareceram ofendidos.

«Que boa ideia», disse a Mrs. Kreeger. «Adorávamos que tivesses algo para recordar o Scott e que recordação melhor do que uma peça do trabalho dele?»

«Mas o que é que ele fazia?», perguntei, perguntando-me no que me estava a meter. E se ele esculpisse elefantes em tamanho real ou assim?

O Scott riu-se disto.

«Não, nada disso, Doris», disse e tentou explicar outra vez, mas tudo o que eu ouvia era um som «sk, sk».

Desenho, talvez? Pensei. Mas não. Não seria preciso recortar e pintar.

«Era scrimshaw» *(gravura)*, disse a mãe. «É uma arte que está a morrer. Uma antiga arte dos marinheiros.»

Aparentemente, pelo que entendi, fazem-se incisões no marfim, pintam-se e depois selam-se.

«Algumas peças do Scott foram para o museu como exemplo de scrimshaw», continuou ela, «mas ainda há bastantes.»

A sessão prosseguiu, com o Scott a dar nomes de vários membros da família e amigos da família, depois falou de umas férias de que gostara com o pai.

«Fomos à Nova Zelândia», disse ele. «Passámos um tempo maravilhoso, não foi, amigo?»

Com essas palavras, o pai desfez-se em lágrimas e foi para junto da janela, olhando para o jardim.

Aparentemente, pai e filho eram muito próximos e sempre se tratavam por «amigo». Aquela palavrinha fizera mais do que tudo o que eu dissera para convencer o Mr Kreeger de que o Scott ainda estava perto.

O desfecho desta história veio poucos dias depois. A Lisa trouxe-o. Encontrei um lindo pingente preso a uma fita vermelha. O medalhão era um pedaço de marfim cremoso no qual fora gravada uma rosa vermelha requintada, cada pétala precisa e perfeita. Junto ao presente vinha um bilhete dos Kreeger.

«Quando revimos as coisas do Scott encontrámos esta rosa vermelha única», escreveram eles. «Deve ter sido a rosa de que falavas e temos a certeza de que o Scott gostaria que ficasse contigo.»

Pensei longamente no que fazer com aquela rosa. Se a usasse como pingente, só seria vista em ocasiões especiais e passaria o resto do tempo escondida na gaveta da cómoda. Na verdade, merecia estar em exposição permanente.

No fim decidi-me. Agora está pendurada ao lado da fotografia do Scott no meu quadro das crianças do espírito.

Uma das coisas mais bonitas que reparei em todas estas crianças americanas com quem falei foi a atenção que tinham para com as pessoas que ficavam deste lado, e isso demonstrou-se mais uma vez, pouco antes de eu regressar a Inglaterra.

Estava ao telefone com a Lisa Ernst, a irmã do Mark, perto do fim da nossa viagem, quando o Mark se juntou de repente a nós.

«Pergunta-lhe pelo Malcolm», disse ele.

«Conheces alguém chamado Malcolm, Lisa?», perguntei obedientemente.

«Oh, sim, era amigo do Mark», respondeu ela. «É inglês, como tu, mas está no hospital neste momento. Não sabem o que ele tem.»

Pobre rapaz, pensei. Já é mau estar no hospital nas melhores circunstâncias, mas estar num país estranho, a milhares de quilómetros de casa, longe da família, deve ser horrível.

«Achais que ele gostaria de ouvir outra voz inglesa?», perguntei à Lisa.

«Oh, tenho a certeza que sim.»

Anotei o número do hospital e, quando tive um momento livre, liguei ao Malcolm. O rapaz estava num estado terrível. Aparentemente sofria de um vírus misterioso, ou assim pensavam, e perdera o uso das pernas. Estava ali deitado, completamente sozinho, sem família para o visitar, e os médicos não sabiam o que fazer.

Ao ouvir a minha voz, ficou tão emocionado que desatou a chorar.

«Oh, Doris», disse ele. «Numa altura destas, a pessoa que mais queremos é a nossa mãe. Mas se não posso ter a minha mãe, tu és a melhor coisa a seguir!»

Conversámos longamente e eu falei-lhe do trabalho do John como curandeiro.

«Estamos quase a voltar para Inglaterra», disse-lhe, «por isso receio que o John não possa fazer nada por ti no hospital, mas gostarias que ele te pusesse na lista de cura à distância?»

O John trabalha com esta lista todas as noites. Escreve os nomes e moradas das pessoas doentes, juntamente com os detalhes dos seus males, e todas as noites senta-se calmamente e envia-lhes pensamentos de cura.

«Bom, mal não pode fazer, pois não?», disse o Malcolm. «E os médicos parecem não saber o que fazer comigo.»

Então o Malcolm entrou na lista.

Uma semana depois disseram-nos que ele estava a melhorar e, da última vez que soubemos, já andava outra vez e ia ter alta a qualquer dia.

Se teve alguma coisa a ver com o John, não sei. Mas podemos dizer com segurança que o Malcolm recebeu uma ajudinha do amigo do outro lado.

CAPÍTULO 6

Como é aquele velho ditado? Por mais humilde que seja, não há lugar como a nossa casa? Bom, tenho de admitir que, depois de todas as minhas viagens, acho que é absolutamente verdade. O John e eu passámos um tempo maravilhoso na América e ficámos em casas magníficas com criados ao nosso dispor e jardins imensos e bem cuidados.

Ainda assim, quando entrámos pela porta do nosso pequeno apartamento, olhámos um para o outro e suspirámos de alívio.

Casa! Havia uma pilha de roupa para lavar da viagem. O Les e o George tinham pintado o apartamento todo e mandado lavar os cortinados. Parecia um apartamento novo. A vista da janela não era de relvados ondulantes, mas do bloco de apartamentos em frente. Ainda assim, era o nosso lugar e voltar para ele era como trocar um vestido elegante mas apertado por um robe velho e confortável.

Como sempre, a nossa primeira prioridade foi dormir. Nunca consigo dormir em aviões e tínhamos passado a noite toda acordados no voo de regresso, mas assim que o jet lag passou, consegui desfazer as malas e organizar as recordações e lembranças da viagem.

Havia uma nova pilha de fotografias para o meu quadro das crianças do espírito. Espalhei-as na mesa à minha frente. Scott, Greg, Mark, Sandy e Betsy. Parei e pus a Sandy e a Betsy lado a lado, estudando os seus rostos jovens e frescos à procura de sinais de desespero. Mas não havia nada para ver. O tormento que arruinara as suas vidas não podia ser captado pela câmara.

«Não se pode estar bem da cabeça para fazer uma coisa dessas», dissera a Betsy.

«Se estivesse no meu juízo perfeito, não o teria feito», gritara a Sandy.

Duas pobres raparigas doentes, cuja doença não se via e por isso não era compreendida pelas pessoas comuns.

Acho que provavelmente há muito mais doença mental por aí, não reconhecida nem tratada, do que as pessoas imaginam. Pergunto-me por que razão aceitamos que um corpo adoeça com constipações, gripes ou pior, com bastante frequência ao longo da vida, mas não aceitamos que uma mente possa sofrer de forma semelhante.

Talvez pessoas como o pequeno Paul, o rapaz que tirava a roupa quando se sentia ignorado, sejam os afortunados.

O Paul era deficiente mental e isso era bastante óbvio, por isso as pessoas viam e compreendiam a condição dele e tratavam-no com simpatia. Ninguém esperava demasiado do Paul e, quando ele conseguia alguma coisa, ficavam agradavelmente surpreendidos. O Paul nunca se sentiu um fracasso e os pais, Jean e Steve, adoravam-no.

Na sessão, o avô do Paul, Joseph, falou primeiro.

«O Paul não conseguia falar na Terra porque teve uma convulsão quando era bebé», disse-me o Joseph. «E a Jean e o Steve estão preocupados porque ele estava inconsciente quando partiu e não puderam despedir-se.»

Transmiti isto e a Jean e o Steve confirmaram que era verdade.

«Bom, não devem preocupar-se com isso», garanti-lhes. «Porque o Paul não deu por nada e não era preciso despedir-se. Ele não se foi embora. Continua convosco.»

O Paul sorria enquanto eu dizia isto e, para provar que eu tinha razão, exclamou:

«Sim, e a Sarah tirou as moedas do meu mealheiro.»

«Sim!», exclamou a Jean. «A Sarah é a irmã do Paul. Foi a única coisa que pediu. Dois ou três dias depois de ele morrer, disse: "O Paul já não precisa do dinheiro do mealheiro, mãe, posso ficar com ele?"»

«E tem o meu ursinho na cama com ela também», acrescentou o Paul.

A Jean e o Steve trocaram olhares. Isto também era verdade e uma expressão de alegria começou a espalhar-se pelo rosto da Jean.

Mas o Paul continuava a falar sem parar. Do outro lado encontrara a voz e gostava de usá-la. Disse que o pai pusera uma rosa numa jarra ao lado da fotografia dele e que gostava disso. Achava que o mês de fevereiro era importante.

«Sim», disse a Jean. «Morreu a catorze e faria cinco anos a vinte e quatro.»

Mas o Paul já seguia em frente. «Olha para isto. É a nossa casa.»

De repente, eu caminhava por uma porta de entrada e subia as escadas.

«Vê, há um tapete novo nas escadas», disse ele enquanto subíamos e, quando chegámos ao cimo, virámos à direita e entrámos na casa de banho. Fiquei frente a frente com espelhos.

«Este é o melhor quarto», disse o Paul.

Rapidamente expliquei aos pais onde estava.

«Quando entrei na casa de banho, há espelhos virados para mim», expliquei.

«É verdade», disse a Jean. «Toda a parede está coberta de azulejos espelhados.»

«Bom, um dia», disse-lhe eu, «vais entrar aí e ver o rosto do Paul refletido nos espelhos virados para a porta. Vais ver só o rosto dele a sorrir para ti. Não tenhas medo quando acontecer. Diz só "Olá, filho" e fala com ele.»

A Jean e o Steve pareceram bastante espantados com esta informação, mas o Paul parecia tão seguro de que o faria um dia, provavelmente com a ajuda do avô, que tive de mencioná-lo e estou convencida de que, mais cedo ou mais tarde, acontecerá.

Deve ter sido bastante difícil para os pais engolirem na altura, mas a Jean concordou que a casa de banho era especial para o Paul.

«Ele passava todas as noites da vida dele naquela casa de banho», explicou. «Adorava banho e adorava ver-se a chapinhar nos espelhos. Era um dos jogos favoritos dele. Todos gostávamos porque fazia o Paul tão feliz.»

«Também gostava de andar de carro», interrompeu o Paul. «Era um carro novo e eu olhava para tudo pelas janelas.»

«Sim, gostava», disse a Jean e virou-se para o marido. «Vês, eu disse-te que ele sabia que tínhamos um carro novo. Era muito mais esperto do que as pessoas pensavam. Eu tinha a certeza de que ele distinguia o carro novo do antigo.»

A sessão continuou, mais familiares voltaram para falar com o jovem casal e foi aí que, com a minha atenção desviada dele, o Paul tirou a roupa.

Acabou por ser a melhor coisa que poderia ter feito. O Steve estava sentado a ouvir tudo com uma expressão incrédula no rosto. Tinha vindo à sessão cético; o que ouvira deixara-o espantado, mas ainda não conseguia acreditar – até o Paul tirar a roupa num gesto ao mesmo tempo típico e único. Não havia maneira de eu ter adivinhado um hábito tão invulgar.

Depois da sessão, a Jean e o Steve ficaram para falar comigo sobre o filho. Era um rapaz tão feliz, explicaram, e sentiam tanto a falta dele. Não lhes importava nada que fosse deficiente. Amavam-no tanto quanto é possível amar um filho. Qualquer pessoa mal informada que dissesse que estavam melhor sem ele estava cruelmente enganada. O Paul podia estar danificado, mas tinha o seu papel especial na família.

Poucos dias depois escreveram-me a agradecer a sessão e com a carta vinha um pequeno alfinete em forma de borboleta.

«Por favor usa este alfinete em memória do Paul», escreveu a Jean. «Pensamos nele como a nossa pequena borboleta.»

Ao ler a carta, vieram-me lágrimas aos olhos. Que descrição perfeita do menino deles. Vívida e bela, iluminando tudo o que tocava e depois desaparecendo num instante – exatamente como uma borboleta.

Não havia dúvidas de que o Paul era um filho desejado e a Jean e o Steve lidavam bem, mas outros pais não têm tanta sorte. Algumas crianças são tão gravemente deficientes que, embora os pais as amem, não as conseguem cuidar em casa. Infelizmente, há também outras crianças cujos pais as rejeitam quase ao nascer pelo mesmo motivo.

Ainda assim, de certa forma, não é preciso ter pena demais destes pequeninos porque muitas vezes estão perfeitamente felizes nos seus próprios mundinhos.

Ouve-se muitas histórias de terror sobre o que se passa nos hospitais psiquiátricos. Não posso dizer se são ou não verdadeiras; tudo o que sei é que, quando passei algum tempo a trabalhar num hospital psiquiátrico depois de finalmente me qualificar como enfermeira aos quarenta e poucos anos, só vi amor, dedicação e uma paciência extraordinária.

Não estou a dizer que as enfermeiras eram todas santas; longe disso. Era só que aquelas crianças, por mais danificadas que estivessem, eram tão maravilhosas à sua maneira especial que não se conseguia deixar de as amar.

Para ser franca, havia alguns casos realmente horríveis no hospital. Pelo menos eram horríveis à primeira vista. Mas era espantoso como uma pessoa se habituava rapidamente.

Lembro-me do dia, pouco depois de começar a trabalhar no hospital, em que me mandaram ajudar na nova enfermaria. Estavam com falta de pessoal e, apesar da minha inexperiência, acharam que eu poderia ser útil.

A irmã estava ao lado de um berço quando entrei e tinha um bebé nos braços.

Aproximei-me dela com aquele passo rápido de enfermeira que eu acabara de adquirir. Rápido e eficiente, mas sem sugerir pânico.

«Olá, chamo-me enfermeira Stokes», disse eu. «Vieram-me mandar ajudar, irmã.»

Ela olhou para cima e os olhos dela fixaram-se nos meus durante um ou dois instantes enquanto me avaliava em silêncio. Depois sorriu.

«Ótimo. Bom, toma, segura nisto. Este é o Nigel.» Entregou-me o bebé.

A essa altura, toda a gente sabe como me sinto em relação a bebés e peguei naquele pedacinho com prazer. Devia ter reparado e ficado alerta de que algo não estava bem pela maneira como a irmã não se afastou depois de me passar o menino, mas ficou ali a observar-me o rosto. Mas não reparei. Nem sequer registrei.

Fiquei imediatamente encantada, como sempre fico quando tenho um bebé nos braços, e olhei para baixo para o pequeno Nigel. O rostinho mais lindo olhou para mim e um par de olhos azul-bebé fitaram os meus. O meu rosto começava instintivamente a abrir-se num sorriso quando reparei em algo coberto com um pano ao lado da cabeça do Nigel.

Curiosa, levantei o pano e o meu estômago pareceu cair. Havia outra cabeça por baixo, com pequenas depressões onde deveriam estar os traços.

O Nigel era um dos erros da natureza.

Mordi o lábio com força para não desmaiar e, quando a sala voltou ao foco, olhei para a irmã. Ela observava-me gravemente.

Respirei fundo.

«Que carinha tão querida», disse o mais calmamente que consegui.

A irmã sorriu. «Sim, não é? Muito bem, continue, enfermeira», e afastou-se apressada, claramente satisfeita por eu conseguir lidar com a situação.

Havia mais horrores à espera. Mais tarde nessa manhã, uma das outras enfermeiras aproximou-se.

«És a enfermeira nova, não és?», disse rapidamente. «Bom, vais entrar para ver o bebé novo. Agarra-te bem. Eu quase desmaiei quando entrei.»

Antes que eu pudesse perguntar, já ela se tinha ido embora. Inquieta, acabei de preparar o biberão que estava a fazer. O que raio poderia ser pior do que o pobre Nigel?

Não demorei muito a descobrir.

«Ah, enfermeira Stokes», disse a irmã, aparecendo de repente ao meu lado. «Deixa isso um momento, está bem? É melhor vires ver o bebé novo.»

Desta vez estava preparada. Segui-a com determinação pela enfermaria até uma sala especial onde estava um único berço, sozinho.

Preparei-me firmemente ao aproximar-me. O aviso ajudara muito e desta vez não tinha medo de desmaiar, embora o pobre pequenino fosse uma visão terrível.

Era prematura, tinha espinha bífida e claramente algo mais correra mal, porque a cabeça dela subia até uma ponta aguçada e parecia não ter carne nos ossos. A pele pendia em pregas dos membros patéticos e mirrados.

Engoli em seco, mas estava bem agarrada a mim mesma, como me tinham avisado.

Ainda assim, acho que cheguei a casa naquela noite em estado de choque. Parecia tão cruel que aquelas pobres crianças disformes tivessem nascido. Não teria sido melhor para elas partirem ao nascer do que permanecerem assim?

Não conseguia entender. Ainda hoje não entendo, embora agora saiba que deve haver uma razão e que esses inocentes têm um papel a desempenhar, por mais obscuro que nos pareça. Tudo o que posso dizer com certeza é que não são desamados e acredito que não são infelizes.

Em poucos dias deixei de reparar na deformidade do Nigel. Nem sequer a via. Quando olhava para ele, tudo o que via era aquele rosto lindo. Para mim, era um bebé lindo.

O mesmo aconteceu com o bebé novo na sala especial.

Antes do fim da semana, nós, enfermeiras, discutíamos sobre cuja voz ela reconhecia e de quem gostava mais. Claro que, olhando para trás, duvido que ela reconhecesse alguma de nós, mas gostávamos de pensar que sim.

Algumas das crianças doentes da enfermaria conheciam-nos mesmo. Havia a Geraldine, que sofrera um acidente de carro. Não tinha marcas, mas não via e não conseguia sentar-se. Ainda assim, era uma coisinha alegre e reconhecia a tua voz.

Todas as manhãs eu fazia-lhe cócegas e dizia «Quem é a menina bonita, Geraldine?» e ela gorgolejava de prazer.

Depois havia o Anthony. Tinha quatro ou cinco anos, mas tinha água no cérebro, o que lhe deixava a cabeça muito inchada e o corpo minúsculo e subdesenvolvido. Apesar disso, sabia quando estava molhado ou com frio ou com fome e, quando lhe falavas, sorria para ti.

Em pouco tempo começavas a amá-los, aqueles pobres pequeninos, e, apesar de tudo, a enfermaria era um lugar feliz.

Nem todas as crianças eram tão gravemente deficientes como o Nigel, a Geraldine e o Anthony. Muitas vezes eram capazes de muito mais do que alguém julgava possível. Era isso que tornava o trabalho com elas tão gratificante.

Não se deviam ter favoritos, mas não se conseguia evitar e uma, um dos meus era uma rapariga espástica chamada Patsy Kelly. Não andava e tinha de usar as mãos amarradas num avental porque, por algum motivo, punha-as constantemente na garganta e fazia-se vomitar. Apesar disso, era uma figura adorável.

«Quem é a má rapariga?», fingia eu ralhar. «Vais levar! Quem é a má rapariga?» e ela balançava-se de alegria e ria até lhe correrem lágrimas pelas bochechas.

Pode ser que não soubesse o que as palavras queriam dizer, mas reconhecia-as e percebia que eram ditas com amor.

Um dia estávamos a preparar as crianças para um passeio no jardim. Era um processo trabalhoso porque todas tinham de ir à casa de banho antes de sair.

Juntávamos todas, mudávamos uma a uma e sentávamos no corredor à espera que estivessem prontas.

Naquela manhã pensei que tinha acabado quando descobri que a pequena Sharon tivera outro acidente e as cuecas estavam encharcadas.

Peguei nela ao colo, voltei para trás e deitei-a outra vez na mesa de mudar fraldas.

«Quem é a má rapariga!», dizia eu enquanto trabalhava. «Vais levar! Molhas essas cuecas e arranco-te as tripas para fazer ligas!»

A Sharon achou isto hilariante. Ria-se às gargalhadas e eu também ria e suponho que a minha voz estava mais alta do que pensava porque lá fora, no corredor, a Patsy Kelly, que não andava, levantou-se de repente e, com um sorriso rasgado e a balançar como um barco, cambaleou em direção à porta de onde ouvia aquelas palavras tão conhecidas.

«Quem é a má rapariga!»

O acontecimento incrível foi conversa no hospital durante semanas e a irmã nunca se refez. Afinal, coisas assim não aconteciam…

Um dia a Sharon também me deixou de boca aberta. Era uma menina bonita de cinco anos, cabelo castanho encaracolado e olhos azuis. Estivera no hospital toda a vida. Nós éramos a única família que conhecera. Nunca falara e todos presumíamos que não conseguia.

Depois chegou a altura em que apanhou sarampo alemão juntamente com várias outras crianças. Era grave, porque podia levar a uma epidemia no hospital da qual alguns doentes não se salvariam. Tomaram-se grandes precauções que davam muito trabalho às enfermeiras.

Lençóis eram torcidos em ácido carbólico e pendurados em filas pela enfermaria. As maçanetas das portas eram cobertas de ácido carbólico e as enfermeiras tinham de usar luvas de borracha.

Dentro da zona de isolamento, as crianças ficavam simplesmente deitadas nas camas sem nada para fazer. Tive pena delas. Parecia-me aborrecido ter de ficar ali deitada o dia todo, por isso, quando estava de serviço, cantava para elas para animar.

Sou completamente desafinada e não sou cantora nem por sombras, mas gosto de cantar e aquelas crianças, que afinal não conheciam melhor, pareciam gostar de me ouvir. Ia de berço em berço cantando uma canção diferente a cada criança e, por algum motivo, escolhi uma musiquinha alegre chamada He Wore a Tulip para a Sharon.

«He wore a tulip, a bright yellow tulip and she wore a red red rose», cantava eu e os olhos dela arregalavam-se e ouvia com atenção absoluta. Passados alguns dias, começou a vir para a ponta do berço quando eu começava a cantar, puxava-se para cima e olhava-me diretamente nos olhos e, se eu parasse, esfregava-me a cara até eu recomeçar.

Nunca se cansava deste jogo e, para mim, tornou-se rotina. Depois, um dia, comecei do mesmo modo de sempre:

«He wore a tulip, a bright yellow tulip and she wore a …»

«Wed wed wose», interrompeu uma vozinha estranha.

Parei de repente e olhei para a Sharon. Tinha sido ela? Não podia falar.

«He wore a tulip», comecei outra vez, cautelosa. Provavelmente estava a imaginar, mas mais valia testar. «A bright yellow tulip and she wore a …» Parei.

«Wed, wed wose», completou a Sharon.

Se o frasco de loção para bebé no meu bolso tivesse dado uma opinião sobre o tempo, não ficaria mais surpreendida.

«Que menina esperta, Sharon!», exclamei e tentei outra vez. Cada vez que cantava a canção, a Sharon completava-a por mim.

«Irmã, venha ouvir isto», chamei quando a cabeça dela apareceu por trás do lençol com ácido carbólico. «A Sharon acabou de falar.»

«Não!», disse a irmã, aproximando-se do berço. «Nunca falou em cinco anos.»

«Bom, ouça.» Lancei-me noutra versão de He Wore a Tulip. No sítio certo esperei e, claro, a Sharon entrou:

«Wed wed wose …»

Aquela canção tornou-se o número de festa da Sharon. Nunca falara e nunca mais falou, mas canta He Wore a Tulip e ela entra sempre no fim.

Não eram só as enfermeiras que achavam as crianças surpreendentes; às vezes também surpreendiam os pais.

Havia pais que nunca visitavam, outros que vinham todas as semanas e outros que só conseguiam vir ao hospital de vez em quando.

Eram os visitantes irregulares que levavam as maiores surpresas.

Lembro-me de uma menina chamada Sylvia que estava num estado chocante quando a trouxeram para nós. Não sei o que aconteceu à mãe, mas o pai teve de ir trabalhar para longe e deixara a Sylvia aos cuidados de uma parente idosa que mal conseguia cuidar de si própria, quanto mais de uma criança atrasada.

Quando os serviços sociais souberam da Sylvia, ela era uma lástima. Nunca esquecerei o dia em que a trouxeram. Nunca vira uma criança naquele estado.

Estava imunda, o cabelo tão emaranhado e por lavar que parecia um cobertor velho de cão, e estava magra e desnutrida. Só podíamos adivinhar o estilo de vida anterior pelo comportamento dela connosco.

A primeira coisa a fazer era dar-lhe banho, mas claramente ela era completamente estranha à água. Tinha pavor. Gritava, esperneava e berrava e foram precisas duas de nós para a meter na banheira e, mesmo assim, não se sentava. Tivemos de a lavar de pé.

Finalmente, depois de meia hora de luta, saiu da casa de banho uma criaturinha magra e encharcada, com ar de quem tem pena de si própria e parecendo um rato afogado, mas limpa.

«Vem, querida», disse eu, pegando-lhe na mão. «Vamos arranjar-te qualquer coisa para comer.» Foi aí que descobrimos mais sobre a vida anterior dela. Diante da mesa de refeições, a Sylvia não sabia o que fazer. Nunca se sentara a uma mesa e nunca comera comida a sério ou, se comera, fora há tanto tempo que não se lembrava. A velhinha sobrevivia com pão embebido em chá doce e a Sylvia também.

Nas primeiras semanas, a vida com a Sylvia foi um trabalho duro. Ela estava feliz com a velhinha e não entendia por que tinha de mudar. Mas aos poucos foi-se habituando e, à medida que uma alimentação adequada, lavagens regulares e muito sono começaram a fazer efeito, percebemos que era uma criança muito bonita.

O cabelo, que era liso e sem brilho, tornou-se espesso e preto brilhante, a pele, que era pálida e delicada, ficou cor-de-rosa cremosa de saúde e de repente reparávamos que os olhos eram enormes e do azul mais profundo que eu já vira.

Passaram os meses e depois veio a notícia de que o pai da Sylvia ia visitá-la. Nessa altura já gostava muito da Sylvia e queria que ela fizesse boa impressão, por isso fui à loja e encontrei-lhe um vestido azul bonito da cor dos olhos dela. Depois, no grande dia, corri à cidade antes de entrar ao serviço e comprei um pedaço de fita azul a condizer com o vestido.

De volta ao hospital, escovei o cabelo da Sylvia até praticamente se poder ver a cara refletida, vesti-lhe o vestido novo e fiz um laço com a fita. Estava lindíssima.

«Quem é a beleza, então?», disse eu, recuando um passo para a admirar. «Não estás linda? Boa o suficiente para comer.»

Ela sorriu, encantada.

De mãos dadas descemos as escadas e bati à porta da enfermeira-chefe.

«Trouxe a Sylvia para a visita», disse eu, espreitando.

«Está bem. Já aí vou, enfermeira», respondeu a enfermeira-chefe, a juntar os papéis da secretária e, pensando que queria dizer que vinha atrás de nós, segui com a Sylvia para a sala de visitas.

Havia um homem de pé no corredor quando passámos, mas nem lhe dei um segundo olhar. Presumi que tinha marcação com alguém.

De qualquer modo, quando chegámos à sala de visitas estava vazia. Oh não, pensei, não me digas que ele não vem. Mas não queria que a Sylvia sentisse a minha deceção, por isso sentei-a no meu colo e comecei a contar-lhe uma história.

Momentos depois ouvimos vozes no corredor.

«Onde está a Sylvia?», perguntou a enfermeira-chefe, surpreendida.

«Não sei», respondeu uma voz masculina desconhecida. «Não a vi.»

«Mas a enfermeira Stokes acabou de a trazer», disse a enfermeira-chefe com um toque de impaciência na voz. «Não a levou para a sala de visitas?»

Enquanto falava, ouvimos passos a atravessar o corredor, a porta abriu-se e a enfermeira-chefe e o homem que tínhamos passado no corredor apareceram à porta.

«Ora, aqui está ela», disse a enfermeira-chefe.

A boca do homem abriu-se de espanto ao ver a filha. Estava tão bonita que não a reconhecera.

O desfecho dessa história é que a Sylvia acabou por se revelar uma artista talentosa. Anos depois de eu ter saído do hospital, mandou-me um quadro lindo que ainda guardo e, até hoje, pinta as mais fantásticas pinturas a óleo.

É espantoso quanto as crianças se lembram.

Havia, por exemplo, uma rapariga cega chamada Geraldine que veio para nós muito pequena. No início era uma coisinha alegre que tagarelava e ajudava-nos a cuidar dos bebés. O único problema com ela era que se batia constantemente nos olhos. Se era de frustração por não ver, não sabíamos, mas para evitar que se magoasse tinha de andar com as mãos amarradas atrás das costas o tempo todo.

Partia-me o coração vê-la assim e eu pensava: pobre pequenina, os bracinhos devem doer-te. Por isso, quando a despia para a cama, desamarrava-lhe os braços e esticava-os por cima da cabeça e para os lados. Para a distrair de se bater nos olhos durante estes exercícios, dizia-lhe:

«Amanhã trago-te uma encomenda e o que será que tem lá dentro?»

A Geraldine dizia: «Uma maçã!»

Eu dizia: «E uma…»

«Laranja!»

«E um bocadinho de…»

«Bolo de chocolate!», gritava a Geraldine.

Começou a aguardar com ansiedade as nossas sessões da encomenda à hora de dormir e, entretanto, fazia bons progressos. Acabou por ser considerada tão melhorada que a deixaram ir para casa.

Nunca soubemos o que aconteceu ou o que correu mal, mas de alguma forma a Geraldine piorou e foi devolvida para nós. Nunca mais falou.

Passaram-se os anos, saí do hospital e muito depois voltei para uma visita. Enquanto caminhava pelos jardins, reparei num grupo de doentes

sentados em círculo na relva e algumas crianças do berçário a saltitar à volta deles.

As crianças viram-me primeiro e vieram a correr, gritando: «Enfermeira Stokes! Enfermeira Stokes!»

Estava ocupada a dizer «Olá, querido, olá, querido» a cada uma individualmente quando de repente ouvi uma das doentes adultas dizer:

«Olhem só para ela!»

Olhei para cima e vi a Geraldine, agora na ala de adultos, a vir na minha direção. Era cega, mas o ouvido era tão apurado que sabia exatamente onde eu estava. Veio direita a mim, encostou a cabeça ao meu peito e começou a chorar. E eu pensei: elas lembram-se, lembram-se mesmo.

Depois dirigi-me dos jardins para o hospital e cheguei a uma das minhas antigas enfermarias mesmo na hora do banho para ver outra das minhas favoritas, a Jenny Lee.

«Olá, Jenny», disse eu, aproximando-me.

«Olá», respondeu a Jenny, impassível, como se nunca me tivesse visto na vida.

«Trouxe-te um bocadinho de chocolate!», sussurrei.

Ela iluminou-se toda e aceitou-o com avidez.

«Levou-me ao cinema, não foi, enfermeira Stokes?», disse ela, clara e distinta como tudo, «para ver a minha irmã.»

Fiquei espantada. Deviam ter passado três anos ou mais desde que a levara ao cinema do hospital para ver a irmã, Frances Lee, num filme. Ainda assim, apesar de eu não estar de uniforme e ela não saber que eu vinha, a Jenny lembrava-se tanto de mim como da ocasião.

Às vezes, claro, era de partir o coração. Sabíamos que muitas das crianças tinham uma esperança de vida curta, mas saber isso não impedia de as amar nem tornava mais fácil quando partiam. Embora não estivesse a trabalhar como médium enquanto era enfermeira, não conseguia desligar os meus poderes psíquicos e, por isso, sabia sempre quando uma criança não tinha muito tempo. Ainda assim, saber com antecedência era provavelmente mais difícil de enfrentar do que não saber, porque me sentia tão impotente.

Quando a hora da Patsy Kelly estava próxima, fiquei frustrada por descobrir que me tinham transferido para outra enfermaria, a de adultos, por isso quase não tinha tempo para estar com a Patsy.

Provavelmente foi por isso que me transferiram. Ainda assim, é espantoso o que pode acontecer.

Uma tarde pediram-me para levar uma mensagem à irmã da enfermaria do berçário, cujo gabinete ficava perto do quarto onde a Patsy estava inconsciente com uma enfermeira ao lado dela vinte e quatro horas por dia.

Entreguei obedientemente a mensagem, mas depois, em vez de voltar diretamente ao trabalho, não resisti a espreitar para ver como ela estava.

Para minha surpresa, a enfermeira de serviço parecia estar à minha espera. «Stokes, aconteceu uma coisa incrível!», disse ela, excitada. «Quando estavas a falar com a irmã há bocado, juro que a Patsy ouviu a tua voz. Tem estado inconsciente todo este tempo e, assim que começaste a falar, abriu os olhos, sorriu de orelha a orelha e tentou sentar-se.»

Olhei para a Patsy, agora tão silenciosa e imóvel como da última vez que espreitara, e era difícil acreditar.

«Olá, Patsy», sussurrei. «Como está a minha má rapariga?»

Nem um piscar de olhos e, ao longe, ouvia o murmúrio das vozes do espírito que vinham buscá-la para casa. Os meus olhos encheram-se de lágrimas.

«Não falta muito agora, enfermeira», disse eu, com a voz a tremer, e virei-me rapidamente. Não ficava bem ser apanhada a chorar em serviço.

Algumas horas depois, a Patsy partiu. Tinha catorze anos.

Mais tarde fui visitá-la à capela e, quando vi como estava linda, soube que era egoísmo meu desejar tê-la de volta. Ia ter saudades do riso contagioso dela na enfermaria, mas agora estava mais feliz com os familiares do outro lado.

«Bom, agora estás em paz, Patsy», disse eu em voz alta ao despedir-me dela pela última vez.

Mas, por mais improvável que pareça, havia mais alegria e gargalhadas do que lágrimas. Depois do chá, quando estava de serviço, organizava jogos hilariantes de hokey-cokey na enfermaria e, durante o dia, quando o tempo estava bom, brincávamos a «Here We Come Gathering Nuts in May» no campo lá fora.

As crianças variavam enormemente em inteligência, mas isso não causava problemas. Punhamos as mais espertas ao lado das mais deficientes e elas ajudavam-se mutuamente. Era maravilhoso ver como eram pacientes umas com as outras e como cuidavam das que menos

podiam. Uma criança cega nunca precisava de temer as provocações que poderia esperar de companheiros normais. Havia sempre alguém para garantir que não se magoava.

Algumas das crianças, especialmente as epiléticas, eram extremamente inteligentes. Registávamos o número de ataques de cada uma e, se passassem dois anos sem nenhum, fazíamos uma festa.

Interessavam-se muito pelo registo dos ataques e sabiam quanto tempo faltava para a festa. As que conseguiam os dois anos ficavam eufóricas. Vinham a correr para a enfermaria, a cara iluminada de prazer, gritando:

«Saí do livro dos ataques, enfermeira! Saí do livro dos ataques!»

Outras eram tão inteligentes que nos perguntávamos por que estavam no hospital. Havia uma mulher que lá estava desde que alguém se lembrasse, tanto tempo que não encontrei ninguém que soubesse por que razão fora internada.

Talvez anos antes tivesse tido um filho ilegítimo numa época em que mulheres que «se metiam em sarilhos» eram escondidas para não envergonhar a família.

Seja como for, essa mulher estava tão instalada no hospital que não queria outra vida e teria sido cruel empurrá-la para o mundo lá fora. Era feliz e dirigia a ala privada. Claro que não era oficial, mas sabia como tudo funcionava muito melhor do que qualquer enfermeira e, quando chegava uma nova, tomava-a sob a sua asa e ensinava-lhe tudo.

Outros doentes não eram tão obviamente inteligentes, mas tinham muito talento noutras áreas. Ainda tenho uma cestinha de costura requintada que uma doente me fez e havia duas raparigas que tricotavam lindamente. Por mais complicado que fosse o padrão, não lhes dava problemas. Chegámos ao ponto em que, se alguma enfermeira se atrapalhava com o tricot, levava-lho. Elas olhavam, viam o que estava errado, desfaziam e corrigiam em minutos.

Claro que havia muitos outros doentes que não davam trabalho, mas eram inofensivamente excêntricos. Uma delas era uma menina chamada Emily. A Emily era doce e meiga e tinha uma obsessão por chapéus e malas de mão. Era devota da coleção dela e eu pedia todos os chapéus e malas que conseguisse para ajudar a aumentar a coleção. A Emily não ofendia ninguém e dizia muito pouco. Só queria pôr um chapéu na cabeça, uma mala no braço e andar para cima e para baixo no corredor. Passados

dez minutos, voltava à enfermaria, mudava de chapéu e mala e repetia o processo. Jogava este jogo solitário alegremente o dia todo e ninguém a convencia a fazer outra coisa.

A obsessão da Emily era invulgarmente profunda, mas todas as crianças, mesmo as mais deficientes, eram muito apegadas aos poucos pertences que tinham. Todas precisavam de ter algo que fosse delas, mesmo que fosse só um saco de plástico com um postal lá dentro. Levavam esses pertences para todo o lado, até para a cama.

Entreter pessoas com capacidades tão diferentes poderia ser difícil, mas o hospital tinha uma atitude esclarecida. Havia instalações e os doentes beneficiavam delas de maneiras diferentes, consoante as suas capacidades.

Na Sexta-Feira Santa, por exemplo, havia um serviço religioso seguido de um filme sobre a crucificação. Alguns doentes apreciavam-no normalmente, outros não faziam ideia do que se passava, mas gostavam de ouvir o canto e ver as imagens a mexer.

O vigário tinha de estar preparado para tudo. Um ano, o serviço religioso pareceu prolongar-se mais do que o costume e as crianças começaram a mexer-se, perguntando-se quando começaria o filme.

Infelizmente, o vigário não parecia dar pela inquietação do rebanho e lançou-se noutra longa oração. Não foi longe. Duas linhas depois, um menino perto da frente do salão exclamou:

«Ó caramba, our men!»

Fez-se um silêncio atónito. Depois o vigário disse, muito depressa:

«Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Ámen», saltando toda a parte do meio da oração e encerrando rapidamente o serviço.

Não valia a pena ralhar com o rapaz. Ele não entendia nada daquilo. Só sabia que, quando dizia «our men», o filme começava.

Havia bastantes mongóis no hospital e eram deliciosos, tão alegres e afetuosos. Lavavam-nos os copos e massajavam-nos os pés depois de um dia longo na enfermaria. Adoravam música e tinham aulas regulares de dança. Uma vez por mês, os mais velhos tinham um baile a sério com uma banda de fora.

Era o ponto alto dos seus dias. As raparigas faziam vestidos de noite compridos para usar e as enfermeiras maquilhavam-nas. Achavam maravilhoso. Lá na pista, faziam vénias e reverências uns aos outros e depois rodopiavam pela sala, sorrindo às enfermeiras ao passar, como quem diz: «Olhem para nós!»

Geralmente havia poucas enfermeiras presentes, mas participávamos na diversão e, se nos pediam para dançar, dançávamos. Os rapazes ficariam muito ofendidos se recusássemos.

Muitos destes mais velhos tinham permissão para sair sozinhos para a cidade e, como crianças pequenas, estavam inocentemente decididos a divertir-se e eram completamente desinibidos.

Muitas vezes o John e eu estávamos calmamente a fazer compras numa loja cheia quando, de repente, ecoava um grande grito, assustando os clientes.

«Iu-huu! Iu-huu! Enfermeira Stokes! Senhor Stokes! Iu-huu!»

As cabeças viravam-se e o John e eu olhávamos para cima para descobrir que estávamos a ser saudados do outro lado da loja por um grupo alegre de doentes a acenar, completamente alheios ao distúrbio que causavam.

Estes doentes tornavam-se muito independentes e isso era incentivado. Compraram uma casa grande para eles mesmo ao lado do hospital e os quartos foram equipados lindamente, duas camas por quarto, com colchas e cortinados a condizer e carpetes de boa qualidade no chão.

Havia uma enfermeira e uma irmã de serviço, mas os doentes tratavam mais ou menos de si próprios. Nos primeiros tempos, o pessoal levava-os e trazia-os do hospital principal para a escola, aulas ou para trabalhar na lavandaria, mas depois de algum tempo apresentaram um pedido para terem direito a fazer o trajeto sozinhos.

Iam à cidade sem escolta, diziam, então porque não podiam confiar neles para irem ao hospital sozinhos?

A iniciativa foi recompensada e conseguiram a permissão.

À noite tinham o seu próprio clube e era um assunto completamente privado. Proibida a entrada a enfermeiras sem convite. Era tudo muito inocente. Passavam as noites a confecionar refeições estranhas e a dançar ao som da música do rádio. O John e eu fomos convidados uma noite e cozinharam-nos um banquete de bacon com cebola. Chegou a nadar em gordura, mas tivemos de comer. Não lhes partiríamos o coração por nada deste mundo.

Ficavam todos à volta, a rebentar de orgulho enquanto nos viam comer, dizendo:

«Não é bom? Não é bom?»

E nós, sorrindo por entre a gordura, garantíamos que era delicioso.

Não quero dar a ideia de que trabalhar com deficientes mentais é só alegria e diversão, porque não é. É exaustivo, exigente e muito duro. Há doentes difíceis e alguns podem tornar-se violentos. Eu sei bem porque tive de abandonar a enfermagem depois de ser agredida por um. Mas gostaria de frisar que, na minha experiência, os hospitais psiquiátricos não são só escuridão e miséria.

Claro que os doentes têm dias maus. Não temos todos? Mas a maior parte das pessoas com quem trabalhei estavam contentes e seguras, felizes por ficar num ambiente protegido onde ninguém esperava mais delas do que eram capazes de dar.

CAPÍTULO 7

«Oh, olá Doris. Espero que não te importes. Trouxe a minha amiga comigo.» Há um leve rubor nas faces e os olhos baixam para estudar os meus sapatos. «Sabes, tinha um bocadinho de medo de vir sozinha.»

É a cliente nervosa. Conheço-a bem.

«Não faz mal nenhum, querida. Não me importo nada», digo eu. «Entra.» E levo-a para dentro, sabendo que, passados uns minutos, estará perfeitamente à vontade.

É espantoso quantas pessoas chegam assustadas à primeira sessão. Acham que vou cair num transe terrível, ou que fecho os cortinados e as condeno à escuridão e sombras sobrenaturais.

Na verdade, limitamo-nos a sentar-nos em poltronas e a conversar, à luz do dia, a não ser que, claro, seja inverno e eu tenha de acender a luz elétrica.

Depois, os clientes concordam unanimemente que não há nada de remotamente assustador no processo. Ainda assim, quem nunca experimentou pergunta com frequência:

«Mas o que acontece numa sessão?»

Por isso, para todos os que ainda têm curiosidade, achei que seria interessante registar uma sessão completa, tal como aconteceu.

A seguir está a transcrição de uma sessão que fiz com Susan Otter e o marido no início de 1982, omitindo apenas alguns pormenores pessoais que são privados do casal e conversa irrelevante.

DORIS: Pelo tamanho da luz dele, acho que o Simon ainda não tem um ano de lá, pois não?

SUSAN: Março.

DORIS: Agora está a falar de alguém chamado Bill. Conheces algum Bill?

SUSAN: Não.

DORIS: Estranho. Pensei que ele tinha dito Bill. Não pode ser. Não é Bert?

SUSAN: Sim, é o meu pai.

DORIS: Era isso. Disse que tinham estado a falar dele com alguém, mas eu ouvi Bill. Ah, está a dizer «Não, não disse Bill, disse Bert. Falo inglês, não falo?» É um miúdo atrevido.

SUSAN: Sim, era.

DORIS: Agora diz que houve um aniversário desde que ele passou para o outro lado.

SUSAN: Sim, em maio. Faria nove anos.

DORIS: Disse que choraram todos e que eu tinha flores e o avô Bert disse «Porque não podia ter sido eu?»

SUSAN: Sim, disse isso mesmo.

DORIS: Diz: mas eu estou bem, mamã. Foi muito rápido. Saí e nunca mais voltei para casa.

SUSAN: Não.

DORIS: E nunca vi o meu papá. Vi-o na noite anterior.

SUSAN: Sim.

DORIS: Sinto que fui atirado. Como se algo o tivesse atingido muito depressa e ele caísse na inconsciência.

SUSAN: Sim, a doença atacou-o muito rapidamente.

DORIS: E nunca mais acordou. A parte de trás da cabeça doía-lhe.

SUSAN: Doía. Era uma doença no cérebro.

DORIS: É a única indicação que me pode dar. Chama-me avó Doris, querida, é o que os outros miúdos fazem. Já tenho duas avós, está a dizer. Bom, eu sou uma extra, querido. Mas disse que aconteceu em vinte e quatro horas, querida. Incrível. De rapazinho saudável ficou muito quente e com náuseas e depois adormeci.

SUSAN: Sim.

DORIS: Disse que tiraste um casaco e beijaste-o e guardaste-o outra vez. Não foi, querida?

SUSAN: Foi, sim.

DORIS: Vês, ele estava lá quando fizeste isso e viu-te. Não se foi embora. Continua pela casa.

SUSAN: Sim, sei, sinto-o.

DORIS: Agora, de quem é que ele está a falar, Philip.

SUSAN: É o pai dele.

DORIS: Era isso que eu estava à espera. Disse-lhe: sei que é o teu papá, mas como se chama?

DORIS: Pronto, é o teu papá. Agora, vais deixar mais alguém falar? Não, não vai deixar ninguém falar… Vejo-o tão claramente… Está a falar da polícia por algum motivo.

SUSAN: Vieram tomar declarações para o inquérito porque ele só esteve vinte e quatro horas no hospital.

DORIS: Percebo, porque ele estava a dizer que a polícia veio, sabes. Fui muito importante… Suponho que foste, querido. Agora, quem é Anne… A… A não, é Alan.

SUSAN: O meu cunhado.

DORIS: Diz que o Alan esteve em nossa casa, avó Doris. Voltou, por isso fiz algum bem.

SUSAN: Sim, não o víamos há anos.

DORIS: Agora, quem é Rose… R… R é um som de R… Espera, espera, não te agites, querido. Bom, estou a ouvir, Simon, a sério, mas saltitas de um lado para o outro, ora para a mamã, ora para o papá… Richard! É Richard!

SUSAN: Sim, o vizinho do lado.

DORIS: Disse: Richard, ouve lá. Brincava com o Richard, era o meu melhor amigo quando não estávamos zangados!

SUSAN: Sim!

DORIS: Dizia «Já não sou teu amigo», mas sabes, o Richard chorou e trouxe-me um raminho de flores.

SUSAN: Sim, trouxe.

DORIS: Porque eles ficam a ver. Diz que havia imensa gente. A Margaret estava lá. Quem é a Margaret?

SUSAN: A mãe do Richard.

DORIS: Diz que sim, choraram todos. O Richard era o meu melhor amigo e íamos alternando na minha bicicleta. Então só tinham uma bicicleta para os dois?

SUSAN: Sim, no nosso jardim.

DORIS: E a Margaret chorou e sabes o que disse à minha mamã? Disse: «Podia ter sido tão facilmente o meu.»

SUSAN: Sim, foi o que disse.

DORIS: Agora há alguém chamado George do lado do espírito… Acho que é da família do teu pai, querida.

SUSAN: Ah, o irmão George dele.

DORIS: O George está aqui quando consegue meter uma palavra com o jovem Simon. Está a dizer-me que houve grande confusão e ainda não conseguiram encontrar uma resposta satisfatória para o que aconteceu, mas diz que agora já não importa, pois não. O Simon está aqui, está feliz, cheio de alegria… Quem é a Betty?

SUSAN: A tia Betty.

DORIS: A Betty gosta muito de mim, diz que tem uma fotografia minha e põe rosas ao lado.

SUSAN: Sim, põe.

DORIS: Põe-as lá e diz «Estas são para ti, Simon»… Agora o George está a dizer que sabe qual é o problema. Estão preocupados porque sentiram que não conseguiram despedir-se dele. E culpam-se, querida, todos fazemos isso, acredita. Não há pai nem mãe que entre na minha casa, incluindo eu, que não se pergunte se haveria algo que poderia ter feito? Se deveria ter reparado em alguma coisa? Se deveria ter insistido noutro médico? Se deveria ter feito isto ou aquilo? Todos passamos por isso, querida. Mas não havia nada que pudessem ter feito… Ele era uma das crianças especiais de Deus… Agora, o dia dezassete de março é importante.

SUSAN: Morreu a dezasseis de março.

DORIS: Estão a dizer-te isto para que, quando chegar o dezasseis de março, não digas que faz um ano que o nosso Simon morreu. Devem oferecer-lhe flores e dizer feliz aniversário, querido. Porque será o aniversário do primeiro ano da nova vida dele… Quem é Tony? É um som de T. Tony, Terry, Tommy… Não, perdeste, Simon. Agora espera. O que me estás a mostrar? Tirou a camisa e aqui, na omoplata, tem um sinalzinho.

SUSAN: Sim.

DORIS: Disse «Não vais despir-te todo, pois não?» e ele respondeu que não, só a camisa para mostrar à mamã que sou eu… Agora há um J… Jamey… não, Jenny.

SUSAN: É a mãe do amigo dele.

DORIS: E uma caravana, querida? Acabei de falar de uma caravana, mas vocês também conhecem uma?

SUSAN: Sim, a caravana do avô. Ele vive numa caravana. Acabámos de lá estar.

DORIS: Bom, ele foi convosco… Vês, para uma criança como o Simon que tinha oito anos quando passou para o outro lado, de repente encontrar-se a viver noutro lado com pessoas que não conhecia antes foi um grande choque, por isso deixaram-no voltar para vos ver e participar no que estão a fazer. E diz que fomos à caravana, sabes. Fomos. E eu, eu-eu-eu… Gagueja quando fica excitado.

SUSAN: Sim, gaguejava.

DORIS: Fica tão excitado que a língua tropeça. Na caravana há quatro degraus, sabes, e vamos lá desde que a mamã me tinha de descer ao colo, mas agora sou um rapaz grande e subo e desço sozinho.

SUSAN: Sim, vamos lá desde que ele era muito pequeno.

DORIS: E diz que ainda vai abraçar o ursinho dele.

SUSAN: Não, pusemos o ursinho com ele.

DORIS: Ah, tens o ursinho contigo… Pensei que querias dizer que vinhas brincar com ele… E tens aquele outro… elefante, é? Coisa engraçada. Não sei como se chama isso? O teu Wopple?

SUSAN: Womble.

DORIS: Agora está a falar de uma guitarra. Pensei que dissesse que o papá prometeu uma guitarra quando fosse grande.

SUSAN: Sempre adorou guitarras. Tinha uma de madeira. O Mark tem-na agora.

DORIS: Ia ter uma a sério quando fosse grande, diz ele.

SUSAN: Sim, falava em tocar numa banda pop.

DORIS: Há o Mark, o irmão dele, depois há um Michael e um Nicolas.

SUSAN: Os amigos dele.

DORIS: Sim… e… Espera um bocadinho, querido, espera, Simon, querido, lá vais tu outra vez, não consigo acompanhar-te. Diz outra vez. Sim, tinhas o ursinho contigo, sim, e tinhas o womble. Agora, o que me estás a dizer? Está a pôr a minha mão assim. Então puseste alguma coisa na mão dele. Disseste uma fotografia?

SUSAN: Sim, pus uma fotografia dos dois rapazes na mão dele.

DORIS: Era isso, porque dobrou-me os dedos e disse que é uma fotografia… E enrola o cabelo. Enquanto fala comigo está sempre a enrolar o cabelo… Conduzes para ganhar a vida, Philip?

PHILIP: Não, mas conduzo muito para ir trabalhar.

DORIS: Ah, porque ele disse que ando de carro com o papá, sabes. Vamos muito longe. Foi por isso que perguntei se conduzias para ganhar a vida. Ah, está a dizer que não, o papá tem uma máquina grande, é muito esperto.

PHILIP: Sim, trabalho numa fábrica.

DORIS: Agora… devagar, devagar, Simon. Não deixa o George falar. Quer fazer ele. Agora, conheces a tua sala de estar. Antes eram duas divisões.

SUSAN: A casa onde ele nasceu era assim.

DORIS: E depois derrubaram a parede. Agora, onde moram, estou virada para uma porta de vidro e há um quadro à direita dele e outro à esquerda também.

SUSAN: Havia um quadro à direita, mas tirei-o e agora só há o da esquerda.

DORIS: Tinha acabado de ganhar um relógio?

SUSAN: Sim, pouco antes do Natal.

DORIS: É um relógio a sério, diz ele. O Mark tem-no agora. Está a falar do Christopher.

SUSAN: O Christopher sentava-se ao lado dele na escola.

DORIS: E há uma cadeirinha que ele levava para o jardim.

SUSAN: Sim, uma de abrir e fechar.

DORIS: Diz que ia sentar-me no jardim com a mamã e tinha a minha cadeirinha… Oh, não fizeste isso! Agora, espera um momento, deixa os crescidos mostrarem-me uma imagem, querido… Estou um bocadinho perdida agora porque ficas muito excitado. Agora, há unidades de cozinha e parecem verde-azeitona claro.

SUSAN: É a Lynne, a vizinha do lado.

DORIS: É para lá que ele me está a levar e há uma tábua de cortar ou uma bandeja nessas unidades. Disse que a derrubei.

SUSAN: Sim, derrubou.

DORIS: Fez isso desde que passou para o outro lado para vos avisar que está lá.

SUSAN: Ela culpa o Gary.

DORIS: Não, é o Simon. Diz que faz um estrondo enorme. E depois fala de um cão.

SUSAN: A Poppy.

DORIS: O cão vê-me, mas eles não me veem. Isso deixa-o confuso… Sabes, quando ele nasceu, o cordão não estava à volta do pescoço, pois não?

SUSAN: Estava à volta do do Mark.

DORIS: Ah, foi do Mark. Diz que o cordão estava à volta do pescoço dele e quase morreu, mas depois não morreu e fui eu… Agora disse que tinha um mealheiro e abriram-no e sabes quanto tinha lá dentro? Quase quatro libras.

SUSAN: Sim, estava a poupar para a estação de bombeiros de Lego.

DORIS: Só precisava de mais duas libras para a ter.

SUSAN: Sim, precisava.

DORIS: Eram seis libras. Vês, eles não esquecem. Continua a ser vosso filho mesmo que não o vejam… Ah, desapareceu agora. Não sei para onde foi… Está tudo bem, voltou. Não, estou aqui, disse ele e perguntei onde tinha ido e ele respondeu que foi buscar a Elsie.

SUSAN: A Elsie morava do outro lado da rua. Partiu há muito pouco tempo.

DORIS: Teve um AVC? Porque o Simon diz que ela teve uma coisa na cabeça também.

SUSAN: Sim, teve.

DORIS: A Elsie diz para vos dizer que o vosso menino está mais bonito do que nunca. Via-o todos os dias. Ele ia pôr uma carta no correio porque há uma caixa de correio no fim da rua.

SUSAN: Sim, há.

DORIS: Agora estão a falar de alguém chamado David.

SUSAN: Sim, mora ao lado.

DORIS: Depois há o Mark e a Lesley e o Geoffrey.

SUSAN: Os primos dele, mas ele não os conhecia.

DORIS: Agora conhece… E adorava pudim cor-de-rosa, ouvi-o dizer… Agora, quem é a Maisie? Pensa na tua mãe. Há alguma Maisie ou Mabel ligada a ela?

PHILIP: Sim, a tia Mabel.

DORIS: Alguém chamado Arthur.

SUSAN: É do meu lado.

DORIS: E alguém tem uma carrinha, pensei que ele disse.

SUSAN: Acabámos de comprar um carrinho engraçado. Um Panda.

DORIS: Não é uma carrinha, querida, é um Panda. Ah, pensei que era uma carrinha, diz ele. Não é como os outros carros que tínhamos.

SUSAN: Não, não é. É quadrado, como uma carrinha pequena.

DORIS: Agora, é a Irene ou Eileen viva. Tenho de dar as duas porque soam parecido para mim.

SUSAN: Irene.

DORIS: Depois há a Kathleen.

SUSAN: Katy. Devia ser Kathleen, mas chamamos Katy.

DORIS: O aniversário dele acabou de passar, há outro em agosto e outro em outubro.

SUSAN: Sim, o meu.

DORIS: Agora, o que me estás a dizer? Pouco antes de ires para o mundo espiritual tinhas um casaco vermelho novo?

SUSAN: Sim, tinha um casaco vermelho novo. Foi enterrado com a camisa vermelha favorita.

DORIS: Podes perguntar-me sobre isso, diz ele, não me importo porque estou aqui. Explicaram-me. É só como um jardim em memória do Simon. Há uma árvore lá e rosas plantadas.

SUSAN: Sim.

DORIS: Quando a mamã e o papá vão lá, tento dizer-lhes por favor não chorem porque é só o meu jardim. Eu não estou lá. Podes dizer-me de onde és? No meu livro só tenho escrito «criança»… Pensei que ele disse Chester.

SUSAN: Winchester.

DORIS: Nove de dezembro, acho que ele disse. Não? Pode ter sido setembro, novembro. Não, estou a adivinhar. Deixa lá, Simon, querido. Acho que fizeste um trabalho excelente. Achas que me pareço com o papá?, está a perguntar. Sim, pareces, querido, e com a mamã também. Tens os olhos dela, Susan, isso é certo… Bom, agora tenho de me lavar e mudar de roupa, querido. Fizeste um trabalho excelente.

Sei que foi um golpe terrível para vocês, querida, perdê-lo tão depressa. Mas pelo menos acabou em poucas horas. Não sofreu. Não como alguns destes pais cujos filhos têm leucemia e têm de os ver sofrer durante anos…

De qualquer modo, vou fazer mais chá…

Como podem ver, não há nada de sinistro numa sessão. É apenas uma conversa a três cheia de pequenos pormenores familiares triviais. Nada de especial por si só, mas importantes para as pessoas envolvidas porque são coisas que só o ente querido poderia saber, descritas na linguagem que ele usava.

Há uma diferença enorme entre a maneira como os clientes chegam e comodamente como saem. Especialmente os pais que perderam filhos. Entram cabisbaixos e desolados, a esperança quase extinta. E deviam ver como saem. Cabeça erguida, o passo leve outra vez porque de repente conseguem enfrentar o futuro.

CAPÍTULO 8

Estava frio, muito frio, e à minha volta o mundo explodia. A fumarada toldava-me a visão, ouviam-se vozes a gritar, grandes clarões iluminavam o céu e estrondos como trovões sacudiam o chão debaixo dos meus pés.

Meio surda e confusa, cambaleava, depois houve uma explosão tremenda e tudo ficou em branco.

Tive uma última impressão vaga de puxar algo por cima de mim, de me cobrir, e depois silêncio.

Assim começou um dos casos mais estranhos com que alguma vez trabalhei. Ainda hoje não tenho explicação verdadeira para ele. Mas aconteceu e registei fielmente todos os pormenores. Ainda me deixa perplexa.

A cena acima foi-me mostrada como a última impressão de Philip Alan Williams, um jovem soldado dado como desaparecido, presumivelmente morto na Guerra das Malvinas. Os pais tinham assistido a um serviço memorial por ele na igreja local e foram convidados para o serviço oficial na Catedral de São Paulo. Mas continuavam a sofrer e, em desespero, escreveram-me.

Tinha uma agenda muito preenchida, mas pareciam tão infelizes que quebrei a minha regra habitual com a família e aceitei recebê-los numa tarde de domingo. Normalmente tento deixar os fins de semana livres, a não ser que tenha trabalho na igreja, porque quanto mais velha fico, mais descanso parece que preciso. O contacto psíquico parece esgotar-me fisicamente.

De qualquer modo, os Williams chegaram e ainda bem que quebrei a regra do fim de semana. Tivemos uma sessão maravilhosa.

O Philip Alan apareceu e deu uma quantidade enorme de informações sobre a família, juntamente com vários pormenores privados e pessoais que ninguém, exceto os amigos e familiares mais próximos, poderia saber. Descreveu o local onde fora visto pela última vez, as pessoas com quem estava e os acontecimentos terríveis que se desenrolavam – tudo com grande precisão, como descobrimos depois.

No entanto, sem nós sabermos, enquanto os pais dele voavam pela autoestrada em direção a Londres, do outro lado do mundo, nas Malvinas, o Philip entrava numa casa em Goose Green. Estava gelado, meio esfomeado e exausto. Deram-lhe comida e deitaram-no numa cama a família bondosa e, na hora da nossa sessão, ele não estava do outro lado, mas num sono profundo de exaustão.

Então como aconteceu? Não tenho resposta definitiva. A minha única teoria é que a parte de nós que sobrevive depois da morte, o espírito, está naturalmente presente dentro de nós enquanto vivos e, em certas circunstâncias, pode deixar o corpo durante o sono profundo, viajar e regressar ao corpo antes de o dorminhoco acordar. Essas viagens são por vezes recordadas depois como um sonho.

Sei que pode parecer rebuscado, mas explicaria os muitos casos que se ouvem em que uma pessoa «sonha» que vai visitar um parente ou amigo próximo e o encontra doente, para descobrir no dia seguinte que essa pessoa está realmente doente.

Acredito que, no caso do Philip, ele estava ansioso com os pais, sabendo que deviam temer o pior, e quando adormeceu, o seu «espírito» veio inquieto em busca deles para os tranquilizar.

A «atração» psíquica deve ter sido muito forte quando se pensa que nós três – a mãe, o pai e eu – estávamos ali sentados a concentrar toda a nossa energia em contactar o Philip, desejando que ele viesse falar connosco. O poder gerado deve ter brilhado como um farol no plano astral e guiado-o diretamente à minha sala de estar, mesmo estando a meio mundo de distância.

Claro que não posso provar esta teoria, mas um pequeno comentário depois do acontecimento faz-me pensar que estou certa. Durante a sessão, o Philip mencionou algo sobre o pai ter comprado um carro novo. Ora, ele não saberia disso normalmente porque o pai só o comprou depois de o

Philip ter partido para as Malvinas. Ainda assim, a pessoa com quem eu falava mencionou o carro. Muito intrigante.

Depois, quando o Philip finalmente chegou a casa depois do seu calvário, o pai mostrou-lhe orgulhosamente o carro, mas o Philip não pareceu surpreendido.

«É engraçado, pai», disse ele, «mas enquanto estive fora tive um sonho estranho. Não me lembro de tudo, mas lembro-me de sonhar que tinhas comprado um carro novo – e compraste.»

Para mim, isso prova que o Philip conseguiu alcançar os pais a milhares de quilómetros de distância, mesmo que tenha descartado a experiência como um sonho.

É a minha teoria, de qualquer modo, mas vou contar toda a história e vocês podem decidir se concordam comigo.

Os Williams chegaram, como combinado, depois de conduzirem centenas de quilómetros para uma sessão de uma hora. Os pobres deviam estar exaustos, por isso pusemos a chaleira ao lume para lhes fazer chá, mas, mesmo enquanto atravessava o corredor, ouvi o nome Goose Green.

Quem acompanhou a Guerra das Malvinas sabe que Goose Green apareceu muito nos relatos, por isso poderiam acusar-me de adivinhar. Ainda assim, ouvi as palavras tão clara e distintamente que tinha a certeza de que eram significativas.

«O vosso filho não desapareceu em Goose Green, pois não?», perguntei aos pais.

Abanaram a cabeça. «Não. Ele não esteve envolvido nisso, Doris», disseram com firmeza.

Fiquei intrigada. Sabia que não era engano porque era demasiado claro, mas se eles diziam que o rapaz não tinha estado em Goose Green, então não tinha.

Só no dia seguinte soubemos que, enquanto conversávamos, o Philip aparecera em Goose Green.

De qualquer modo, sentámo-nos na sala, com as chávenas de chá ao alcance, e eu estava prestes a entrar em sintonia quando uma sensação estranha começou a apoquentar-me. Havia algo que não estava bem ali.

«Têm a certeza absoluta de que o vosso filho morreu?», perguntei-lhes.

«Oh, sim», responderam. «Fomos convidados para o serviço memorial em São Paulo e tudo.»

«Não podia ter sido feito prisioneiro?», insisti.

«Não», disseram com firmeza. «Disseram-nos que não havia prisioneiros.»

Mordi o lábio. Estava muito errado da minha parte continuar assim. Podia estar a plantar sementes cruéis de esperança nas suas mentes quando não havia razão para ter esperança. O Exército tinha a certeza de que o Philip estava morto e eles deviam saber. Os pais pareciam ter aceitado o facto e isso era o melhor para eles. Seria muito errado perturbá-los agora. E, no entanto…

Com firmeza, reprimi este instinto rebelde e entrei em sintonia. Fiquei imediatamente tranquilizada. Uma voz jovem e masculina entrou diretamente e deu o nome Philip Alan. Chamado Alan por causa do pai.

«Sim, é o Philip», disse a mãe.

Deu o nome do pai, o da irmã e o de um grande amigo dele.

«Receberam uma carta do Jimmy», disse ele. «E o Stewart veio visitá-los e falaram de mim.»

Os pais ficaram espantados.

«Sim, é verdade.»

Depois falou de si mesmo. Riu-se e disse que era um rapaz bonito, cabelo claro e estava a tentar deixar crescer bigode.

«Ah, quanto ao bigode, não sei», disse a mãe.

Mas o Philip, se era o Philip, insistiu que estava a tentar deixar crescer um.

Mencionou mais nomes de família e amigos e pediu que dessem lembranças a várias pessoas, mas parecia invulgarmente confuso sobre de que lado estavam alguns familiares. Ocasionalmente, uma pessoa que faz a primeira comunicação baralha-se um pouco, mas no Philip esta confusão era muito forte. Falava de pessoas que conhecera como se estivessem do outro lado. Ainda assim, os pais garantiam-me que, embora os nomes estivessem corretos, as pessoas em questão ainda estavam muito vivas.

Albert e Kitty foram um exemplo típico. Disse algo sobre ter conhecido Albert e Kitty.

«Mas não podia ter conhecido», disse o pai, consternado. «Albert e Kitty ainda estão vivos. Falei com eles ainda outro dia.»

«Philip, querido, queres dizer que conheceste Albert e Kitty ou que o teu pai os conheceu?», perguntei. Murmurou algo sobre o pai os ter conhecido.

«Bom, tens de esclarecer de que lado estão, querido, senão ficamos numa confusão.»

Houve uma estranha confusão na vibração e uma forte sensação de perplexidade. O Philip parecia não entender o que eu queria dizer. De repente mudou de assunto.

«Não queria ir, sabes», disse ele. «Quando me alistei, nunca pensei que houvesse guerra. No caminho, ríamo-nos e brincávamos, mas por baixo estávamos assustados…»

Não posso imprimir a palavra que usou, mas digamos apenas que a linguagem do Philip era tão rica como sempre fora.

A mãe assentiu tristemente. «Não, não queria ir», disse ela. «É bem verdade.»

Mas ele não tinha acabado. Queria que soubessem que, embora tivesse tido medo no início, não fora cobarde.

«Pelo menos a mamã e o papá podem ter orgulho em mim. No fim encontrei coragem. Quando chega a hora, não há tempo para pensar, vai-se direto.»

Depois outra voz interrompeu, uma voz jovem de mulher.

«Sou a Barbara», disse ela. «Não se preocupem com o Philip. Estamos a cuidar dele. Ele está bem.»

«É a tia dele», disse a Mrs. Williams.

A Barbara disse que tinha apenas trinta e poucos anos quando partiu. Estivera doente algum tempo, mas no fim foi muito rápido.

«Adormeci e acordei aqui», disse ela.

Mas o Philip não ia deixar a Barbara tomar muito tempo. Ao fundo ouvia-se música de órgão e o Philip queria falar do serviço memorial dele.

«Tocaram O Senhor é o Meu Pastor e veio muita gente», disse ele.

«Dei o meu relógio ao nosso Gareth antes de partir e ele ainda o tem.»

Também estava preocupado com o soldo que ainda faltava pagar pelo tempo que esteve nas Malvinas. Queria que o pai o reclamasse.

«Eu ganhei essa merda», disse ele, «por isso mais vale ficarem com ela.»

Mas a Barbara voltou. «Não se preocupem», disse outra vez. «Ele vai ficar bem.»

Depois entrou mais uma voz.

«Sou a Elizabeth», disse ela.

«É a avó dele», disse a Mrs. Williams.

E ela também estava ansiosa por os tranquilizar. «Não se preocupem, estamos a cuidar dele.»

Ouvindo a gravação depois, impressionou-me esta constante tranquilização. Os familiares gostam muitas vezes de informar os pais de que estão a cuidar da criança perdida que agora está feliz e bem do outro lado, mas nunca ouvi isso tão repetido numa única sessão.

«Não se preocupem. Ele está bem. Estamos a cuidar dele.»

Ouvi-o vezes e vezes sem conta. Na altura supus que a Mrs. Williams devia estar particularmente preocupada com o Philip porque o corpo nunca fora encontrado e ela não sabia que ele tinha morrido. Depois, claro, percebi que a tia e a avó do Philip não estavam apenas a tranquilizar-nos, mas a tentar dizer-nos o que estava a acontecer. De facto estavam a cuidar do Philip e ele estava bem. Não havia motivo para preocupação.

O Philip não ia deixar a avó falar mais do que a tia. Voltou logo que a Elizabeth acabou. Mencionou o carro novo, depois disse: «O papá esteve a falar com o Joe Bailey. Trabalha com ele.»

O Mr Williams quase caiu da cadeira.

«Joe Bailey. Sim, é verdade. Estive», disse ele. Mas depois lembrou-se do que mais queria saber.

«Pode dizer-nos o que aconteceu e onde?», perguntou. «Podes dar-me as tuas últimas impressões, Philip?», perguntei eu.

Mais uma vez aquela sensação estranha de confusão. Uma sensação de perplexidade e desorientação. Depois veio a cena de batalha de pesadelo e um nome.

«Temple qualquer coisa», disse eu. «Tern, turn…»

«Tumbledown», disse o pai. «É isso mesmo.»

O Philip estava agitado. «Havia todas estas explosões e depois buum! Acabou-se.» Parecia que provavelmente pisara uma mina ou fora apanhado quando uma explodiu.

«O Chalky White estava lá e o Anderson…», acrescentou.

«Sim», exclamou a Mrs. Williams. «Recebemos uma carta da viúva do sargento White e o Anderson também lá estava.»

«Estava na Guarda», disse o Philip.

Os pais confirmaram que ele estava de facto na Guarda Escocesa.

«Quantos anos tens, querido?», perguntei.

«Quase dezanove», respondeu.

Mais uma vez estava correto. Ainda assim, de repente aquela sensação estranha voltou, algo não estava bem. O que raio era?

«Bom, não sei», disse eu em voz alta. «Se não é o Philip com quem estou a falar, como sabe ele todas estas coisas? Tem de ser ele.»

Os pais estavam completamente convencidos. A maneira como falava. Os palavrões ocasionais que usava e a informação que dava eram absolutamente característicos.

Ainda assim, na manhã seguinte chegou a notícia de que o Philip estava vivo. Estava são e salvo depois de viver na natureza durante várias semanas. Quando chegou a casa, trazia a roupa do Chalky White, a dele estava num estado deplorável depois de semanas no mato. Também deixara crescer bigode.

Houvera uma explosão terrífica, disse ele, e não se lembrava de mais nada até se encontrar a vaguear sozinho pela paisagem desolada das Malvinas. Pensando que estava atrás das linhas argentinas e seria feito prisioneiro se fosse apanhado, escondeu-se até que, por fim, o rigoroso inverno o obrigou a procurar ajuda.

Os pais estavam radiantes e, quando telefonaram para me dar a boa notícia, fiquei encantada por eles. Mas também fiquei perplexa. Se o Philip estava vivo, então com quem estivera eu a falar durante a sessão? Poderia ter sido um dos outros jovens mortos naquele dia? Mas não, os pormenores eram demasiado pessoais do Philip. Poderia ter sido a Barbara? Mais uma vez tive de afastar a possibilidade. A Barbara aparecera mais tarde na sessão e era definitivamente uma voz nova. Além disso, a voz da Barbara era inconfundivelmente feminina, enquanto a pessoa que eu pensara ser o Philip era inconfundivelmente um jovem.

A única conclusão a que consegui chegar foi que, de alguma forma, tinha estado a falar com o Philip, mesmo que o Philip não estivesse morto.

Então como aconteceu? Bom, como já disse, tenho a minha teoria, mas não insistiria que é a correta nem a impunha a ninguém. Deixo-vos decidir por vós mesmos.

No entanto, Philip Alan Williams não foi o meu único contacto com a Guerra das Malvinas. Pouco depois da sessão com os pais dele, outro casal de pais desesperados telefonou-me.

Marion e Don Pryce tinham perdido o filho, um eletricista da Fleet Air Arm, quando o navio dele, o Atlantic Conveyor, foi atingido por um míssil Exocet.

Pouco depois do desastre, a filha dos Pryce, que era enfermeira, derrubou acidentalmente um livro no chão enquanto procurava outra coisa no hospital onde trabalhava. Irritada, apanhou-o e viu que se chamava Vozes no Meu Ouvido. Algo na capa amarela alegre chamou-lhe a atenção e, embora estivesse com pressa, virou o livro e leu a pequena introdução na contracapa.

Foi suficiente para a convencer de que o livro poderia conter algo que ajudasse a aliviar o terrível sentimento de perda que toda a família sofria, por isso levou-o para casa. Passou rapidamente por todos os membros da família e, quando acabaram, foram comprar a continuação, Mais Vozes. No fim desse, a Marion telefonou-me.

Ainda estava confusa com o caso do Philip Williams, mas não podia recusar os Pryce. Algo na voz da Marion disse-me que tinha de a ver. Os Pryce eram uma família muito unida, descobri, e os cinco apareceram à minha porta. Mãe, pai e três filhas bonitas. Foi um prazer ver uma família tão linda e, embora a nossa pequena sala de estar parecesse um pouco atafulhada, gostei imenso.

Sempre quisera uma família grande e, embora não tivesse sido possível, ainda gosto da companhia das famílias dos outros.

Conversámos uns momentos e depois senti a presença de um jovem. Era um rapaz alto e magro, com cabelo espesso e o tipo de rosto aberto e simpático que imediatamente atrai as pessoas e inspira confiança. Quando pairou perto de mim, senti-me compelida a tocar no cabelo com os dedos.

A Marion soltou um grito abafado. «É o nosso filho! Era exatamente assim que ele fazia. Tocava no cabelo desse jeito!»

«Sou o Don», disse o rapaz. «E agora há dois Dons aqui. Eu e o meu avô.»

Nessa altura interrompeu uma voz masculina idosa.

«Sim, recebeu o meu nome, não o do pai dele. Éramos conhecidos como os Três Dons.»

Perguntei ao Don mais novo o que lhe acontecera.

Imediatamente senti cheiro a fogo. Via chamas a lamber tudo à volta e ouvia muitos gritos.

«Estava a ajudar alguns dos outros a saltar para o mar», disse o Don, «e acho que o meu colete salva-vidas pegou fogo. Quando saltei para o mar, afundei-me.»

Afogou-se muito rapidamente, mas pelo menos não sofreu horas nas águas geladas do Atlântico Sul.

Mas o Don não queria demorar-se na guerra. Mudou de assunto e falou do amigo Danny e da namorada Sarah.

«Acho que me teria casado com a Sarah», disse ele, «se não fosse a guerra. Pouco antes de partir, sabes, a mamã levou-me a comprar coisas novas. Comprou-me cuecas.»

«Sim, é verdade, comprei», disse a Marion.

Continuou a dar mais nomes de família e disse que a irmã tinha fotografias na parede por cima da lareira que ele lhe dera, que os pais tinham um crucifixo na parede do quarto e que dera um peluche à irmã mais nova. Mencionou também o Mr Bond, o chefe dos escuteiros dele.

«Ah sim, era muito entusiasta dos escuteiros», disse o Don pai.

Depois o avô voltou.

«Morri de cancro do pulmão», disse ele, «mas não precisam de ficar tristes. Foi uma libertação feliz.»

«O Don está feliz convosco aí?», perguntei.

A voz do Don voltou. «Ainda não», disse ele tristemente, «ainda tenho saudades vossas.»

A energia estava a esgotar-se, mas com um último esforço murmurou algo sobre «Flores e uma mensagem de amor».

Fez-se uma pausa. «Rosas», acrescentou.

Isto não significou grande coisa para a família.

«Deram-lhe rosas ao lado da fotografia ou no serviço memorial?», sugeri.

Mas não, os Pryce não se lembravam de nada que parecesse provável. No entanto, o dia da sessão era 4 de agosto. Depois descobriram que a 30 de julho o vizinho do lado largara de helicóptero uma coroa de rosas de seda no mar em volta das Malvinas com uma mensagem de amor para o Don e todos os que lá perderam a vida.

Nunca pensei que vivesse o suficiente para ver a Grã-Bretanha envolvida noutra, guerra ou que um dia trabalharia para pais e esposas que sofriam como nós sofremos na Segunda Guerra Mundial.

Sei por experiência amarga a tragédia da guerra. Foram as semanas de angústia quando me informaram que o meu marido estava desaparecido, presumivelmente morto em Arnhem. Depois os meses ansiosos quando

descobri que o tinham encontrado, mas era prisioneiro de guerra e estava gravemente ferido.

Muito antes disso perdera o namorado com quem esperava casar quando o avião dele foi abatido. Conhecera o John Stewart num baile. Era artilheiro de cauda na Força Aérea, um rapaz alto e loiro da Escócia.

Era bondoso e atencioso e foi a primeira pessoa a oferecer-me um ovo de Páscoa. Era grande, com rosas desenhadas, e eu fiquei encantada. Era típico do John.

Tínhamos estado juntos dezoito meses quando decidimos tornar a coisa permanente. Ele estava estacionado em Huntingdon na altura e eu estava no País de Gales e escreveu-me a pedir que me encontrasse com ele em Grantham para visitarmos a minha mãe. Depois, disse ele, podíamos ir à Escócia conhecer os pais dele e comprar um anel de noivado.

Achei a ideia maravilhosa e corri a pedir uma licença de quarenta e oito horas. Ainda assim, quando entreguei o pedido, uma voz pareceu dizer-me na cabeça:

«Não vais.»

Isso acalmou-me um pouco. Ah, suponho que me vão negar, pensei. Tinha a certeza de que, se não ia, era porque algo do meu lado o impediria.

A licença foi concedida, porém, e esqueci completamente aquelas palavras de aviso. Depois, na quinta-feira antes de partirmos, chegou-me um pacote volumoso. Continha as cartas que eu escrevera ao John, com uma nota a dizer que ele tinha sido morto.

O terrível da guerra é como pode explodir tão rapidamente. No caso do conflito das Malvinas também acabou muito depressa, mas para centenas de pessoas aquelas poucas semanas mudaram as suas vidas para sempre e nunca mais serão completamente felizes. Carregarão tristeza no coração – enquanto viverem.

A violência não se limita à guerra. Parece transbordar para a vida quotidiana e recebo um número crescente de casos hoje em dia envolvendo pessoas comuns que sofreram mortes violentas e sem sentido.

Perguntei ao Ramanov sobre isto e ele diz que é porque não nos amamos o suficiente. Que até aprendermos a amar-nos mais uns aos outros e a não esperar das pessoas mais do que elas são capazes de dar, estas coisas continuarão a acontecer.

Suponho que seja verdade, mas ainda não entendo o que leva uma pessoa a agredir outra. Quer dizer, o que faz um homem bater na mulher

que supostamente ama com tanta brutalidade que lhe parte os ossos? Não faz sentido. Tudo o que posso fazer é tentar confortar as outras vítimas, as que ficam para sofrer quando a violência vai longe demais.

O caso da Shirley X (não dou o nome completo porque ela não quer que os filhos saibam toda a história) é um exemplo particularmente horrível. A mãe dela veio ter comigo porque estava desesperada por saber mais sobre o que acontecera à filha.

A Shirley apareceu rapidamente, mas estava cheia de arrependimentos. Não conseguia descansar até contar à mãe como lamentava a confusão que fizera.

«Deitei a minha vida fora aos trinta e três anos», disse ela e, quando se aproximou, todo o meu corpo pareceu doer e havia uma dor ardente no estômago.

«Sofri terrivelmente», disse ela. «Não aguentaria muito mais. Tentei tanto ficar, mas não adiantou.»

«Shirley, podes dar-me a tua última impressão, querida?», perguntei. Disse que desmaiou e depois senti uma sensação de queda, como se tivesse sido atirada. Era difícil perceber o que estava a acontecer.

«Não fui morta de imediato», explicou a Shirley. «Sofri.»

No início não a via, mas sentia que o cabelo dela caía pelos ombros. Depois apareceu ao lado da mãe e percebi que era uma rapariga impressionantemente bonita, com beleza de estrela de cinema.

«Agora, como posso descrever o teu cabelo, Shirley?», perguntei. «Não és loira nem ruiva.»

«Podes dizer que é cor de areia, suponho», respondeu ela, mas estava a ser modesta. O cabelo dela era um lindo loiro dourado natural.

«Costumávamos chamar-lhe loiro mel», disse a mãe.

Mencionou os nomes do ex-marido e dos dois filhos que viviam com ele. Falou do avô e de dezenas de outros familiares e amigos.

Depois mencionou o nome de um homem.

«Era a pessoa que supostamente era amigo dela e morava no mesmo prédio», disse a mãe.

«Hah hah», disse a Shirley ao ouvir isto. «Amigo!»

Suspirou. «Não queria dizer porque não queria chatear a mamã, mas foi ele. Atirou-me e espancou-me e eu já não tinha muito para me fazer parecer bonita depois do divórcio, mas tudo o que tinha foi levado. As minhas joias, anéis e relógios, tudo foi levado.»

«Sim», disse a mãe, «ele roubou-os.»

«E agora anda livre», acrescentou a Shirley, amargurada. «Vês, o papá e a mamã ajudaram-me tanto com o meu marido e eu fui uma verdadeira dor de cabeça para os meus pais. Tenho de ser honesta comigo mesma, e depois cometi outro grande erro e era demasiado orgulhosa para ir dizer "cometi um erro, podem tirar-me disto". Custou-me a vida. Percebes por que não consegui ir ter com eles quando devia? Sou muito orgulhosa, uma cabra arrogante e nova e não suportava contar-lhes.»

«É assim que ela fala», acrescentei rapidamente, para o caso de a mãe achar que eu estava a insultá-la.

«Ah sim, tudo bem. Eu sei.»

A Shirley continuou a contar-me que promovia coisas para viver.

«Sim, fazia muitas demonstrações», disse a mãe.

«Ganhava muito bem a vida, mas era tão estúpida, apaixonava-me sempre pelos que tiram, não pelos que dão. Ele era muito cruel comigo. Era mau, mas tinha um fascínio para mim.»

Estava preocupada com a irmã que tivera um colapso nervoso com a tragédia e estava cheia de remorsos.

«Vivi num bairro de lata e era um bairro de lata, Doris», disse ela. «Vinha de uma casa boa, uma casa limpa e boa, mas simplesmente não conseguia… Não sei. Lamento tanto toda a dor que causei aos meus pais, mas os meus filhos vão ficar bem. Para eles, eu simplesmente morri e pronto, mas por favor Deus que nunca descubram os ratos e o estado em que o meu corpo estava.»

A mãe explicou que a Shirley estava morta há três meses quando finalmente convenceram a polícia a arrombar a porta do apartamento e o corpo dela era uma massa de fraturas e ossos partidos.

«O meu ex-marido ficou chocado quando soube», disse a Shirley. «Não havia má vontade real entre nós, simplesmente não éramos compatíveis. Ele queria uma dona de casa e eu nunca fui dona de casa. Esse era o principal problema. Agora tem uma mulher que se contenta em ficar em casa.»

No fim, a vida dela era tão desagradável que a Shirley disse que estava contente por ter passado para o outro lado.

«Tinha um medo terrível dele», disse ela. «Não me deixava sair do apartamento. Antes da última tareia, fraturou-me o fémur e nunca cheguei ao hospital. Fiquei contente por sair dali.»

Depois a mãe contou-me que tentaram tudo para tirar a Shirley daquele homem, mas ela nunca vinha. Até pagaram um táxi e mandaram-no à porta, mas voltou vazio. Cartas e telefonemas ficavam sem resposta e, quando tentavam visitá-la, aquele homem não os deixava entrar. Ela estava doente, dizia ele, o lugar estava uma confusão e a Shirley não queria vê-los.

Eventualmente conseguiram convencer a polícia de que não era apenas uma disputa familiar, que havia motivos sérios para alarme, mas já era tarde demais.

A Shirley estava morta há três meses, aquele homem penhorara as joias dela e levantara o dinheiro da conta dela na caixa económica. Passou um curto período num hospital psiquiátrico, mas não havia provas suficientes para o condenar por homicídio.

Encontrei outro caso horrível destes por acaso. Tinham-me pedido para participar num programa de rádio com telefonemas na Capital Radio.

Era o tipo de programa em que os ouvintes ligam para o estúdio e eu tento obter alguns pormenores para eles pela linha telefónica.

É mais difícil do que trabalhar com o cliente perto de nós, mas às vezes os resultados são muito bons.

O telefone não parava e o programa corria com as mensagens de amor habituais quando me passaram um ouvinte masculino. Imediatamente ouvi o nome Susan, que era o nome da filha dele, depois senti uma pressão terrível à volta do pescoço. Estava a sufocar. Chocada, percebi que esta rapariga fora estrangulada. Mas como podia dizer isso no ar?

«Esta rapariga não devia ter morrido», disse eu com a voz rouca, a garganta ainda seca da experiência desagradável. «Passou muito rapidamente. Não devia ter acontecido. Percebes o que quero dizer?»

O homem garantiu-me que sim. Houve mais alguns pormenores familiares e depois instaram-me a passar ao próximo ouvinte. A contragosto, tive de deixar o pai enlutado, mas esperava que ele me contactasse em privado.

E contactou. Pouco depois do programa recebi um telefonema a perguntar se eu poderia ver o Mr e a Mrs. Chalkley, cuja filha, Susan, lhes falara através de mim no phone-in *(programa em direto).*

Aparentemente o caso saíra nos jornais enquanto eu estava na Austrália. A Susan fora estrangulada pelo amante que depois incendiara a casa numa tentativa de se livrar do corpo, mesmo com a filha pequena da Susan ainda lá dentro.

A Susan não conseguia descansar porque estava furiosa com isto e porque estava perturbada com as coisas que as pessoas diziam sobre ela. Não se importava por si, mas não suportava ver o que isso estava a fazer aos pais dela.

«Foi a primeira vez, mãe, não quero saber o que dizem, foi a primeira vez. Acredita em mim», gritou ela.

«Estava separada do meu marido e ia divorciar-me e depois tinha de acontecer isto. Sei que os meus pais se preocupam por eu ter sofrido muito, mas não sofri. Fiquei inconsciente quase imediatamente.»

A fofoca que sempre rodeia estes casos ainda lhe ocupava a mente. «Sei o que as pessoas disseram, mas eu não tinha uma casa de má fama», soluçou a Susan. «Foi a primeira vez, juro por Deus, pela vida do meu bebé, que alguma vez fui para a cama com alguém.

Não sei no que estava a pensar. Estava sozinha e farta e olha o que aconteceu. Mas não queria que pensassem mal de mim. Fomos educados decentemente.»

Mencionou alguns nomes de família e lembrou-se da avó e dos aniversários das duas irmãs.

«Era a do meio na família», explicou. Ainda assim, estava triste.

«Houve tanta confusão desde que aconteceu por causa do meu bebé», disse ela e a mãe assentiu. «Ele não queria saber da nossa Mandy antes, então para que raio quer agora? Agora que eu me fui e a minha irmã e a família intervieram e disseram que a querem, ele de repente diz que a quer.»

Parei para respirar. A Susan estava a ficar muito zangada e era difícil acompanhá-la.

«Presumo que esteja a falar do marido», disse eu.

«Sim», disse a Mrs. Chalkley. «É verdade, mas a Mandy está muito feliz e bem cuidada pelo pai.»

A Susan acalmou-se com isto.

«Ah, é linda, a minha menina», disse-me ela. «Tem olhos grandes e uma franja na testa…» A voz mudou outra vez. «Sabes, foi no quarto. Depois a casa de banho e a Mandy estava no quarto ao lado da casa de banho. O cabrão pôs fogo, sabes. Graças a Deus a casa de banho ficava entre o meu quarto e onde a Amanda estava. O cabrão… Sabes, eu saía, não vou fingir que não, mas não trazia homens para casa para dormir comigo.»

Estava a começar a perturbar-se outra vez, por isso, para mudar de assunto, pedi-lhe mais pormenores sobre a família.

Mencionou o rapaz que fazia recados para ela, falou de Whitley Bay onde passara muitas férias felizes em criança e depois cuspiu outro nome.

«Dickinson.»

«É o nome do homem que o fez», disse o pai.

Por fim, quando a energia se esgotava, fez um último esforço para ajudar a mãe.

«Mãe, agora vais parar de tomar esses comprimidos, não vais?»

A Mrs. Chalkley desfez-se. «Já tentei parar, mas não consigo», soluçou. «Fico tão em baixo.»

«Ah, diz-lhe que tem de parar», implorou-me a Susan.

«Não te fazem bem nenhum, querida», disse eu. «A Susan quer tanto que pares. Diz-me que ainda te sentes culpada por dentro, mas não é culpa tua. Achas que se tivesses prestado mais atenção, talvez ela não se tivesse casado quando casou, ou talvez o casamento tivesse resultado. Mas não havia nada que pudesses ter feito. Ela é uma rapariga de vontade muito forte e tinha decidido.»

A Susan, claro, não mudara nada. Não se tornara um anjinho agora que estava do outro lado. Continuava de vontade forte e continuava zangada com o que lhe acontecera.

Isto acontece muitas vezes. Talvez depois de anos do outro lado as pessoas aprendam o perdão e a tolerância dos santos, mas aqueles que sentem que foram arrancados antes do tempo continuam zangados durante bastante tempo.

O Stephen Peace, por exemplo, tinha apenas dezanove anos quando morreu num acidente de mota. Era um excelente condutor e passara num teste avançado de motociclismo, mas as suas capacidades não o ajudaram a escapar a um acidente fatal.

Estava muito triste porque aconteceu num momento excitante da vida dele.

«A Julie e eu íamos noivar-nos», disse ele. «No décimo sétimo aniversário da Julie. Amava-a muito, como ela me amava, e ainda a amo.»

Tudo corria bem para ele quando um dia desceu a Market Street, disse ele, perto de casa.

«Ia a conduzir na estrada quando esta mulher saiu de repente à minha frente. Fez uma inversão de marcha sem olhar. Tentei evitá-la, virei a mota com força, mas não adiantou. Bati nela de lado.

E sabes», acrescentou furioso, «aquela cabra maldita safou-se!»

Estava ansioso com a Julie.

«Ela não consegue esquecer-me», disse ele. «Mas quero que seja feliz. Quero que saia com outras pessoas. É tão bonita. O cabelo chega-lhe aos ombros e vira para cima nas pontas. Usa sempre t-shirts. Mesmo no inverno.»

0 Fred e a Pat Peace, os pais do Stephen, concordaram que tudo o que ele dizia era verdade e, ao ouvi-los, o Stephen pareceu acalmar-se. Reparei que a única coisa que ajuda estas pessoas zangadas é tirar o peso da consciência.

«Bom, pronto», concluiu ele. «A mamã dizia sempre "Essa mota maldita, é uma armadilha mortal." Se ao menos a tivesse ouvido.»

CAPÍTULO 9

Numa manhã de primavera de 1982, bem cedo, o Empregado 25 marcou silenciosamente a entrada no restaurante Pizza Inc na Swallow Street, em Londres.

Inseriu o número no dispositivo especial de registo de ponto na caixa registadora, que automaticamente registou, juntamente com a data e a hora. Era 20 de março e a hora era 6h54.

Mas quando os proprietários, Richard e Barbara Possner, chegaram uma hora depois, às 8h00, o lugar estava deserto, as portas ainda trancadas e aferrolhadas como na noite anterior, os alarmes anti-roubo intatos e a caixa registadora desligada porque os Possner têm a única chave para a ligar.

Do Empregado 25 não havia sinal. Mas isso não os surpreendeu. Eles não têm nenhum Empregado 25.

O caso é, Doris», disse Richard Possner quando me telefonou várias semanas depois, «que simplesmente não é possível. Quer dizer, sem a chave da caixa não se pode registar nada. Simplesmente não funciona. Há só uma chave, que a Barbara e eu guardamos por razões de segurança, e estava connosco naquela manhã no nosso apartamento.

Para mais, esquecendo a chave por um momento, sabemos que alguém esteve no restaurante às 6h54, mas como entrou e saiu sem disparar os alarmes ou forçar as fechaduras?»

Era um mistério, sem dúvida, mas este incidente sozinho não os levara a procurar ajuda. Só quando coisas estranhas começaram a acontecer com tal regularidade que o pessoal começou a ficar inquieto é que os Possner perceberam que tinham de fazer algo.

Havia o alarme anti-roubo, por exemplo. O sino ficava dentro do restaurante, bem alto numa parede onde ninguém chegava sem escada. Por isso, quando numa inspeção de rotina os Possner descobriram que não funcionava, chamaram um especialista.

«Quando abriu o sino, encontrou uma pedra encaixada lá dentro, a interromper o circuito», disse a Barbara. «Disse que em toda a experiência dele nunca vira nada tão engenhoso e que estava habituado a lidar com o trabalho de criminosos profissionais. Mas mesmo que um criminoso tivesse tido a ideia, como entraria para mexer no sino?

O Richard e eu temos as chaves do restaurante e não se podia deixar de reparar num homem numa escada a mexer no alarme.»

Depois havia o relógio. Na parede tinham posto um bonito relógio de estação movido a pilha elétrica para não precisar de corda. Era um relógio lindo. Toda a gente o admirava, mas poucos dias depois de chegar ao restaurante avariou-se. Por mais que fizessem, não passava da meia-noite. À meia-noite parava. No fim, os Possner tiveram de se livrar dele.

Mas não podiam livrar-se de tudo. Precisavam do forno a gás, por exemplo. Ainda assim, ao fim de algum tempo até este começou a falhar. Sem razão aparente, o gás apagava-se e não se conseguia cozinhar nada. Chamaram os técnicos e, embora resolvessem o problema, aprofundaram o mistério.

«Disseram que não entendiam nada», contou o Richard. «Disseram que um parafuso escondido lá no fundo do forno se tinha soltado, mas não se soltaria sozinho. A menos que fosses especialista nesses fornos em particular, nem saberias que o parafuso estava lá, quanto mais o que fazia. De certeza que não o vias olhando pela porta do forno.»

Quando abriram o congelador e encontraram toda a carne a descongelar porque o interruptor aparentemente se desligara sozinho, já nem se surpreenderam, tão habituados estavam às peculiaridades do restaurante.

O «fantasma», diziam um ao outro, tinha fraqueza por aparelhos. Começaram a sentir que entendiam como a mente dele funcionava.

Bom, não deviam ter dito isso. Pelo menos não em voz alta.

Porque depois ele mudou de tática. Uma tarde o Richard entrou no restaurante e sentiu um forte cheiro a gás. Várias pessoas se queixaram e toda a gente o sentia.

Naturalmente, presumindo que havia uma fuga, o Richard telefonou para a companhia do gás. Os técnicos de emergência chegaram quase imediatamente. Um cheiro bastou para confirmar que havia de facto um cheiro muito forte a gás. Ainda assim, quando montaram os instrumentos, não encontraram rasto de fuga. Depois de uma busca exaustiva da zona, tiveram de desistir, completamente perplexos.

Foi por essa altura que a Val, uma das empregadas de mesa, estava sozinha no bar a polir copos para os clientes do almoço.

«Val!», chamou uma voz masculina.

Ela olhou para cima, mas não havia ninguém. O restaurante e o bar estavam completamente vazios. Impaciente, pousou o pano e foi à cozinha.

«Sim? O que queres?»

O cozinheiro pareceu confuso. «Quero? Não quero nada.»

«Mas acabaste de me chamar, não foi?»

«Não, não fui eu», disse o cozinheiro.

Intrigada, a Val voltou ao bar, mas não havia ninguém. Procurou nos armazéns e armários por sinais de colegas a fazerem uma partida, mas não encontrou nada. Era estranho, só isso, e provavelmente teria esquecido se não acontecesse outra vez, não uma, mas várias vezes.

Em breve ouvia o nome chamado suavemente sempre que trabalhava sozinha. Era sempre a mesma voz masculina, mas como só dizia uma palavra curta, não conseguia tirar pistas sobre a identidade. Idade e sotaque eram impossíveis de adivinhar. No início a Val achou apenas irritante, mas com o passar das semanas começou a ficar nervosa. Não tinha exatamente medo, mas o lugar começava a dar-lhe arrepios.

Passou algum tempo até falar disso aos Possner. Sentia-se um pouco parva, como se fossem achar que estava a enlouquecer. Mas no fim era tão óbvio que algo não estava bem que teve de lhes contar. E claro que eles não riram.

A essa altura, depois de seis meses no restaurante, estavam convencidos de que o lugar era assombrado e começavam a levar o fantasma a sério.

Eram ambos jovens, pessoas práticas, trabalhadores que nunca tinham pensado em coisas dessas antes, mas isto era diferente. Chegara ao ponto em que o negócio com que sonhavam há tanto tempo podia estar em risco.

«Pode vir o mais rápido possível, Doris?», perguntou o Richard. «Esta tarde, se quiser.»

Ri-me. «Oh, lamento, agora não posso, tenho alguém a vir. Que tal segunda-feira?»

«Está bem. Segunda-feira», disse o Richard.

E assim, apesar de estar até aos olhos com casos envolvendo crianças, vim a encontrar-me a beber chá numa tarde de segunda-feira num restaurante de Londres.

Foi um alívio bem-vindo da pressão do trabalho.

Hoje em dia recebo tantos milhares de pedidos de sessões que tenho de recusar mais do que aceito. Por isso dedico a maior parte do meu tempo a pais enlutados porque, certo ou errado, acredito que são os que mais precisam de ajuda.

O problema é que este tipo de trabalho é o mais emocionalmente esgotante de todos e, por isso, de vez em quando, é bom meter os dentes num bom fantasma impessoal à moda antiga.

O Pizza Inc revelou-se um restaurante muito agradável e muito invulgar. Mal entrei pela porta, percebi que não havia nada de mau ali. Havia uma atmosfera quente e agradável e parecia, e era, relaxante. A aura de tranquilidade podia ter algo a ver com o facto de o lugar parecer mobilado com objetos descartados de igrejas.

Havia vitrais nas janelas, bancos de igreja transformados em assentos de banco, pedaços de biombos e grades de altar e até um púlpito.

«Oh, que lindo!», exclamei ao entrar.

«Fico contente que ache», disse o Richard, satisfeito. «Nós gostamos, de qualquer modo.»

«Tudo isto veio de uma igreja?»

Explicou que tinha sido reunido de vários sítios, mas muito viera de igrejas antigas. Foi buscar uma chávena de chá e eu estiquei-me na cadeira.

«Bom, isto é uma mudança, não…» Parei e olhei espantada quando um monge de hábito castanho comprido passou por nós.

Por um momento pensei que talvez estivessem a estender o tema eclesiástico aos empregados vestindo-os de monges e freiras, mas depois percebi que era um monge a sério e que passara para o outro lado há muito tempo.

Enquanto olhava, ele virou-se e pareceu deslizar de volta para nós, mas, ao passar ao nosso nível, ergueu a cabeça e deu-nos um sorriso de grande serenidade. Depois desapareceu.

Bom, pensei eu, há um fantasma aqui, mas não está a fazer mal nenhum, de certeza que não anda a mexer em interruptores e a causar problemas. O monge é responsável pela sensação de paz e tranquilidade. Gosta de ver as coisas antigas dele a serem bem usadas e cuidadas.

Ainda assim, fiquei muito surpreendida por o ter visto.

Hoje em dia raramente vejo espíritos adultos, só vejo crianças. Ocasionalmente um adulto aparece, mas quase nunca durante uma sessão. Normalmente é quando não estou em sintonia e quando menos espero.

«Bom, há um monge aqui, isso posso garantir-vos», disse eu ao Richard quando ele voltou com o chá. «Mas não é ele. Ele está contente por voltar de vez em quando para ver o que estão a fazer com as coisas dele. Não, tem de haver mais alguma coisa.»

Mas sentia que havia algo complicado neste caso, por isso entrei em sintonia primeiro para ver se os familiares do Richard podiam ajudar. Foi o pai do Richard, acho, que apareceu. Disse como estava orgulhoso do Richard e que não precisava de se preocupar porque o restaurante ia ser um grande sucesso.

«Alguns destes incidentes», disse ele, «não têm nada a ver connosco. São feitos por mãos humanas. Há inveja em jogo», e continuou a nomear um ou dois membros do pessoal que tinham saído recentemente.

«Estas pessoas tiveram algo a ver com alguns dos incidentes», disse ele.

O Richard concordou que sempre se sentira inquieto com uma das pessoas nomeadas e que estava contente por ele ter ido embora.

No entanto, mesmo que alguns dos mistérios fossem de origem terrena, era claro que outros não eram. O passo seguinte era descobrir de onde o espírito estava a operar.

Uma vez localizado, podíamos falar com ele.

Em todos estes casos, a presença do espírito revela-se por uma zona de ar gelado. É preciso andar devagar pelo chão até encontrar o ponto frio

e, por melhor que seja o aquecimento central, haverá sempre um ponto frio se houver um espírito presente.

«Agora», disse eu a Richard e a Barbara, «vou andar pela sala e quero que me sigam, pondo os pés exatamente no mesmo sítio onde eu ponho os meus. Tudo bem?»

Eles acharam graça, mas, entre risos e conversa, formámos um pequeno cortejo e fomos serpenteando devagar pelo restaurante.

Richard tinha a sensação de que o problema poderia vir da cozinha, por isso fomos lá primeiro.

Cuidadosamente, percorri palmo a palmo o chão, mas não havia nada. A temperatura era bastante uniforme.

«Não, não é aqui, Richard», disse eu. Passámos ao armário da despensa. Embora estivesse fresco, era o frio natural de uma divisão fresca, não a sensação inconfundível de um ponto frio numa sala que, de resto, era normal.

Voltámos a recuar para o restaurante e avancei com cuidado ao longo da faixa de linóleo atrás do balcão. A meio do caminho, parei.

«Acho que encontrei.» A sala estava quente, mas ali mesmo, perto das torneiras de cerveja, ondas de frio ondulavam sobre mim. Depois percebi que estava ao lado do balde do gelo.

Ri-me. «Não. Provavelmente é um alarme falso. Estou ao lado do balde do gelo!»

Seria só o balde do gelo? Perguntei-me, ou haveria mais alguma coisa ali? Não tinha a certeza e, a menos que tivesse a certeza absoluta, não diria nada.

Regressei ao corpo principal do restaurante. Era bastante grande e, pacientemente, fomos avançando em passinhos miudinhos para cima e para baixo pelos corredores. Por fim, no extremo oposto, senti outra onda de ar frio. Fiquei imóvel. Sim, decididamente ar frio.

«Barbara», disse eu, virando-me, «vem cá ficar exatamente aqui e diz-me o que sentes.»

Afastei-me e Barbara ocupou o meu lugar. Parou um instante, com a cabeça inclinada para o lado.

«Sim, está frio. Só aqui. É estranho.»

Então Richard olhou para cima.

«Olha, estás mesmo debaixo da ventoinha!»

Segui o olhar dele. Lá no teto estava uma daquelas ventoinhas grandes e antigas de pás.

«Oh, que chatice, importas-te de a desligar, Richard?»

Richard foi obedientemente ao interruptor. A ventoinha parou e eu voltei à minha posição inicial. O frio ainda brotava como água de uma banheira. A ventoinha não tinha feito diferença nenhuma.

«Tudo bem, Barbara», disse eu, «volta aqui e vamos tentar outra vez.»

Barbara encaixou novamente os pés no sítio que eu tinha indicado.

«Sim, ainda aqui está. É a coisa mais estranha.» Depois parou. «Parece que está a ir embora.»

«A ir embora?» repeti eu.

«Sim. Agora desapareceu.»

Rapidinho trocámos de lugar e percebi o que ela queria dizer. O ponto frio tinha desaparecido e agora aquela zona tinha a mesma temperatura que o resto da sala. Isto era muito estranho. Claro que as entidades espirituais podem deslocar-se, mas como o objetivo de causar perturbação é chamar a atenção para si próprias, normalmente querem ser encontradas e não andam a correr de um lado para o outro a jogar às escondidas.

«Isto é estranho», disse eu, mas o tempo estava a esgotar-se e não podíamos passar horas a correr atrás de um fantasma invisível. O restaurante ia abrir em breve para os clientes do jantar e eu tinha de estar despachada até lá.

«Bem, não faz mal, vamos ver se ele vem falar connosco.»

Voltámos para a nossa mesa, de onde já tinham tirado o serviço de chá, e eu sintonizei-me. Houve uma espécie de confusão, como se várias pessoas tentassem comunicar ao mesmo tempo, depois uma voz masculina pareceu abrir caminho à cotovelada.

«Fui morto», disse ele com aspereza. «Fui morto aqui.»

Agora estávamos a chegar a algum lado, pensei eu com satisfação.

«Aqui?» disse eu. «O que aconteceu?»

Imediatamente senti uma sensação de queda vertiginosa, como se estivesse a cair pelo ar, e o pescoço e a cabeça doíam-me muito.

«Caí pelas escadas abaixo», disse o homem. «De cima até abaixo. Foi isso que me matou.»

«Quais escadas, querido?» perguntei, porque tínhamos acabado de percorrer palmo a palmo o restaurante e não tínhamos encontrado nenhuma escada.

O homem suspirou como se eu estivesse a ser particularmente densa. «Eu mostro-te», disse ele.

Imediatamente, na minha mente, estava no cimo de uma escadaria íngreme e estreita com um arco por cima. Descia para qualquer lado sombrio e precisaria de luz artificial o tempo todo. Era tão íngreme que eu bem acreditava que fosse perigoso cair por ali abaixo.

«Percebo o que queres dizer», disse eu ao homem. «Mas tens a certeza de que as escadas são aqui? Eu não vi nenhuma.»

«Claro que estão aqui. Mesmo neste edifício», insistiu ele.

Virei-me para Richard e Barbara. «Conseguem imaginar o que ele quer dizer?»

Trocaram olhares. «Bem», disse Richard, «há um bar por baixo do restaurante. Não tem nada a ver connosco, mas fica no mesmo edifício e tem uma entrada separada por uma escadaria exatamente como a que descreveste.»

«Sabem se alguém caiu por lá abaixo e morreu?» perguntei.

Ele abanou a cabeça.

«Bem, vejam se conseguem descobrir. Tenho a certeza de que sim e tenho a certeza de que foi um homem.»

Não ter uma ligação afetiva para trabalhar tornava muito difícil falar com o homem, porque ele não tinha nenhum desejo especial de falar com Richard ou Barbara e, assim que se aborrecia, afastava-se. Apesar disso, perseverámos. Ele mencionou bastantes nomes. Alguns significavam alguma coisa para os Possner, a maior parte não. Depois disse Derek, ou Eric.

Richard abanou a cabeça.

«Eles não o conhecem, querido», disse eu. Mas pouco depois, como se sentisse que eles realmente conheciam, disse: «Em relação ao Derek — Bentley.»

Mais uma vez os Possner não conseguiam situar. Nem Derek nem Bentley lhes diziam nada.

Mas as vibrações estavam novamente confusas e pareceu-me ouvir outra voz a intrometer-se.

«Fui morto, sabias?», disse ele.

«Sim, eu sei, já me tinhas dito», respondi, pensando que me tinha enganado e que era o primeiro homem que ainda estava a falar.

«Não, não disse. Este é o Billy», disse ele em voz alta. «Fui morto e não foi acidente.»

Enquanto falava, tive uma visão breve de um jovem de cabelo ruivo flamejante de pé atrás da cadeira de Barbara e havia um forte cheiro a suor de ginásio.

«Era empregado de mesa, sabias?», disse ele, «e fui morto.»

«Este sítio não era antigamente um ginásio, pois não, ou tinha alguma coisa a ver com ginásios ou boxe?» perguntei.

«Que nós saibamos, não», disse Richard, «mas só estamos aqui há seis meses e acho que as pessoas antes de nós não ficaram muito tempo. Não se sabe o que era há dez ou vinte anos.»

Mas depois o primeiro homem voltou com mais nomes. Não significavam nada para os Possner e vi que Richard estava a olhar para o relógio. Era altura de encerrar a sessão.

«Agora, sobre estas coisas que têm acontecido», disse eu a quem quer que estivesse a ouvir. «Tem de parar. Estão a preocupar estes jovens e não é justo.»

Houve mais confusão, depois uma voz disse: «Não era minha intenção fazer mal... desculpem», e desvaneceu-se.

«Bem, acho que não vão ter mais problemas», disse eu a Barbara e Richard. «Ele diz que lamenta.»

Pareceram bastante satisfeitos e recolhemos as nossas coisas, prontos para sair, quando os primeiros clientes entraram pela porta.

«Oh, antes de ires embora, Doris, queres ver a escadaria de que falaste?» perguntou Barbara.

Disse que sim. Ela levou-me para a rua e ali, ao lado do restaurante, havia outra porta. Barbara tentou abri-la, mas estava trancada.

«Oh, que pena», disse ela, «as escadas ficam atrás dessa porta. São terrivelmente íngremes.»

Fiquei a olhar para ela um ou dois instantes.

«Dariam a um ponto mesmo por baixo do vosso balcão?»

«Sim, julgo que sim.»

Imediatamente pensei no ponto frio que tinha sentido quando estava atrás do balcão, aquele que tinha culpado pelo balde do gelo. Também no facto de a Val ter ouvido a voz dela quando provavelmente estava perto do mesmo sítio. Estava quase a mencionar isto a Barbara quando uma faixa com letras por cima da porta me chamou a atenção. Eram os dados do

licenciado do bar e o nome dele estava lá escrito, pequeno mas claro. Mr Derek Bentley.

«É esse o Derek!» exclamei em triunfo.

Entusiasmada, Barbara veio ver e chamou Richard. Derek Bentley, tão claro como o dia, o nome que tinha surgido durante a sessão.

«Já volto», disse Richard. «Há uma pessoa a quem posso perguntar.» E disparou rua acima.

«Algumas das pessoas aqui da zona vivem na área há vários anos», explicou Barbara.

Minutos depois, Richard estava de volta, com um grande sorriso na cara.

«O Derek Bentley está morto», disse ele. «Morreu uma noite depois de cair por aquelas escadas abaixo.»

Bem, isso pareceu resolver o assunto. John e eu voltámos para Fulham satisfeitos com o trabalho da tarde.

Mas, afinal, não foi o fim da história.

Semanas mais tarde soubemos que, embora as chamadas de nomes e os problemas com os relógios tivessem parado, os problemas mecânicos continuavam.

As luzes continuavam a acender-se e a apagar-se sozinhas. O aparelho de som continuava a avariar, uma lâmina voou misteriosamente de uma máquina e foi aterrar a centímetros do cozinheiro e, menos de uma hora depois de rirem e brincarem sobre o fantasioso Billy, três dos rapazes que ajudavam no restaurante sofreram pequenos mas desagradáveis acidentes.

Isto intrigou-me até me lembrar que, se o ponto frio atrás do balcão não tinha sido causado pelo gelo, então havia dois pontos frios no restaurante. Isto explicaria por que contactei dois homens diferentes, Derek Bentley e o misterioso Billy. No fim da sessão, quando pedi que parassem de fazer disparates, só uma voz tinha concordado e pedido desculpa. Olhando para trás, acho que essa voz devia pertencer a Derek Bentley. O Billy recusou-se a comprometer-se e parece que o Billy ainda anda a fazer-se sentir.

Então quem é o Billy? Neste momento não sabemos.

Richard e Barbara ainda não encontraram ninguém que viva na zona há tempo suficiente para lhes dar uma pista.

Vejo que, um destes dias, vou ter de lá ir outra vez e ter uma palavrinha com o Billy.

Por essa altura, parecia que eu tinha entrado numa fase de ver espontaneamente adultos no mundo espiritual. Não consigo imaginar porquê, a menos que seja por fazer tanto trabalho com crianças que isso tenha acontecido. Talvez porque eu vejo sempre crianças espirituais e tenho visto tantas ultimamente, o meu olho psíquico esteja tão apurado que anda a captar espíritos por todo o lado.

Entre o monge e o Billy de cabelo flamejante no restaurante da Swallow Street, eu tinha a certeza de que já tinha esgotado a minha quota de adultos para o ano. Já lá vai muito tempo desde os meus dias de médium jovem, quando estava tão cheia de energia psíquica descontrolada que via coisas por todo o lado e as nossas casas estavam cheias de pancadas, estrondos e objetos a voar. No entanto, de repente, estava a começar a acontecer tudo outra vez.

Ainda estava bastante debilitada depois da operação e perguntava-me como ia conseguir cumprir a série de compromissos que tinha pela frente, quando Lee Everett se ofereceu para me dar um pouco de cura. Ora, o John é curador e já me estava a tratar ele próprio, mas sempre acreditei que tudo ajuda e aceitei com gratidão.

Como de costume, Lee chegou acompanhada. Desta vez não era a Annie, mas a irmã dela.

«Espero que não te importes», disse ela.

«Nem um bocadinho.»

Levei-as para a sala de estar e a irmã de Lee e eu sentámo-nos no sofá, enquanto Lee se sentou em frente, junto à janela. Estávamos a conversar animadamente e Lee pôs-me a par das últimas novidades, quando um movimento súbito me chamou a atenção. Olhei para cima e vi que um homem tinha aparecido na sala.

O meu sofá é de três lugares. Eu estava sentada numa ponta e a irmã de Lee na outra. Para meu espanto, o homem atravessou a sala e deixou-se cair no lugar vazio entre nós. Os meus olhos arregalaram-se... Olhei rapidamente para as outras duas, mas elas não pareciam ter notado nada de estranho. Lee estava a meio de uma frase e a irmã ouvia-a atentamente. O nosso convidado inesperado também.

Não estava a fazer mal nenhum, por isso decidi deixá-lo estar.

Se ele queria passar por ali para ouvir um bocadinho de conversa, não o podia censurar. Parecia tão real e sólido que provavelmente não tinha

passado para o outro lado há muito tempo. Talvez tivesse saudades da nossa companhia.

«Bem, acho que é melhor começar a cura, Doris», disse Lee de repente. «Troca de lugar comigo, Bren.»

Obedientemente, Brenda levantou-se, mas quando o fez o homem pousou a mão no joelho dela.

«Não vás, Bren», disse ele tristemente.

Mas claro que Brenda não o ouvia nem o via. Não conseguiu impedi-la e, quando ela se levantou, a mão dele atravessou-lhe o joelho. O homem desapareceu.

No entanto, a tristeza na voz dele tocou-me. O homem não tinha aparecido só para conversar. Pertencia à Brenda e queria vê-la. Por isso senti que tinha de dizer alguma coisa.

«Olha, Brenda, não sei bem o que fazer com isto», disse eu lentamente, «mas é tão nítido que tenho de te contar. Esteve um homem sentado entre nós e, quando te levantaste, ele disse: "Não vás, Bren."»

Bastava olhar para a cara dela para perceber que tinha feito bem em mencionar.

«Oh, meu Deus, é o teu marido, não é?» acrescentei.

Ela assentiu, com os olhos cheios de lágrimas. «Só passou para o outro lado na sexta-feira passada», sussurrou ela.

Bem, o que podia eu fazer? Depois da sessão de cura, Brenda e eu fizemos uma sessão e o marido dela pôde regressar com mensagens de amor e conforto.

Pouco depois disto, houve uma pequena folga na minha agenda e, como o tempo estava bom, John sugeriu que seria uma boa ideia irmos até à nossa caravana passar uns dias.

Há muito tempo que sonhamos em sair de Londres. John gostava de ter um jardim para tratar e tenho de admitir que seria agradável viver num sítio onde se ouvissem os pássaros a cantar e, quando saíssemos pela porta da frente, respirássemos ar puro em vez de fumos de escape.

Finalmente tivemos de aceitar que nunca iria acontecer. Preciso de estar numa posição central para o meu trabalho, senão as pessoas não me encontrariam, e não podemos pagar mais nada numa zona dessas. Parecia que teríamos de renunciar aos nossos sonhos para sempre. Então alguém nos falou de caravanas. Aparentemente, podíamos comprá-las em parques

no campo, completas com mobília, e algumas até tinham pequenos terrenos de jardim. Parecia ideal para nós.

«Precisávamos de um refúgio», disse John. «Este sítio às vezes deixa-te louca com o telefone a tocar sem parar.»

Ele tinha razão. Muitas vezes o telefone toca o dia todo e, embora não demos a morada completa, as pessoas descobrem-na e aparecem à porta sem mais nem menos. Seria maravilhoso ter um sítio tranquilo para onde escapar de vez em quando, onde pudéssemos descansar longe daqueles olhos suplicantes que era tão difícil recusar.

Terry ficou tão entusiasmado com a ideia como nós, e não parava de nos trazer anúncios de sítios adequados. Acabámos por escolher um lugar no meio do nada, a cerca de uma hora de carro do apartamento.

Terry levou-nos lá num fim de semana e ficámos todos encantados. Ficava num pequeno parque verdejante rodeado de campos e tinha dois quartos, uma casa de banho, cozinha, sala de estar e um pequeno jardim. Quando parávamos e escutávamos, não se ouvia nada, nada além de silêncio e canto dos pássaros.

«Oh, John», suspirei eu, «não me importa se ficarmos na ruína. Vamos ficar com ela.»

E assim fizemos.

Em breve John já andava feliz a mexer no jardim, eu podia sentar-me numa espreguiçadeira a vê-lo quando o tempo estava bom e Terry fazia montes de amigos novos. Todos gostávamos daquilo por razões diferentes.

Lá no campo, tentava não pensar nada no meu trabalho, por isso fiquei muito surpreendida quando entrei na nossa sala de estar numa manhã e encontrei uma senhora desconhecida sentada na cadeira junto à janela, a acenar através do vidro às pessoas que passavam.

Por um instante perguntei-me se não teria entrado por engano na caravana errada, ainda era tudo tão novo para nós. Depois percebi que era a nossa cadeira onde ela estava sentada e aquelas eram as nossas flores na jarra em cima da mesa.

Talvez fosse uma das vizinhas novas. Dei um passo mais perto e ela ouviu-me. Virou-se e deu-me um sorriso encantador.

«Olá, querida», disse ela como se me conhecesse a vida toda.

«Olá, querida», respondi eu e depois pestanejei. Ela desapareceu como um sopro de fumo.

Mesmo estando habituada a estas coisas, é sempre uma surpresa quando acontece, porque as pessoas do mundo espiritual parecem tão reais. Muitas vezes não têm diferença nenhuma, não parecem menos sólidas do que as pessoas que encontramos na rua. Não sei de onde veio essa ideia de seres fantasmagóricos a flutuar com lençóis brancos compridos, mas certamente não foi inspirada por contacto real com as pessoas do mundo espiritual.

«Achais que ela poderia ter tido a caravana antes de nós?» perguntei a John mais tarde, depois de lhe explicar o que acontecera.

«Provavelmente», disse ele, «mas os vizinhos hão de saber. Podemos perguntar-lhes.»

«Vamos ter cuidado com a maneira como pomos a questão, John. Eles não nos conhecem de lado nenhum e, se começarmos a dizer que há um fantasma na nossa caravana, vão achar que somos doidos varridos!»

John riu-se, mas percebeu o recado. Fizemos as nossas perguntas com o máximo de discrição possível, mas mesmo assim foi bastante difícil encontrar a formulação certa.

«Não saberá por acaso se alguma senhora morreu nesta caravana?» perguntei ao nosso vizinho pouco depois.

Ele quase se engasgou com o chá.

«O que a faz dizer isso? Estou aqui há dois anos e nunca ouvi falar de ninguém que tenha morrido.»

Obviamente não tinha tratado do assunto da melhor maneira.

«Oh, foi só uma curiosidade — sobre quem tinha a caravana antes de nós, quero dizer.»

«Ah, isso posso-lhe dizer», respondeu ele, e lançou-se numa descrição dos anteriores donos que estavam bem vivos e de boa saúde.

Não se falou mais no assunto e parecia que a identidade da nossa visitante idosa ficaria um mistério.

Depois, numa outra visita algumas semanas mais tarde, conhecemos as pessoas cujo jardim ficava mesmo atrás do nosso. Tinham estado de férias da última vez que lá estivemos, por isso não tínhamos tido oportunidade de falar com eles. Em breve corrigimos isso. Pouco depois de chegarmos, já conversávamos por cima da cerca como velhos amigos.

«Claro, a velha senhora Fulana morreu no quarto ali», disse a mulher de repente.

Fiquei imediatamente alerta. «Quer dizer na nossa caravana?»

«Oh, sim», respondeu ela.

«Diga-me, ela costumava sentar-se junto à janela da sala a acenar às pessoas?»

A mulher olhou para mim espantada. «Ora, como é que soube? Ela andava de cadeira de rodas e acenava-me sempre que eu levava o cão a passear.»

Então era isso. A caravana tinha sido dela e ela voltara para dar uma olhadela em nós e ver se estávamos a tratar bem dela.

A propósito, se alguém que leu os meus últimos dois livros se pergunta o que fizemos ao nosso gato Matey enquanto íamos à caravana, tenho de explicar que não o deixámos para trás e jamais sonharíamos fazer tal coisa. Infelizmente, ele passou para o outro lado antes de termos o nosso refúgio no campo, o que é uma pena porque ele teria adorado o jardim.

Um dia simplesmente desapareceu. Não apareceu para a refeição como era habitual e, quando anoiteceu e ele ainda não tinha dado sinais de vida, comecei a temer o pior.

«Provavelmente ficou fechado em qualquer lado», sugeriram as pessoas para me animar. Ou: «É primavera. Deve estar a ter uma última aventura nos telhados.»

Mas no dia seguinte ainda não havia sinal dele. John e eu procurámos pelas passagens e pelo pátio à volta dos prédios e não encontrámos nada. Matey parecia ter-se evaporado no ar.

Naquela tarde senti-me terrivelmente cansada.

«Acho que vou deitar-me um bocadinho, John», disse eu a bocejar e, coisa rara em mim, adormeci em minutos. Mas não foi um sono repousante. Os sonhos chegaram quase imediatamente e, nos meus sonhos, vi um homem muito alto com o corpo de um gato ruivo nos braços. Não conseguia ver a cara do homem, mas o gato era o Matey e tenho quase a certeza de que o homem era o meu pai.

Quando acordei, soube que tinha visto a verdade.

«Podemos guardar as tigelas do Matey», disse eu a John. «Ele não vai voltar. O meu pai levou-o. Agora está do outro lado.»

Nunca mais o vimos.

É triste porque o Matey sentia falta do jardim quando nos mudámos para Londres e teria gostado de andar à caça no nosso pequeno terreno da caravana. Por outro lado, sei que ele tem todo o espaço que quiser do outro

lado, porque os animais continuam a viver tal como os humanos e um dia voltaremos a ver os nossos animais de estimação.

Não passaram muitas semanas até descobrirmos que, mesmo no coração do campo, não conseguíamos escapar completamente. A notícia correu daquele modo misterioso que tem e algumas pessoas começaram a aparecer sem aviso. Descobri também que, mesmo no campo, não ia escapar às lições que Ramanov queria ensinar-me.

Uma noite estava a ver televisão e John tinha ido à casa do vizinho devolver uma corda de estendal que tínhamos pedido emprestada, quando ouvi uma algazarra lá fora. Levantei o canto do cortinado e vi uma senhora, um homem e dois jovens a descerem o relvado.

«Talvez pensem que o lugar ainda está à venda», pensei eu.

Bem, depressa perceberiam o engano. Voltei ao meu programa.

Minutos depois, John regressou.

«Ó amor!», disse ele, pondo a cabeça à porta. «Há uma senhora lá fora e não quer maçar-te, mas queria só dar uma olhadela em ti para ter a certeza de que eras tu.»

«O que queres dizer com ter a certeza de que sou eu?» perguntei.

«Bem, alguém lhe disse que estavas a passar uns dias aqui e ela disse que não acreditava enquanto não visse com os próprios olhos. Diz que não quer ser chata, mas podia só olhar para ti um momento?»

Ora, o que podia eu fazer? Era vaidade, mas não resisti. Levantei-me e saí para a varanda e, apesar de estar com um vestido de verão velho, chinelos e sem meias, fiquei ali posta como se fosse a Rainha. Os meus admiradores juntaram-se à minha volta para me contemplar com admiração e tenho de confessar que foi muito lisonjeiro.

Diverti-me imenso e concedi-lhes muito mais do que um ou dois minutos. E qual foi o resultado da minha vaidade?

Enquanto eu estava ali na varanda a receber corte como a Rainha, um mosquito picou-me três vezes.

No dia seguinte as picadas incharam em caroços vermelhos e quentes que me deixaram a coçar e a esfregar durante dias. E enquanto esfregava a pele a arder, não conseguia evitar sorrir.

Bem, isso há de ensinar-te, Doris, disse eu a mim própria. O que diz Ramanov? «O teu dom é para ajudar os outros, não para tua própria glorificação.»

É o que dá ser vaidosa!

CAPÍTULO 10

«Rawlinson», disse uma voz.

Startled, ergui os olhos para ver quem tinha falado, mas no mesmo instante percebi o meu erro. Apesar de não estar sintonizada, era uma voz espiritual que estava a ouvir.

«Rawlinson», repetiu. «Rawlinson.»

O carro seguia a grande velocidade pela autoestrada, o motor a rugir, os pneus ruidosos no asfalto, mas acima do barulho eu ouvia distintamente a voz tranquila.

Ia a caminho de uma demonstração pública em Maidenhead e, enquanto a paisagem de Berkshire passava a correr pela janela, o nome repetia-se vezes sem conta. Para mim era evidente que Rawlinson, fosse quem fosse, ia ser importante na reunião que aí vinha.

Está bem, disse eu finalmente à voz, percebi. Vou ver o que posso fazer quando lá chegar. Já me perguntei no passado quanto conforto as pessoas podem realmente tirar de reuniões em massa. Sei que são muito úteis para despertar interesse e levar as pessoas a fazerem perguntas que talvez nunca lhes tivessem ocorrido antes, mas pode-se dar muita ajuda a indivíduos? Será melhor dar um pouco a muita gente ou muito a poucas pessoas? Em Maidenhead obtive a resposta, com o caso Rawlinson.

Como acontece com todas as respostas que recebo, de uma forma ou de outra, de Ramanov, foi vagamente inquietante. Devia parar de me preocupar com coisas que não entendia, fazer o meu trabalho e deixar o resto ao mundo espiritual. Quanto ou quão pouco eu achasse que conseguia ajudar era irrelevante, porque as minhas mensagens não eram um fim em si mesmas, mas apenas mais um elo na cadeia que o mundo espiritual estava a construir.

Quanto a mim, não ia conseguir dar muito tempo aos Rawlinson, mas o mundo espiritual já estava a trabalhar com eles e a informação que recebessem de mim, somada às coisas que já tinham acontecido, fazia parte de um processo que ia mudar-lhes a vida.

Quando subi ao palco em Maidenhead, conversei alguns minutos com o público e contei uma ou duas anedotas para os ajudar a relaxar. Depois, quando o riso se esvaeceu e senti um relaxamento geral em toda a sala, achei que era altura de começar a trabalhar.

«Agora, antes de começar», disse eu, «há alguém aqui com o apelido Rawlinson ou que conheça alguém chamado Rawlinson? Tenho ouvido esse nome durante todo o caminho até aqui, por isso sei que é importante.»

Fez-se um silêncio atónito por um momento, depois um homem ergueu a mão.

«Sou Rawlinson.»

Imediatamente a voz voltou, uma voz de homem jovem desejoso de comunicar e claramente encantado por ter conseguido passar logo em primeiro lugar. Os nomes saíam dele tão depressa que era difícil acompanhar.

«Fala de alguém chamada Margaret.»

«É a minha mulher», disse Mr Rawlinson.

«E Joe, ou será John?»

«A minha filha chama-se Joanne.»

«Depois há o Paul», continuei eu. Depois parei. O homem acenou com a cabeça, sim, conhecia o Paul, mas estava claramente muito perturbado. O jovem aproximou-se mais e percebi que havia aqui uma grande tragédia. Tinha apenas dezanove anos, disse ele, e houvera um acidente de carro. Ao fundo, outras vozes reclamavam para serem ouvidas. Não queria começar a noite numa nota demasiado triste e não queria embaraçar Mr Rawlinson.

«Tenho de passar adiante, receio bem», disse-lhe eu. «Estão todos a tentar passar, mas não se preocupe. Volto para si.»

Acontece que não voltei. Havia tantas pessoas do mundo espiritual decididas a falar com os amigos e familiares na plateia que o tempo se esgotou antes de eu conseguir regressar a Mr Rawlinson.

Cansada, saí do palco e dirigi-me à cozinha onde me esperava a costumeira chávena de chá. Sentia-me um pouco mal por causa de Mr Rawlinson, mas tenho de ir onde as vozes espirituais me levam e naquela noite o filho dele — porque tinha a certeza de que era o filho — não me levara de volta ao pai.

O que eu não tinha percebido, claro, era que Glen — como mais tarde descobri que se chamava — estava a fazer as coisas ao contrário. Estava a levar o pai até mim.

Estava mergulhada na segunda chávena quando, de repente, a porta da cozinha se abriu e ali estava Mr Rawlinson. Hesitou na entrada, claramente sem vontade de me incomodar.

«É Mr Rawlinson, não é?» disse eu, fazendo-lhe sinal para entrar. «Lamento não ter voltado para si, mas era demasiado triste. O seu filho diz-me que tinha apenas dezanove anos e que houve um acidente. Estava a virar numa curva, diz ele, e houve uma colisão frontal. Duas pessoas passaram para o outro lado e três acabaram no hospital.»

Mr Rawlinson parecia atónito. «Sim, é verdade. O meu filho e o outro condutor morreram e três passageiros foram levados para o hospital.»

Glen estava de volta, alto e claro. «Fui morto instantaneamente», disse ele. «Não sofri, mas lamento imenso que tenha acontecido. Nem sequer devia estar ali. Não estaria ali se não fosse pelo Kevin.»

Mr Rawlinson acenou com a cabeça. «Sim, estava a dar uma boleia ao Kevin até Cookham.»

«Lamento imenso o desgosto que causei justamente quando estava a fazer o que o pai queria que eu fizesse», continuou Glen. «Agora eles estão destroçados, especialmente a mãe, porque eu não me despedi.»

«Sim, foi isso que mais a perturbou», disse Mr Rawlinson. «Ele despedia-se sempre quando saía, mas nessa noite ela estava lá em cima e, por algum motivo, ele não lhe gritou um adeus.»

Glen estava preocupado com a mãe. «Ela está a desmoronar-se e tem de parar porque eu estou bem. Estou vivo e estou feliz. Oh, e diz-lhe que a Margaret, chamada Maggie, está a tomar conta de mim.»

Isto foi reconfortante porque, aparentemente, uma das coisas que mais preocupava Mrs. Rawlinson era que, se houvesse vida depois da morte, Glen ficaria sozinho porque muito poucos dos seus familiares tinham passado para o outro lado. A única era a avó, Margaret, conhecida por Maggie.

Num tom mais leve, Glen acrescentou: «Diz à mãe que aqui há muito sol porque ela é uma fanática do sol, e diz-lhe que passo muito tempo nas salas de música. Não só com música pop, boa música também.»

Mr Rawlinson inspirou fundo. Reconheceu a frase. «Nos tempos livres, o Glen era DJ», disse ele, «e dizia sempre: "Eu não toco só música pop, sabem. Toco boa música."»

Glen continuou a dar mais nomes da família e depois voltou ao acidente. «Não me teria importado», disse ele, «mas nessa mesma manhã tinha vendido uma casa.»

Pelo visto, o Glen era agente imobiliário e, no dia do acidente, estava particularmente feliz e entusiasmado porque acabara de vender a casa do patrão e ia de férias para o sul de França no fim de semana seguinte.

Foi mais ou menos tudo o que consegui fazer naquela noite e pareceu-me muito pouco. Tive muita pena que a mulher de Eric Rawlinson, a Margaret, não estivesse presente. Pelo visto, o Glen tinha falecido apenas um mês antes e a dor era tão forte que ela sentiu que não conseguiria enfrentar uma sessão pública.

O que eu não sabia era que toda a família ia passar por uma mudança profunda e que um mundo novo se estava literalmente a abrir para eles.

A minha comunicação, embora em si mesma não fosse grande coisa, encaixava perfeitamente no que eles estavam a descobrir e constituía mais uma confirmação da verdade.

Vários meses depois, Eric e Margaret explicaram o que tinha acontecido.

«O Glen era alguém especial», disse Eric, um promotor imobiliário e corretor de seguros. «Era um jovem positivo, cheio de vida, que se dava lindamente com as pessoas. Havia tanta gente que o adorava. Aliás, depois, quando estávamos a ver as fotografias antigas, era difícil encontrar uma em que o Glen não tivesse o braço à volta de alguém.

«Era impossível discutir com ele porque pedia sempre desculpa e punha o braço à volta da pessoa. Dava tanto amor. Ainda hoje vamos descobrindo coisas que ele fez pelos outros e, no hospital onde era DJ nos tempos livres, vão colocar uma placa em memória dele porque gostavam muito dele.

«Depois da morte dele, a família ficou devastada. Ele era tão extrovertido que deixou um vazio enorme nas nossas vidas. Ainda hoje nada o consegue preencher.

«No entanto, aconteceram coisas incríveis. Quatro dias após a morte dele, tive a experiência espiritual mais incrível da minha vida. Nunca tinha sentido nada parecido. É muito difícil pôr em palavras. Só posso dizer que, na tarde de quinta-feira depois do acidente, estava sentado na cozinha num estado terrível. Estava tão perturbado, tão infeliz.

«De repente, a cozinha começou a encher-se de luz, uma luz tremenda, como se saísse do nevoeiro para um sol brilhante, e ouvi a voz do Glen dizer: "É preciso morrer para nascer."

«De repente, tudo fez sentido. A vida, a morte, tudo. Eu soube. Compreendi. Mas se me perguntarem o que foi que compreendi, não sei explicar. Naquele momento senti-me elevado, tremendamente eufórico. Nunca tinha sido tão feliz na vida. Tinha vontade de sair a correr e abrir garrafas de champanhe.

«Virei-me para a Margaret e ela disse: "Sim, eu sei. Aconteceu-me a mesma coisa ontem à noite." Mas quando falei nisso a um amigo mais tarde, pensando que ele ia compreender, achou que eu estava a perder o juízo.

«Não estava. Nunca tinha estado tão são. Eu tinha visto a verdade. De repente, compreendi o que significavam aqueles clichés antigos como "ver a luz". A euforia não durou. No dia seguinte voltei a sentir-me deprimido, mas a verdade permaneceu.

«Já não acredito. Eu sei.»

A experiência levou Eric a ler tudo o que conseguiu sobre espiritismo e filosofia e tudo o que lia parecia confirmar os seus sentimentos. Embora nunca tivesse lido sobre esses assuntos, reconheceu imediatamente o que diziam. Até a filosofia lhe parecia familiar.

No passado, tinha sido um homem de negócios enérgico, muito terra a terra, com pouco tempo para essas coisas. Nem sequer sabia que existia a igreja espírita. No entanto, quando a família regressou de umas férias que Eric lhes ofereceu para tentar ultrapassar o choque do acidente, encontrou dois bilhetes para a sessão em Maidenhead à sua espera.

«Uma vizinha arranjou-mos», disse ele. «Ela tinha lido Voices in My Ear e More Voices e pensou que ver a Doris poderia ajudar. Nunca tive dúvidas de que devia ir. Sabia que tinha de ir e sabia que o Glen ia contactar-me. Quando a Doris chamou o meu nome, fiquei chocado mas, de certa forma, não surpreendido, percebem o que quero dizer?»

Claro, como eu própria descobri e como todos os pais com quem já falei descobriram, Eric verificou que nunca se supera por completo a perda de um filho, mas aprende-se a viver com isso. Também percebeu que ajudava falar sobre o assunto e, quanto mais falava, mais se apercebia de uma dimensão que nunca tinha notado antes, quando estava absorto nos seus esquemas para ganhar dinheiro.

«As pessoas têm vergonha de falar das suas crenças», disse ele, «mas assim que deixamos claro que compreendemos, contam as histórias mais

espantosas. Descobri que cerca de sessenta ou setenta por cento das pessoas com quem falei têm motivação espiritual.

«Um homem que conheço há anos não se surpreendeu nada com as minhas experiências. "Sei que tens razão", disse ele, "por causa do que aconteceu ao meu irmão."

«Pelo visto, o irmão tinha muito carinho pelo avô, mas, enquanto esteve na Marinha, o avô morreu. Quando o navio do irmão atracou, toda a família foi recebê-lo e, depois dos cumprimentos, a mãe disse: "Infelizmente, também há uma notícia triste."

«"Se é sobre o avô, eu sei", respondeu o irmão. "Sei que ele já partiu. Veio ter comigo a bordo e disse-me."

«A família ficou estupefacta, mas o irmão manteve a história. "Ele apareceu-me no navio e despediu-se", disse.

«O estranho», acrescentou Eric, «é que, desde então, já ouvi dezenas de histórias assim.»

Margaret Rawlinson sabe exatamente do que ele está a falar.

Embora não se tivesse sentido capaz de ir à sessão de Maidenhead, também ela estava a aprender e a descobrir.

«Aquela sessão era demasiado cedo para mim», disse ela. «Ainda estava mergulhada na dor. Mas fico contente por o Eric ter ido, porque as coisas que ele nos conseguiu contar depois ajudaram imenso toda a família. Não sabíamos nada sobre o assunto. Sentíamo-nos terríveis e, de repente, surgiu esta notícia alegre. Deu-nos um conforto enorme saber que a pessoa que amávamos ainda lá estava e que nos voltaríamos a encontrar um dia.

«Desde então, temos lido livros e falado com pessoas e contaram-nos coisas extraordinárias. Uma mulher da aldeia disse-me que sabe que há vida após a morte porque já esteve do outro lado. Teve um acidente grave e "morreu" durante vários minutos. Diz que se lembra de tudo em grande detalhe. Disse que estava num túnel, havia uma luz brilhante no fim e via todas aquelas pessoas cheias de amor à espera dela. Ia avançando pelo túnel na direção delas e sabia que, assim que chegasse à luz, estaria "do outro lado". De repente, foi puxada para trás e os médicos reanimaram-na.

«E também acredita que visitou a avó – num sonho de que tem a certeza que não foi sonho. Estava muito triste porque a avó morreu e ela não se tinha despedido. Uma noite "sonhou" que encontrava a avó num lugar lindíssimo. A avó parecia muito mais nova do que ela se lembrava, abraçaram-se, beijaram-se e despediram-se. A maior parte das pessoas diria

que foi um sonho, mas esta mulher tem a certeza absoluta de que aconteceu mesmo.»

Para Eric Rawlinson, a tragédia teve efeitos de longo alcance.

«O mais importante que me aconteceu desde o acidente é que já não tenho medo de morrer. Antes tinha um medo terrível. Acordava a meio da noite em suor frio, a imaginar a eternidade negra e o espaço vasto e infinito. Durante anos vivi aterrorizado com a morte. Agora já não tenho medo nenhum. Muito pelo contrário. Sei que a morte é simplesmente o renascimento num nível superior, para um mundo de beleza e amor.

«Mas não é algo que se consiga transmitir aos outros. Antes de tudo isto acontecer, se me tivesses dito isto, eu não acreditaria. Não teria escutado. Não se pode dizer às pessoas. Têm de viver a experiência por si mesmas. Devido ao que me aconteceu, eu sei.»

Além disso, a experiência levou Eric a questionar os seus valores e o seu modo de vida. É um homem de negócios bem-sucedido, com talento para angariar dinheiro, e agora gostaria de usar esse talento para ajudar os outros.

«De repente, apercebi-me de que, na sua curta vida, o meu filho conseguiu mais do que eu consegui em toda a minha», disse ele. «Agora gostaria de fazer algo que valha a pena pelos outros. Aliás, sei que o farei. Quando chegar a altura certa, tudo se encaixará e verei o que tenho de fazer.»

Depois de falar com os Rawlinson, nunca mais duvidei do lugar que os meus pequenos fragmentos de informação ocupam no grande esquema das coisas e, desde então, tenho ido a demonstrações públicas com entusiasmo renovado.

Sou frequentemente convidada a falar na sede da Spiritualist Association of Great Britain, em Belgrave Square, e da última vez que lá estive tive comunicações muito vívidas. Num certo momento, olhei para cima e vi uma menininha a dançar à volta dos pés de uma senhora da assistência. Pelo modo como se movia e pelo facto de ninguém lhe prestar atenção, era evidente que era uma criança do mundo espiritual.

«Chamo-me Helen», disse-me ela, a rir. «E esta é a minha mamã.»

Depois subiu a correr para o palco e agarrou o colar que eu trazia posto.

«Olha para o pescoço da mamã. Olha para o pescoço da mamã», ordenou ela, muito excitada.

Mas estava demasiado longe para ver o pescoço da mãe ou o que ela trazia. A Helen, porém, não desistiu. Depois da sessão, acompanhou a mãe até à frente para falar comigo e reparei que a mãe trazia ao pescoço uma corrente da qual pendia uma fotografia minúscula da Helen.

Na mesma sessão, dois jovens, um rapaz e uma rapariga, vieram cumprimentar-me. Chamavam-se John e Lorraine, e a mãe do John estava na assistência.

«O que aconteceu, querido?», perguntei ao John e, em resposta, ele deu-me o que me pareceram duas sensações contraditórias. Sentia um cheiro fortíssimo a gás, mas ao mesmo tempo estava rodeada de água, muita água. Isso baralhou-me. Teriam morrido intoxicados com gás ou afogados, ou um com gás e o outro afogado?

A mãe do John explicou. «Estavam num barco, Doris, e um dos botijões de gás estava a vazar.»

«Tentei pedir ajuda», disse o John, «mas não consegui. Desmaiei. Ainda bem que a mãe não me viu depois. Estávamos cor de morango.»

Foi horrível, claro, mas aqueles dois jovens maravilhosos continuavam juntos e felizes.

Ouve-se tantas histórias trágicas nestas ocasiões e, no entanto, estranhamente, também costuma haver muito riso.

Lembro-me de, pouco depois, numa demonstração semelhante em Hitchin, Hertfordshire, uma senhora ter ficado estupefacta quando lhe disse que tinha 42,50 libras guardadas numa lata de chá. A assistência desatou a rir e a cara dela foi um poema.

«Sim, tenho», exclamou ofegante. «Exatamente 42,50 libras!» E olhou para mim com grande desconfiança, como se pensasse que eu tinha estado a espreitar pela janela.

Quando trabalhei com público ao vivo no programa da Granada Television, An Evening With Doris Stokes, quase não parámos de rir a noite toda. Um senhor idoso com bengala veio falar com uma senhora e eu ouvia a bengala dele a bater tac-tac-tac em fundo.

«Ele usava bengala, não era?», disse eu. «Para andar e para se levantar e sentar nas cadeiras.»

«Não era só para isso», respondeu ela com acidez. «Também dava pancada nas coisas com ela.»

Toda a gente riu, mas o homem, que tinha um sotaque forte de Yorkshire, não se deixou intimidar.

«Quando é que ela se vai livrar daquele chapéu azul que está em cima do roupeiro há tantos anos?», disse ele. «Tira-o de lá e volta a guardá-lo. Porque é que não o deita fora?»

«Ele tem razão», riu-se a mulher. «Ainda está no saco da C&A.»

Depois havia a querida velhinha que tinha familiares do outro lado do mundo.

«Tem familiares na Austrália, em Melbourne, e familiares em Christchurch, na Nova Zelândia», disse-lhe eu.

«Sim, tenho», concordou ela, contente.

«E no próximo ano vêm todos cá para uma celebração especial.»

«Vêm?»

Neste momento, ouvi um assobio irritado ao meu ouvido.

«É surpresa. É surpresa», disse uma voz. «Não devias ter dito.»

«Oh, não devia ter dito isso», pedi desculpa. «É surpresa.»

«Não faz mal», sorriu a velhinha. «Não ouvi nada.»

Os animais também apareceram. Um pouco mais tarde, a meio de algo sério, tive de interromper e virar-me para outra pessoa.

«Acabou de aparecer um cão chamado Barney», disse eu a uma senhora de caracóis escuros e apertados. «Conhece o Barney?»

«Barney? Sim, conheço», respondeu ela, surpreendida. O último contacto que esperava era do cão.

Por enquanto foi só isso, mas minutos depois fui novamente puxada para ela. Ai não, pensei quando ouvi o que a voz queria que eu lhe dissesse. Isso parece ridículo. Mas a voz insistiu.

«Está bem», rendi-me. «Bem, conhece o Barney… então, com o Barney havia um papagaio? Estão a falar de um papagaio e do Barney.»

Um grito de riso encheu o estúdio e até a mulher se riu.

«Um papagaio empalhado, sim», disse ela. «Por cima do cesto do Barney.»

Houve casos tristes, claro. Havia um menino de não mais de quatro ou cinco anos a correr de um lado para o outro no corredor. Chamava-se Anthony, disse ele, e tinha leucemia. Os pais não estavam na assistência, mas lá estava um amigo deles. O Anthony queria que os pais soubessem que ele agora estava bem e que o cabelo tinha voltado a crescer.

Depois havia a bebé que foi vítima de morte súbita de lactente. Tinha partido deixando para trás a gémea idêntica, Collette, e a menina de sete anos cuja mãe pusera uma rosa e um ursinho de peluche no caixão com ela.

Até a dona do Barney estava lá por um motivo mais premente do que o contacto com o Barney. Há vinte e um anos que esperava notícias da filha que nunca recuperara de uma operação para reparar um buraco no coração.

Houve avisos também. A uma mulher foi transmitida a grande preocupação de um familiar com a escada da cave.

«Ele está muito preocupado com esses degraus», disse eu. «Algo sobre uma porta no cimo e uma criança a cair. Quer que ponha um ferrolho na porta o mais rápido possível.»

Outra mulher, que lá estava com a filha pequena, foi avisada acerca de uma mota.

«Tem alguma coisa a ver com uma mota», disse eu. «Há aqui um rapaz que morreu numa mota.»

A mulher abanou a cabeça. «Não, não conheço ninguém.»

«Não, tem a ver com a tua filha. Conheces alguém que morreu numa mota?»

Ela disse que não.

Se não tivesse a certeza absoluta de que esta mensagem era para elas, teria pensado que me tinha enganado nos contactos. Mas sabia que, de alguma forma, encaixava.

«Quem quer uma mota?», perguntei.

«Eu quero», disse a filha.

«Ela está sempre a falar nisso», confirmou a mãe.

Foi então que do outro lado disseram com toda a ênfase que não. Não, e apontaram para o rapaz que tinha morrido.

«De maneira nenhuma», disse eu. «Ela não pode ter mota. Trouxeram este rapaz como aviso do que pode acontecer. Ela não deve ter mota.»

A rapariga fez uma cara claramente aborrecida, como se preferisse ter ficado em casa.

«Agora já não me vão deixar ter uma», resmungou, sombria.

Tive pena dela, mas não retiraria o que disse. Já vi os pais de tantos jovens que perderam a vida em motas…

No ano passado também fui convidada para o Russell Harty Show. O Russell era um amor de rapaz, mas no início parecia um pouco nervoso e tentava levar-me demasiado depressa de pessoa em pessoa na plateia.

Esse é o problema da televisão. Os produtores não gostam que se demore muito com uma só pessoa ou que as mensagens não sejam distribuídas de forma equilibrada pela assistência. Compreendo o ponto de

vista deles, mas infelizmente tenho de ir para onde as vozes me levam e não as posso forçar nem apressar.

Fiquei um pouco desapontada com o meu trabalho naquela noite exatamente por isso. Não senti que tivesse tempo de estabelecer rapport com a plateia antes de o Russell me apressar outra vez.

«Agora», disse ele, «temos aqui uma convidada mistério surpresa esta noite. Achámos que seria divertido se a Doris conseguisse descobrir quem ela é.»

Fiquei mesmo surpreendida. Sou médium, não leio pensamentos, afinal, mas detesto recusar um desafio.

«Não posso prometer nada», disse eu devagar, «mas vou tentar.»

A mulher mistério estava sentada noutra sala, a falar com o estúdio por telefone. Só tínhamos dois ou três minutos, mas depressa comecei a ouvir uma voz irlandesa calorosa.

Já tinha estado duas vezes na Irlanda e o sotaque parecia-me idêntico aos que ouvira nas minhas viagens, mas algo me deixou desconfiada.

«Não é genuíno», sussurrou o Ramanov. «Tem cuidado.»

«Acho que esta senhora não fala habitualmente com sotaque irlandês», disse eu devagar. Mas, mesmo enquanto falava, vozes do mundo espiritual aproximavam-se, na esperança de fazer contacto com ela.

Uma delas murmurou algo sobre o palco.

«Acho que esta senhora tem algo a ver com o teatro», disse eu.

Depois ouvi o nome Minnie.

A mulher mistério disse que conhecia alguém com esse nome.

Em seguida veio o nome Pat.

«E estou a receber o nome Pat. Conheces alguém chamado Pat?»

Houve uma pequena pausa, como se ela tivesse respirado fundo antes de responder.

«Sim, conheço uma Pat», admitiu.

Comecei a relaxar. O contacto estava lá. Ia correr bem.

«Bem, lamento, Doris», disse de repente o Russell Harty, fazendo-me dar um salto, «mas é tudo o que temos tempo. E agora aqui está a nossa convidada mistério.»

Fui trazida tão rapidamente de volta à terra que a cabeça me andava à roda e, antes de perceber bem o que estava a acontecer, a atriz Pat Phoenix vinha na minha direção. Fiquei entusiasmadíssima. A Pat era uma das

minhas personagens favoritas de Coronation Street e eu nunca perdia um episódio se pudesse evitar.

«Olá, Doris», disse ela, com um sorriso tão amigável que parecia que nos conhecíamos há anos. Mas, de certa forma, suponho que sim. Ela entrava na minha sala de estar duas vezes por semana desde que me lembrava.

«Sabes, se tivesses tido mais tempo, terias descoberto quem eu era», disse ela. «Estavas a chegar tão perto.»

Era exatamente tão simpática e natural como sempre imaginei e tornámo-nos amigas. Até hoje a Pat telefona-me regularmente para saber como estou e deu-me um exemplar autografado do livro dela que tem lugar de honra na minha estante.

Sim, o meu trabalho leva-me a todo o lado e a situações por vezes muito improváveis, desde grandes auditórios a estúdios de televisão e programas de rádio com chamadas do público, para não falar, claro, da minha própria sala de estar, que tem de servir também de sala de sessões, já que é a única sala de receber que temos. Quando estou a trabalhar, o pobre do John e do Terry são desterrados para a cozinha!

Talvez um dos aspetos mais bonitos do meu trabalho seja quando me pedem para ser a médium numa cerimónia de nomeação. É a versão espírita do batismo, suponho, mas nós não batizamos as crianças com água, porque a água serve para lavar o pecado. Nós acreditamos que todas as crianças recém-nascidas são puras. Vêm diretamente de Deus ou do mundo espiritual e, por isso, não conhecem o pecado.

Nominamo-las com flores brancas como símbolo da sua pureza. Outra característica invulgar desta cerimónia é que a criança recebe dois nomes. O nome que os pais escolheram para ela e o seu nome espiritual. É o nome pelo qual era conhecida no mundo espiritual antes de nascer. Para descobrir este nome, tem de estar presente um médium que se sintonize e pergunte.

Esta cerimónia não é só para crianças, os adultos também podem participar e eu própria fui "nomeada" numa cerimónia lindíssima na Ilha de Man. Não é obrigatório, mas achei que seria uma coisa bonita, uma espécie de afirmação pública da minha fé.

O médium disse-me que o meu nome espiritual era Lena, e ao John deram o nome Samuel. Uma coincidência engraçada, porque o meu pai, que ainda me ajuda, se chamava Sam.

Há poucas semanas participei numa cerimónia de nomeação muito comovente, mas totalmente informal, e que surgiu de forma completamente inesperada.

Conhecemos o Del Robinson, presidente da Igreja de Wimbledon, há muitos anos. Quando regressámos da Austrália da última vez, foi o Del que organizou uma maravilhosa festa de boas-vindas. Por isso, naturalmente, ficámos muito entusiasmados por ele quando nos disse que ia ser avô pela primeira vez.

O nascimento estava iminente quando o companheiro do Del, o Reg, nos veio visitar. Estávamos a trocar de carro e ele trouxe-nos o novo. Enfim, estávamos na cozinha a tomar uma chávena de chá quando ele perguntou se podia fazer uma chamada.

«A Jackie foi internada hoje no hospital, percebem», disse ele, «e queria saber se havia novidades.»

«Claro, amor», respondi eu. «Sabes onde está o telefone.»

Ele virou-se e saiu para o corredor, mas antes de chegar ao telefone, a Rose, mãe do Del, apareceu a correr, toda orgulhosa.

«Não precisa de se incomodar», disse ela. «Eu posso contar. É um rapagão lindo. Um rapagão. Já cá está. Nasceu», e achei que tinha dito que se ia chamar Alec.

«Reg», chamei, «telefona se quiseres, mas a Rose acabou de me dizer que o bebé já nasceu e é um rapagão lindo.»

Uma expressão de espanto atravessou o rosto do Reg, como se não soubesse se havia de acreditar em mim ou não.

«Bem, vou confirmar, se não te importas», disse ele com um sorriso envergonhado.

Ri-me e voltei para a cozinha enquanto ele começava a marcar. Eram 13h40 no relógio da cozinha.

Ligaram-lhe imediatamente e a voz dele chegou do pequeno hall. Íamos ouvindo que ele estava cada vez mais incrédulo a cada palavra, até que o John e eu tivemos de tapar a boca com as mãos para não nos rirmos alto.

«Já…» disse o Reg. «O quê? Um rapaz… A sério? Esse é grande… e quando… à uma e meia? Quer dizer há dez minutos? Estou pasmado.»

Isto durou algum tempo. Depois ouviu-se um clique e um Reg atarantado voltou para a cozinha.

«Tinhas razão», disse, pegando na chávena de chá. «É um rapaz. Nasceu há dez minutos e é mesmo um rapagão, quatro quilos e cem gramas.»

Só havia uma coisa errada. Eu tinha percebido que a Rose dissera que se ia chamar Alec. Mas não era. Era Ashley.

A história não acabou aí. O Del Robinson ficou tão contente que nos pediu para ir ver o bebé.

Passámos um tempo maravilhoso. O pequeno apartamento estava cheio de flores brancas e o Ashley era o bebé mais doce que já se viu, com a pele macia e cremosa, um narizinho minúsculo e alguns tufos de cabelo loiro finíssimo como penugem de cardo. Peguei nele ao colo e sintonizei-me.

A Rose apareceu imediatamente para mais um olhar. «Não é lindo? O meu bisneto», suspirou.

Depois uma voz mais firme tomou o comando e percebi que estava a lidar com alguém num plano muito mais elevado. Falava com bondade, mas havia autoridade na sua voz. Era o tipo de voz a que se obedece instintivamente.

«Sou o guia do bebé. O meu nome é Água Clara», disse ele. «O nome espiritual dele é John.» E desapareceu.

Transmiti isto aos pais e, enquanto falava, ouvia os cliques das máquinas fotográficas. Os avós orgulhosos queriam registar bem todos os momentos da vida do Ashley.

Passámos ao chá e aos sanduíches e mantive o Ashley no colo enquanto a Jackie deixou.

«Não é estranho?», disse eu ao Del. «O nome espiritual do Ashley é igual ao nome terreno do meu bebé.» E por causa disso senti uma ligação muito forte com ele.

Havia outra surpresa à espera. Duas semanas depois, revelaram as fotografias e o Del reparou em algo estranho na fotografia tirada quando nomeei o Ashley. Lá estava eu, bem nítida em primeiro plano com o Ashley ao colo, mas lá em cima, perto do teto, à minha esquerda, havia uma grande bola de luz branca e, se olhássemos com atenção, conseguia-se distinguir o rosto de um bebé dentro dela. A luz pairava em frente das cortinas castanho-escuras e o Del não conseguia perceber o que era. Não havia vidro nem espelho perto que pudesse ter causado um reflexo.

Perguntou ao fotógrafo uma explicação, mas o fotógrafo estava igualmente perplexo.

Desde então mostramos a fotografia a muitas pessoas e, sem lhes dizer porquê, perguntamos o que veem, se é que veem algo, na luz. A maior parte responde sem hesitar «Um bebé», embora alguns olhem muito tempo, virando-a de um lado para o outro, até que de repente encaixa.

«Ah, sim, agora vejo», dizem. «É engraçado, depois de se ver, salta à vista e não percebemos como é que não vimos logo.»

Qual é a explicação? Não sei mesmo. A minha teoria é que o John Michael estava presente e se mostrou da forma que eu melhor me lembraria dele – como um bebé, pouco maior do que aquele que eu tinha nos braços.

O mundo espiritual adora bebés e muitas vezes dou notícias deles antes mesmo de os pais saberem.

Quando estava a trabalhar no programa da Granada, falei com um dos homens ligados ao programa e disse-lhe: «Tens dois filhos, não tens?»

Ele riu-se. «Não, só um, Doris», respondeu.

«Pois, estão a dizer-me dois», insisti. «Se neste momento só tens um, em breve terás dois.»

Ele encolheu os ombros. Qualquer um pode dizer isso. Mas uma semana depois a mulher dele disse-lhe que estava grávida.

Na Austrália ficaram deliciados porque consegui dizer-lhes que a Princesa de Gales estava grávida antes da notícia oficial sair.

Foi a 6 de outubro de 1981 e uns jornalistas australianos tinham vindo entrevistar-me. O casamento real ainda estava na cabeça de toda a gente e falavam do jovem casal.

«Quando acham que vão começar a ter família?», perguntaram os jornalistas.

«Bem», comecei eu, «acho que vão esperar até…» mas parei. Aquilo era só a Doris Stokes a adivinhar, mas por cima da minha opinião veio algo mais sólido do mundo espiritual.

«Não, não acho», corrigi-me, «sei. Ela está grávida agora.»

Quando o disse quase tive um ataque, porque eu não ando por aí a fazer previsões nem me apresento como adivinha. Mas isto veio tão espontaneamente que tive de o dizer.

Bem, claro, causou um grande alvoroço. Os jornais australianos puseram a notícia em manchete em todo o lado. «Doris Stokes diz que a Princesa Di está grávida!» e o Sunday Telegraph de Sydney noticiou: «A

Sra. Stokes, que previu o casamento do Príncipe Carlos e de Lady Diana Spencer… prevê o nascimento de um bebé real por volta de julho do próximo ano.»

Assustou-me de morte. E se estivesse errada?

Ufa, que alívio quando, poucas semanas depois, o Palácio de Buckingham divulgou a notícia oficial.

E o que fizeram os jornais australianos? Em letras garrafais na primeira página: «Como é que Doris Stokes soube antes da Rainha!»

CAPÍTULO 11

Ao longe ouvia um comboio a aproximar-se.

Estava escuro e frio e o ruído tornava-se cada vez mais forte. Debaixo dos meus pés os carris vibravam, toda a linha cantava com o comboio que se aproximava. De repente luzes encheram a noite, uma rajada de ar abanou-me o corpo e os meus sentidos afogaram-se num rugido terrível.

Tive um vislumbre fugaz de uma mota com um capacete colocado cuidadosamente no selim. Depois a imagem apagou-se como se uma lâmpada se tivesse fundido.

Perder um filho é sempre uma tragédia, mas a pior tragédia de todas é perdê-lo por suicídio.

Todos os pais sentem culpa, mas os pais de filhos que escolheram morrer enfrentam um tormento inimaginável. Para o resto da vida serão torturados por perguntas sem fim.

«Porquê?», «Porque é que ele fez isso?», «Porque não me apercebi?», «Como podia ele estar tão infeliz sem eu saber?», «Onde foi que falhei?», «Havia mais alguma coisa que eu pudesse ter feito?»

As perguntas nunca param porque não há resposta.

Outros pais podem encontrar consolo no pensamento de que os acidentes acontecem, a doença ataca em qualquer lado. Mas os pais cujos filhos se suicidaram só têm a certeza de que a vida que deram foi deliberadamente deitada fora por se ter tornado insuportável. O amor deles simplesmente não chegou…

Pelo menos é assim que lhes parece. Se ao menos conseguissem compreender que não têm culpa. Nem as crianças. As crianças que fazem estas coisas terríveis estão tão doentes como estariam se tivessem leucemia. Isto é compreendido do outro lado, onde não são castigadas mas sim

cuidadas até ficarem boas. E quando estão curadas, estas crianças ficam horrorizadas com o sofrimento que causaram.

Nigel Cox era um rapaz carinhoso, aparentemente feliz, que uma noite se colocou à frente de um comboio. Quando percebeu o que tinha feito, ficou tão perturbado que não descansou enquanto não recebeu o perdão da mãe.

Além da dor, Betty Cox era atormentada pela impressão de Nigel de pé atrás dela, a soluçar. Pensava que estava a enlouquecer. Na verdade, o laço entre mãe e filho era tão forte que ela estava simplesmente a partilhar a angústia dele.

Foi a amiga da Betty, a Lois, que primeiro me contactou. Estava preocupada com a Betty, explicou ela. Desde a tragédia que ela não conseguia superar a dor e temiam o que ela pudesse fazer. Amava tanto o Nigel que sentia que a vida não valia a pena sem ele.

Era óbvio que o Nigel era uma criança especial – bem, ouçam a descrição da Betty:

«Era um bebé maravilhoso, Doris. Tão sossegado. Nunca chorava. Cresceu e tornou-se um rapaz feliz com um grande sentido de humor. Divertíamo-nos imenso juntos. Sinto falta das gargalhadas. Era muito generoso, ao ponto de as pessoas darem isso como garantido, mas ele gostava de ajudar os outros. Nos últimos dois anos adorava ajudar os amigos com as motas e eles gostavam tanto dele que mais de cem vieram ao funeral.»

O Nigel apareceu logo que me sintonizei e era evidente que a dor dele era tão intensa como a da mãe. Soluçava e tudo o que eu conseguia ouvir era: «Perdoa-me, perdoa-me.»

Até ouvir a mãe dizer essas palavras, não consegui tirar mais nada dele.

«Claro que te perdoo, Nigel», disse por fim a Betty quando percebeu qual era o problema. Imediatamente o ambiente mudou. Um peso foi tirado dos ombros do Nigel.

«Tenho tanta pena do que fiz», disse-me ele. «Devo ter tido um ataque de loucura.»

Enquanto conversávamos, ele explicou que tinha tudo para viver. Uma família carinhosa, muitos amigos e a perspetiva de um bom emprego quando terminasse a universidade. Depois as coisas começaram a correr mal. Uma noite saiu com uma mota que acabara de comprar e foi parado

pela polícia. Não tinha o certificado MOT e ficou muito preocupado com a possibilidade de o levarem a tribunal por causa disso.

Se estivesse no seu estado normal, isso não teria sido um problema intransponível, mas não estava no seu estado normal. Algumas semanas antes tinha sido agredido numa discoteca e sofrera uma fratura no nariz e uma concussão.

«Toda a gente pensou que eu tinha recuperado da agressão, mas na verdade não recuperei», disse-me o Nigel. «Mudei depois disso. A minha personalidade mudou.»

«Sim, ele tem razão», confirmou a Betty, «mudou mesmo. Começou a gritar por coisas pequenas, o que não era nada dele.»

«Mas, Nigel, porque fizeste isso, amor?», perguntei eu. «O que aconteceu naquela noite?»

Ele suspirou. «Não sei porquê. Foi como um ataque de loucura.»

De repente tudo se tornou demais para ele. A cena terrível na linha de comboio surgiu-me na mente. O Nigel conduziu até à linha, deixou a mota que tanto adorava ao lado dos carris, colocou o capacete no selim e caminhou para a frente de um comboio.

«Porque é que não fizeram uma autópsia à minha cabeça?», exclamou ele. «Teriam encontrado um coágulo de sangue no cérebro. Foi isso que provocou tudo.»

Mas agora estava bem, queria garantir à mãe. A única coisa que o tornava infeliz era a infelicidade dela. Estava a ser cuidado pela avó e visitava frequentemente a família no cottage deles em Leicestershire. Sabia do casamento da irmã e queria que ela soubesse que ele estaria presente.

No final da sessão, tanto a Betty como o Nigel pareciam mais calmos e depois a Betty escreveu-me:

«A Lois e eu vínhamos de Londres nas nuvens, tão entusiasmadas com o contacto maravilhoso. A Lois disse que eu parecia outra, que o peso da tristeza tinha desaparecido dos meus olhos. Engraçado, porque hoje os meus amigos no trabalho disseram que eu parecia mais feliz…

Agora sinto-me em paz por saber que o Nigel está em segurança com a minha mãe e toda a família. Estou contente por esperar para me juntar a ele, quando há apenas algumas semanas sentia que não conseguia viver sem ele…»

Margery Foden-Clarke estava num estado semelhante ao da Betty quando veio ter comigo. O filho dela, David, saiu para a cozinha numa

tarde de domingo para fazer uma chávena de chá, ou pelo menos foi o que disse que ia fazer. Em vez disso, enforcou-se.

Parecia tão sem sentido. Estava rodeado de pessoas que o amavam: a mãe, a irmã, a mulher e as duas filhas lindíssimas. Tinha uma casa agradável e um bom emprego. Além disso, era um homem atencioso. O que raio o poderia ter levado a causar tanto sofrimento à família e tanto horror à mulher que encontrou o corpo?

Era uma pergunta que girava incessantemente na cabeça da Margery. Sentada na minha sala de estar, mexia nervosamente na chávena de chá enquanto explicava as coisas que mais a atormentavam na tragédia.

«Bem, vamos ver o que o David tem a dizer», propus eu e sintonizei-me.

Logo ouvi a voz de um homem, muito calorosa e carinhosa, mas com uma tensão por baixo.

«Esforcei-me muito, sabes», disse ele. «Esforcei-me tanto com a minha vida… mas havia qualquer coisa no fundo da minha mente. Pensava que tinha um tumor no cérebro.

Estava doente. Não estava a brincar. Às vezes sentia que a cabeça me ia explodir. Segurava a cabeça com as mãos, mas não conseguia fazer com que eles compreendessem…»

A Margery confirmou que o David estava preocupado com a saúde, mas o médico não encontrara nada de errado com ele.

O David continuou a dar mais nomes da família e depois voltou ao dia da tragédia.

«Ia fazer chá e de repente tudo se tornou demais para mim. Disse que tinha vontade de acabar com tudo e pareceu-me que alguém respondeu: "Porque não fazes isso mesmo?" A dor voltou, tomei uns comprimidos e não me lembro de muito mais.» Foi então que se enforcou.

«Só queria paz e sossego», disse ele, «e queria que a dor parasse, mas não correu como eu pensava. Continuava vivo. Fui para o hospital aqui e dormi.»

Quando acordou novamente do outro lado, a dor tinha desaparecido e teve tempo de perceber o que fizera à família. Parecia feliz no mundo espiritual, mas queria que a família também estivesse.

«Desejo o melhor à minha mulher», disse ele. «Espero que encontre um homem bom que cuide dos meus filhos. Podes pedir à minha mãe que

saia e faça trabalho voluntário ou qualquer coisa? Ela sente-se muito sozinha. Vive sozinha só com o cãozinho.»

Tal como o Nigel, estava arrependido do que tinha feito.

«Podes perdoar-me?», perguntou à mãe. «Tenho medo de ter deixado muita confusão para trás…»

Ainda vejo a Margery de vez em quando. Claro que tem dias maus, como todos nós. Mas sente-se próxima do David. Ele faz-se sentir frequentemente na casa e ela sabe que, sempre que precisar dele, ele não está muito longe.

CAPÍTULO 12

Edimburgo 1 de setembro de 1982

Cara Doris Stokes,

Ontem à noite a minha filha e eu fomos às Assembly Rooms ver-te.

Enquanto esperávamos na fila para entrar, disse à minha filha: «Se todos estes espíritos estão alinhados para dar mensagens, o teu pai vai estar a dizer "Depois de ti, depois de ti". É tão educado do caraças que ou fica para último ou perde a vez toda.»

Pois bem, fui a última pessoa com quem falaste. Aquela que perdeu uma carteira com 25 libras e que tem um aniversário este mês. E depois disseste que tinhas de acabar. Ai, a frustração de não poder ouvir mais!

De qualquer modo, a minha filha e eu ficámos tão entusiasmadas com o pouco que nos disseste que saímos da câmara municipal a sentir-nos felicíssimas.

Há alguma possibilidade de uma sessão privada? Estou com os dedos cruzados.

Com muita esperança 1206 Mrs. Miller

Edimburgo 6 de setembro de 1982

Cara Sra. Stokes,

Por causa da forma como lidaste ontem à noite, em condições que devem ter sido muito difíceis, tenho de agradecer-te a ti e ao Ramanov.

Conseguiste chegar até mim (eu estava de vestido azul, sentada à direita do "ator") através de "alguém numa cervejaria". Era o meu pai que morreu na guerra de 1914 juntamente com três irmãos da minha mãe. Uma família inteira de jovens massacrada.

O outro nome, Duncan, deixou-me espantada, por isso pensei imediatamente em Frank Duncan (depois deste-me o Frank), mas depois de sair do salão lembrei-me de que, quando era muito pequena, Isadora Duncan, a grande bailarina, tinha vindo como guia. Também me deste Louise e, como temos ascendência francesa, é provável.

As duas alianças de casamento estavam certas e o colar também.

Tenho intenção de voltar esta noite. Nunca tinha tido o meu pai a vir ter comigo antes.

Muito amor para ti Jean Bruce

Edimburgo 9 de setembro de 1982

Cara Doris,

Assisti a duas das tuas sessões nas Assembly Rooms este mês. Li os teus dois livros e aguardo com expetativa o que estás a escrever neste momento.

Ouvi-te falar com a jovem cuja mãe tinha passado com leucemia. Foi uma experiência privilegiada. Logo a seguir fizeste-nos rir à gargalhada com o casal a quem deixaram um gato muito mimado aos cuidados!

Obrigada por teres vindo a Edimburgo.

Com os meus cumprimentos Mary Sleight

Strathclyde 10 de setembro de 1982

Cara Doris,

Tive de escrever-te. Fui a senhora cuja menina esteve lá na segunda e na terça à noite. Obrigada um milhão, Doris. Estava demasiado emocionada para falar muito. Gostaria muito que tivesses uma fotografia, mas não consigo separar-me da que tenho.

Vejo a minha pequena muitas vezes. Sou uma das afortunadas que viram espírito em forma física.

Oh, Doris, obrigada um milhão. Tentei uma leitura, mas sei que os que tiveram sorte são as pessoas que mais precisavam de conforto. Por favor lembra-te da minha pequena na tua festa de Natal.

Que Deus te ab (Deus te abençoe) Rose Keenan

Dumfries 11 de setembro de 1982

Cara Doris,

Foi tão bom conhecer-te e pareces muito mais nova do que a fotografia dos livros.

Nunca encontrarei ninguém que me possa tranquilizar mais de que voltarei a encontrar a minha querida Morag. Lamento ter estado tão apática e triste. Preciso dos medicamentos para conseguir passar os dias e trabalhar.

Muitos dos nomes que me deste não me disseram nada na altura, mas depois lembrei-me de muitos deles. O Derek é o namorado da Fiona. Perguntei-me o que a Morag diria sobre isso.

Vais ver pela fotografia da Morag que ela é exatamente como descreveste. Como gostaria que o acidente nunca tivesse acontecido e que pudéssemos continuar todos a lutar juntos, mas pelo menos sei que um dia poderei voltar a abraçá-la.

Sou tão grata por alguém como tu, Doris, ter recebido este dom.

Que Deus te abençoe, Moira

Uma das coisas mais entusiasmantes que fiz no ano passado foi participar no Festival de Edimburgo e estas cartas são apenas um punhado, escolhidas ao acaso, das centenas que recebi depois da minha visita.

Agora, provavelmente estás a perguntar-te o que raio eu estava a fazer no Festival de Edimburgo, no meio de toda aquela cultura e talento ultra-modernos. Só posso dizer que muitas vezes me perguntei o mesmo.

O lugar estava cheio de gente esquisita. Pessoas muito simpáticas, como se veio a verificar, mas definitivamente esquisitas para uma senhora de sessenta e três anos como eu.

Não conseguia entender nada. Tomemos o exemplo da rã. O que dirias a uma rã que se aproximasse de ti no restaurante enquanto estavas calmamente a tomar o teu café da manhã? Lá estava eu, acabadinha de sair do cabeleireiro, toda descontraída depois de um bom bocado debaixo do secador, e ergui os olhos do café para dar de caras com uma rã. Bem, não era uma rã verdadeira. Por baixo, acho que era uma rapariga, mas os pés estavam pintados de verde, as mãos pintadas de verde, trazia um fato castanho largo e um enorme cabeça de rã de papier-mâché por cima da sua.

Creio que pousou a chávena com um certo estrondo perante aquele espetáculo extraordinário, mas a rapariga não pareceu notar nada de estranho. Sem fazer qualquer referência à sua aparência, disse:

«Só queria dizer-te que vi o teu espetáculo na outra noite. Achei maravilhoso. Quando te vi aqui sentada, tive de vir falar contigo.»

«Oh», respondi eu. «Bem, muito obrigada.»

De alguma forma, os meus olhos ficaram fixos naquela enorme cabeça de papier-mâché e não consegui pensar em mais nada para dizer.

Ela sorriu – pelo menos acho que sorriu por baixo daquela máscara; se não sorriu, a voz certamente sorriu – e desejou-me boa sorte. Depois foi embora para onde quer que tivesse vindo. Olhei para o John, mas pela primeira vez fiquei sem palavras.

Houve muitos outros espetáculos estranhos durante aquelas duas semanas, mas pouco a pouco fomo-nos habituando. Quando entrei no foyer e vi duas raparigas vestidas de preto dos pés à cabeça, pintando pacientemente o rosto uma da outra com quadrados, triângulos e círculos multicoloridos, quase nem achei estranho.

Edimburgo era um lugar lindíssimo. O vento era gelado e havia ruas íngremes e empedradas que por vezes eram difíceis, mas bastava olhar para aquele castelo imponente todo iluminado no alto do rochedo para esquecer o frio. E tenho de dizer que o ar tónico me fez mesmo bem. Apesar de estar a trabalhar muito, voltei para casa sem as olheiras que tinha há tanto tempo que pensava que eram uma característica permanente do meu rosto.

Desta vez seria muito melhor se ficássemos num apartamento independente em vez de num hotel, pensámos o John e eu. Assim não tínhamos de nos preocupar em incomodar as pessoas com refeições a horas estranhas e podíamos entrar e sair à vontade. Por isso pedimos a uns amigos que nos arranjassem um apartamento para as duas semanas.

Tenho de dizer que nos trataram regaladamente. O lugar que encontraram pertencia a um Sr. Wong e cabia o nosso apartamento de Londres na sala de estar e ainda sobrava espaço.

Quando entrámos pela primeira vez, largámos as malas e ficámos de boca aberta. Uma parede era coberta inteiramente por azulejos espelhados. Outra era cor de laranja com cortinas a condizer e numa terceira parede estava um retrato de corpo inteiro do Gordon Jackson vestido de mordomo de Upstairs Downstairs. Quanto à cozinha, era tão elegante e moderna que pensei que seria preciso licença de piloto para operar os aparelhos. Não seria maravilhoso se pudesse levá-la comigo para casa, pensei.

Estávamos certamente confortáveis, a cidade era linda e a atmosfera nas ruas era amigável e excitante. Apesar disso, estava apreensiva.

Não conseguia ver como me encaixava naquele festival moderno e jovem. Com certeza as pessoas que vinham ver todo aquele teatro e dança

experimental não seriam o tipo de pessoas interessadas numa avozinha como eu.

E se ninguém aparecesse nas demonstrações? Ficaria com um ar bem parvo.

O Ramanov devia estar a ranger os dentes de frustração por me ouvir duvidar outra vez. Sempre me dissera para confiar. Se eu confiasse, não teria preocupações. E, claro, eu devia ter percebido que tudo correria bem. O mundo espiritual não me teria enviado para o festival se não achasse que era importante.

Naquela primeira noite tive de trabalhar muito para estabelecer rapport com a assistência e, quando consegui, parecia que estava a receber as mensagens erradas.

Veio uma rapariga jovem. Disse que se chamava Morag e deu-me também um apelido escocês, mas pediram-me para não o mencionar. Disse que procurava a Moira e que tinha o Robert com ela.

Esta informação fez cair um grande silêncio sobre a plateia. Ninguém reconhecia uma Morag.

«Desculpa, amor», disse eu. «Não há aqui ninguém que te conheça.»

A Morag foi-se embora a contragosto e depois disso as outras mensagens fluíram.

Na noite seguinte, porém, a Morag voltou. Era uma rapariga persistente. Parecia convencida de que a Moira devia estar presente, mas continuava ninguém a reclamá-la e tive de a mandar embora sem fazer contacto. Mais uma vez a sessão correu bem depois de ela se ir embora.

Pouco depois, porém, uma senhora que disse chamar-se Moira telefonou-me. Alguém lhe tinha falado da mensagem não reclamada e ela pensou que poderia ser para ela. A filha dela chamava-se Morag e o pai da Morag, Robert, também estava do outro lado. Pareceu-me bastante conclusivo e ela perguntou se podia ter uma sessão privada.

«Está bem, amor», disse eu, folheando a agenda cheia de marcações. «Consegues na próxima sexta-feira às doze?»

Ela disse que sim.

Entretanto, as demonstrações públicas estavam a atrair bastante público. Lembro-me de uma às cinco da tarde em que o rapport foi tão bom que parecia que não conseguia parar e o ambiente mudava de felicidade para tristeza e voltava outra vez a cada mensagem que chegava.

Uma jovem mãe que tinha partido cedo com leucemia voltou para falar com a filha. Deu vários nomes da família e depois disse que uma das irmãs da rapariga, a Donna, se não me engano, ia casar-se.

«Podes pedir-lhe que ponha um pequeno botãzinho de rosa no bouquet por mim?», pediu ela. «E diz-lhe: "É da mamã. A mamã vai estar lá."»

Ao ouvir isto, a rapariga desatou a chorar de repente e, quando ergui os olhos, parando um momento para lhe dar tempo de se recompor, vi que a plateia era um mar de lenços. Até os homens choravam.

Cinco minutos depois houve um contraste total. A luz espiritual saltou para duas senhoras idosas sentadas lado a lado. Eram irmãs, iguais como duas gotas de água, e uma voz deu-me os nomes delas e vários detalhes pessoais.

Cada vez que eu dizia algo certo, davam cotoveladas uma à outra, quase se atirando das cadeiras, e riam-se tanto que mal conseguiam falar.

De repente, quem quer que estivesse a falar do outro lado disse: «E diz-lhes que sabemos que têm o gato grande ruivo e que estão a ter de tomar conta dele.»

Houve um suspiro e cotoveladas ainda mais fortes. Depois desataram em gargalhadas histéricas.

«É verdade?», perguntei eu. «O gato é da irmã delas e ela foi para a Austrália?»

«É», balbuciou uma delas. «Foi e deixou-me o gato aos cuidados e ainda por cima é caríssimo. Não me disse que tinha uma dieta especial!»

Bem, o lugar estava a abanar tanto que apareciam cabeças à porta para ver o que raio estávamos a fazer.

Numa sessão posterior, não parava de ouvir algo sobre uma quantia em dinheiro. Cinquenta libras.

«Pagaste isso por alguma coisa», disse eu à mulher com quem estava a falar, mas não, ela não percebia o que eu queria dizer.

Continuei, mas a meio de uma mensagem para outra pessoa tive de parar e voltar atrás. As cinquenta libras não paravam de aparecer até as identificarmos.

«Desculpa», disse eu, «mas estas cinquenta libras são para ti e têm a ver com um fogão a gás.»

A mulher deu um grito e tapou a boca com as mãos.

«Meu Deus. Ela só partiu há duas semanas e eu comprei-lhe o fogão a gás. Paguei mesmo cinquenta libras por ele.»

Chegámos lá. Uma sensação de satisfação inundou o meu contacto muito asseado do outro lado.

«Ela fez um bom negócio», disse a voz. «Estava quase novo.»

«Sim, estava», concordou a mulher. «Agradece-lhe muito.»

A notícia espalhou-se sobre o que estava a acontecer e em breve outros artistas entravam discretamente no salão depois dos seus próprios espetáculos e sentavam-se nas escadas ou ficavam de pé lá atrás. Começaram a chegar pequenas prendas ao teatro para mim, tal como acontecia quando estive na Austrália. Uma senhora deu-me um vaso de cristal do tamanho certo para flores para os meus filhos espirituais. Outra pessoa trouxe-me um alfinete com penas e uma velhinha deu-me umas conchas lindas de madrepérola, todas limpas e polidas. Pus-as no meu armário.

Algumas pessoas claramente tinham sentimentos mistos no início. Saí do camarim uma noite e quase tropecei numa mulher que estava decididamente parada à porta. Não tinha tido intenção nenhuma de vir, disse-me ela. Tinha lido sobre o meu trabalho e pensava que, se Deus ia dar um dom destes a alguém, o daria a padres e freiras, não a donas de casa vulgares.

No último minuto, porém, mudou de ideias. Algo a fez vir ao teatro ver por si própria e, depois do espetáculo, ficou tão impressionada que sentiu necessidade de vir falar comigo. Enquanto conversávamos, ouvi a voz de um jovem ao fundo. Era o filho dela, que tinha sido morto.

Bem, o que podia eu fazer? Mal podia mandá-la embora, por isso dei-lhe uma sessão privada rápida. Assim que me sintonizei, senti-me atirada violentamente ao ar e depois uma dor na garganta. Pelo visto, tinha sido um acidente de carro e o irmão do rapaz conduzia. Alguém chamado Donald tinha partido ao mesmo tempo.

Não ia, porém, deixar a Escócia sem provocar um pouco de polémica. Parece que se está a tornar um hábito nestes últimos tempos, embora não o faça de propósito.

Bastantes jornalistas vieram entrevistar-me para os jornais escoceses enquanto lá estive e, numa dessas entrevistas, perguntaram-me o que pensava sobre Deus.

«Quer dizer, eu não acredito em Deus», disse a rapariga, virando uma página nova no bloco. «E tu?»

«Oh, sim», respondi eu. «Sem Deus eu não poderia existir e certamente não conseguiria fazer o meu trabalho.»

A rapariga franziu o sobrolho. Obviamente não era o que queria ouvir.

«Bem, e como te posicionas em relação a Jesus?»

E eu disse-lhe aquilo em que acredito. Não peço a ninguém que acredite nisso. Não estou a dizer que é cem por cento correto. É simplesmente a minha visão, mais nada.

«Bem, acho que Jesus Cristo foi o maior médium e curador que alguma vez viveu e que foi morto por razões políticas pelas pessoas da igreja», disse eu. «Tinham medo dele porque perceberam que ele tinha algo que a igreja não podia oferecer.»

A rapariga escrevia furiosamente. «E quanto à crucificação?»

«Bem, aconteceu», disse eu, «mas não acredito que, por Jesus ter sido crucificado, ele me possa lavar dos pecados. Ele não pode assumir responsabilidade pelo que eu faço. Só eu posso fazer isso. Se fizer algo errado, não posso simplesmente entrar na igreja, limpar a ardósia e sair para fazer outra vez. Sou responsável pelas minhas ações e, se fizer algo errado, tenho de pagar por isso.»

A jornalista pareceu bastante satisfeita com isto e, depois de mais algumas perguntas, arrumou as coisas e foi-se embora.

Mas quando o jornal saiu, em letras garrafais na coluna estava: «Doris Stokes Não Acredita Que Jesus Era o Filho de Deus.»

Isto perturbou muita gente e, em particular, perturbou um dos meus consulentes. Durante três meses antes do Festival, um certo senhor tinha escrito regularmente ao gabinete do promotor para marcar uma sessão privada. Depois, à medida que o Festival se aproximava, começou a telefonar de poucos em poucos dias para confirmar que a marcação estava em ordem. Garantiram-lhe que sim. A marcação dele era para quinta-feira às 12h00.

O dia da sessão calhou exatamente no dia em que saiu esta notícia no jornal. Eu estava irritada por ter sido mal interpretada, mas quando a campainha tocou às 12h00, obriguei-me a acalmar. Não seria justo descarregar no pobre homem que esperava há tanto tempo por uma sessão.

O John foi à porta, mas ficou surpreendido ao encontrar uma rapariga jovem.

«Vim ver a Doris Stokes», disse ela.

«Não, lamento, deve haver algum engano, querida», respondeu ele. «Ela está à espera de um senhor dentro de momentos.»

«Oh, ele não vem», disse a rapariga. «Deu-me a marcação dele.»

Pelo visto, o homem tinha ficado tão zangado com o que eu supostamente dissera no jornal que se recusou a vir, mas como a rapariga estava curiosa sobre o que eu fazia, disse-lhe que ela podia ir no lugar dele.

O John deixou-a entrar no hall, meio desconfiado, e veio falar comigo. Certa ou errada, fiquei furiosa quando soube. Pensei em todas as pessoas desesperadas em Edimburgo a quem tínhamos tido de dizer que não porque todas as marcações estavam tomadas. Todas aquelas pessoas que tinham perdido filhos, maridos ou mulheres e ansiavam por consolo. Pessoas que saltariam de alegria por uma marcação cancelada, e ele achava que estava tudo bem mandar alguém que só tinha curiosidade.

«Não», disse eu ao John, «não faço. Guardo a minha energia para quem realmente precisa de ajuda.»

Infelizmente o John foi transmitir esta mensagem à rapariga no hall. Quando a porta da rua bateu atrás dela, eu já estava arrependida das palavras duras.

Talvez estivesse a ser injusta. Afinal, a culpa não era da rapariga. Talvez tivesse sido demasiado precipitada.

Tristemente comecei a folhear o jornal com aquela sensação desagradável no estômago que é causada por uma má consciência. A campainha tocou outra vez. Se for a rapariga de volta, talvez deva recebê-la, estava eu a pensar, quando o John pôs a cabeça à porta.

«É a Moira», disse ele, «enganou-se no dia. Disseste sexta-feira às 12h00, mas ela anotou quinta-feira às 12h00.»

Suspirei de alívio. Afinal, tinha feito o correto.

Levantei-me e fui à porta.

«Não faz mal, amor», disse eu. «Entra.»

Fiquei muito contente por estar livre para ver a Moira naquele dia. Ela viajara uma grande distância para me encontrar em Edimburgo e estava tão destroçada pela perda da filha que tinha pensado em tomar uma overdose.

Quando a Morag veio falar comigo, senti-me atirada violentamente ao ar e depois uma dor na garganta. Pelo visto, a Morag estava num carro quando a porta se abriu e ela foi projetada para fora. Bateu num poste de paragem de autocarro e morreu instantaneamente. Durante a sessão deu os

nomes do irmão e da irmã e do namorado da irmã. Também mencionou uma fotografia que a mãe tinha.

«O camião que trago na fotografia é aquele que a mãe tirou da gaveta e encostou ao rosto», disse ela.

Estava muito preocupada com a mãe por causa dos comprimidos de que precisava para aguentar a dor.

«Por favor não, mamã», repetia ela. «Por favor não faças isso.»

Estava tão angustiada que a mãe prometeu tentar reduzir, embora não sentisse que conseguiria passar sem eles completamente.

Estranhamente, enquanto estive em Edimburgo, tive a oportunidade de ajudar alguém que normalmente trabalhava a apenas dez minutos de minha casa em Londres.

O produtor do Jimmy Young Show tinha andado a telefonar por todo o lado em Edimburgo numa tentativa desesperada de me encontrar. Pelo visto, o Jimmy devia partir para uma tournée de divulgação do novo livro, mas no último minuto recusou-se a ir.

Dois incidentes convenceram-no de que correria perigo. Uma médium tinha ligado para a BBC a dizer que vira uma nuvem negra sobre o Jimmy Young e que achava que era um aviso. Depois um amigo do Jimmy foi a um curador e o curador disse-lhe que via um homem ligado a ele num acidente de avião. Via um avião pequeno e um homem desfalecido lá dentro com um golpe na cabeça.

O Jimmy juntou as duas mensagens e concluiu que o seu pequeno avião ia despenhar-se durante a tournée pelo país. Os editores estavam desesperados. Será que eu poderia ajudar a tranquilizá-lo?

«Bem, falo com ele», disse eu, «mas se sentir que ele está em perigo, tenho de o dizer.»

«Bem, sim, claro», responderam eles, «afinal não queremos que lhe aconteça nada. Só queríamos saber se ele não estará a reagir exageradamente.»

Estava bastante entusiasmada enquanto esperava que o Jimmy Young viesse ao telefone. Sempre gostei do prog dele, como ele lhe chama, e tem pessoas interessantes.

Estava ali sentada com o auscultador na mão, a sonhar acordada se devia pedir-lhe para tocar um disco do Jim Reeves para mim, quando uma voz alegre e animada estalou de repente no meu ouvido.

«Olá, Doris? Como estás?»

Era o Jimmy e parecia exatamente como no rádio. Explicou com mais detalhe os avisos e o que sentia sobre eles.

«Algumas pessoas podem achar que estou louco, Doris», disse ele, «mas não quero correr o risco.»

«Bem, espera um minuto. Vamos ver se encontramos algum dos teus familiares do outro lado e perguntamos», disse eu.

Sintonizei-me e, passados momentos, contactei o pai do Jimmy.

«Diz-lhe para não ligar», disse o pai. «Ele vai ficar bem. Eu estarei com ele e não lhe acontecerá nada.»

Transmiti a mensagem juntamente com outros pequenos pormenores e o resultado foi que o Jimmy fez a tournée do livro e depois voou para a Austrália também.

Enviou-me um exemplar autografado do livro como recordação.

As pessoas ainda têm ideias muito estranhas sobre o nosso trabalho. Quando regressei a Londres, recebi uma carta de uma mulher que dizia que o vigário lhe tinha dito que ela era pecadora por ler livros tão malignos como os meus. Já recebi bastantes cartas assim ao longo dos anos. Quem escreve costuma estar perturbado com a atitude pouco compreensiva do clérigo, mas determinado a continuar a ler.

«Não me interessa o que ele diz», escrevem muitas vezes, «ninguém mais conseguiu dar-me o conforto que encontrei nos teus livros.»

É uma pena, mas neste momento a igreja ortodoxa não consegue decidir-se sobre os médiuns. Alguns clérigos consideram-nos servos do diabo, enquanto outros acham que somos maravilhosos. Em muitas ocasiões partilhei o palco com vigários e até dei uma sessão ao Bispo de Southwark no Palácio de Southwark.

No entanto, curiosamente, esse incidente ilustra a atitude confusa da igreja em relação ao espiritismo. Um amigo meu, o Rev. Terry Carter, tinha-me levado a conhecer Mervyn Stockwood, que era Bispo na altura. O Terry ia aparecer comigo no palco no nosso serviço de Páscoa.

Entrámos pelos enormes portões do Palácio de Southwark e fomos conduzidos por salas lindíssimas até ao Bispo. Não sei o que esperava, mas Mervyn Stockwood não desiludiu de certeza.

Estava sentado no seu trono de bispo ornamentado, com uma esplêndida robe púrpura, e senti-me como se estivesse a conhecer o Rei. Estava um pouco nervosa no início, mas mesmo assim tivemos uma sessão interessante e depois caímos em conversa geral.

O Terry Carter tinha falado ao Bispo sobre os seus planos de conduzir o serviço de Páscoa para nós, mas havia um ponto sobre o qual precisava de conselho.

«Acha que seria correto usar o meu colarinho, Bispo?»

O Bispo pensou um ou dois momentos. «Oh, acho que não», disse ele, duvidoso. «Não, acho que não seria conveniente.»

Não estava exatamente a proibir, mas a reação dele irritou-me.

«Bem, acho que é um hipócrita», disparei antes de me conseguir conter.

O Bispo ergueu as sobrancelhas. «Porque dizes isso, Doris?», perguntou educadamente.

Já estava feito, pensei, por isso mais valia dizer o que pensava. «Bem, olhe para si», disse eu. «Aí está sentado todo de púrpura com o anel de bispo ao dedo enquanto eu lhe dou uma sessão e no entanto diz que o Terry não deve usar o colarinho para conduzir um serviço religioso. Acho isso hipócrita. Devia ser deixado ao critério do Terry.»

Acho que ele ficou bastante surpreendido com este desabafo, mas o Bispo portou-se muito bem. Concordou que eu tinha razão e que o Terry devia deixar que a própria consciência o guiasse no assunto.

E na Sexta-Feira Santa, enquanto nos preparávamos para a sessão em Brixton, o Rev. Terry Carter subiu corajosamente ao palco com o seu colarinho de padre bem visível para todos.

CAPÍTULO 13

Da última vez que estive no hospital, um amigo irlandês veio visitar-me.

«Pareces estar sempre no hospital, Doris», disse ele. «Quantas operações já fizeste agora?»

Rapidamente contei pelos dedos.

«Devem ser doze», respondi. «Tiraram-me uma mama, a tiroide, a vesícula, os ovários, fiz uma histerectomia e sete outras operações menores.»

O meu amigo ouviu esta lista impressionante com espanto.

«Bem, sabes o que é, não sabes?», disse ele por fim.

«Não. O quê?»

«Querem-te do lado do espírito, mas não te podem ter porque estás muito ocupada, então estão a levar-te aos bocadinhos!»

Bem, desatei a rir. Foi a coisa mais engraçada que ouvi em muito tempo. Ri-me tanto que tive de fazer o meu amigo prometer que não contava mais piadas – era demais para os meus pontos.

Mas depois pôs-me a pensar. Na minha idade e com todas as operações que já tive, não podia deixar de me perguntar quanto tempo me restava. Seria esta operação a última? Perguntei ao Ramanov.

«Ramanov, podes dizer-me quanto tempo me resta?»

Houve um longo silêncio. Depois veio uma das suas respostas tipicamente enigmáticas.

«Terás tempo suficiente para fazer o trabalho que Deus quer que faças.»

Portanto, não era para saber. Bem, na verdade não importava. Não tenho medo de morrer. Sei que é uma grande aventura que tenho pela frente e, embora não tenha pressa de deixar o John e o Terry e todas as pessoas que amo na Terra, alegra-me pensar que um dia voltarei a ver o meu John Michael. Poderei pegá-lo nos braços e nunca mais nos separaremos.

Por isso, a todos os pais como eu que perderam filhos, gostaria apenas de dizer: por favor, não deixem o quarto do vosso filho como um santuário. Por favor, não se afastem dos que ficaram.

Ponham os brinquedos e as roupas dele a bom uso. Abracem os filhos que ainda têm e agradeçam a Deus a alegria daquele filho especial que vos foi emprestado por pouco tempo, na certeza absoluta de que um dia, quando o vosso trabalho estiver concluído, o voltarão a ver.

Não fiques junto à minha sepultura a chorar… Não estou lá – não durmo, Sou mil ventos que sopram, Sou a neve que cai suavemente, Sou as chuvas suaves que caem, Sou os campos de trigo maduro. Estou no silêncio da manhã, Estou no voo gracioso De belas aves em círculos, Sou o brilho das estrelas à noite. Estou nas flores que desabrocham, Estou num quarto silencioso. Estou nos pássaros que cantam, Estou em tudo o que é belo. Não fiques junto à minha sepultura a chorar – Eu não morri…

Mary E. Frye 1932